Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 62.º N.º 20 977
Outubro 1982
Terça-feira
12
20$00

Que alternativa para o Governo da AD?

Debate na TV confirmou "fosso" entre PS e PCP

Comentário e noticiário nas págs. 4 e 5

Salgueiro insiste em abrir a Banca a capitais privados

O ministro das Finanças, João Salgueiro, prometeu ontem, desta feita a centenas de banqueiros estrangeiros reunidos no Algarve, que o seu Governo vai abrir a Banca e os Seguros a capitais privados, nacionais e internacionais.

Esta garantia do ministro, que traduz o essencial das promessas da AD à sua clientela política, desde há vários anos, será possível, segundo o ministro, com a entrada em vigor da nova lei constitucional. A cumprir-se, será posto fim ao exclusivo público da actividade bancária no nosso país.

Salgueiro anunciou, ainda, a intenção de encerrar empresas públicas que considere inviáveis, algumas já dentro de meses, e entregar a gestão de outras concretamente e de imediato, a Setenave – a grupos financeiros privados.

Segundo uma nota emitida esta manhã pela central sindical CGTP-IN, estas promessas de João Salgueiro aos banqueiros estrangeiros traduzem «claramente a estratégia da governação: criar condições para asfixiar financeiramente as empresas para as encerrar depois, declarando-as inviáveis».

Estas revelações do ministro das Finanças denunciam, segundo a CGTP, «o objectivo declarado do Governo AD de destruição do sector público da economia portuguesa».

Pág. 16

Na página 3

Vasco Gonçalves comenta nova Lei da Defesa

Melo Egídio ao "DL"

Tropas portuguesas têm capacidade para integrar qualquer força da ONU

Pág. 6

Portugueses raptados em Moçambique

As Forças Armadas Moçambicanas desencadearam operações de busca dos sete portugueses ontem raptados por guerrilheiros antigovernamentais, em Maforga, na província de Manica. Os portugueses, que trabalhavam no oleoduto local, teriam sido raptados, segundo observadores políticos em Maputo, numa acção de retaliação contra o Governo de Lisboa, devido à limitação das actividades do porta-voz dos rebeldes na capital portuguesa, Ivo Fernandes. Aparentemente, os guerrilheiros pretendiam raptar todos os portugueses, em número de doze, que se encontram em Maforga, no oleoduto referido.

Pág. 6

HOJE: MAIS 3 LETRAS DO JOGO 6

5.º PRÉMIO: UM RÁDIO DE MESA GRUNDIG

AMANHÃ uma letra bónus oferta da NACIONAL RÁDIO

Da mesma esfera donde saem as letras que diariamente publicamos e que, numa linha vencedora de 7 letras, lhe dão magníficos prémios, foi extraída MAIS UMA LETRA BÓNUS, oferta da NACIONAL RÁDIO, letra que será publicada amanhã, dentro de um anúncio da NACIONAL RÁDIO, e que o leitor poderá usar no seu Jogo do Nome. Não se esqueça: amanhã uma letra extra!

Gomes Freire de Andrade e a Conspiração de 1817

Santos Chambino

«As chamas do Campo de Santana nem tudo devoraram. O cordel homicida que, em S. Julião da Barra, estrangulou a vida heróica a um inocente que, em Oczakow, honrara a farda do militar português, criou prosélitos passada a primeira impressão de terror. Nem todos os portugueses se acobardaram. Superior à existência e aos gozos de uma sórdida quietude, pairava no céu constelado do Norte a imagem da Pátria aos baldões da sorte e aos repelões ferozes da realeza, corroída de misérias e assistida por conselheiros funambulescos...» (António Claro – «O Pelourinho»)

A vitória contra os invasores franceses foi possível graças à conjugação de esforços das massas populares e do exército nacional, auxiliados pelas tropas inglesas. Mas os ingleses fizeram-se pagar lautamente da ajuda que nos prestaram, e, terminada a guerra, Portugal mais parecia uma colónia da Inglaterra que um país independente.

A partir de 1808 a Inglaterra ficou, praticamente, senhora do comércio brasileiro. Abertos os portos da nossa colónia americana ao comércio e navegação das potências amigas, a produção portuguesa estava impossibilitada de competir com os produtos ingleses, dado que a Inglaterra, altamente industrializada, possuia também uma poderosa frota comercial. Lisboa deixou de ser, assim, escala obrigatória da produção brasileira, que era directamente encaminhada para os países compradores.

Com o tratado de comércio de 1810 maiores vantagens os ingleses conseguiram: desde então eram senhores do monopólio do comércio brasileiro.

Perdido o mercado americano e impossibilitada de competir, mesmo a metrópole, a indústria portuguesa ficou sem meios de se recompor e desenvolver, arrastando as fábricas vida precária e acabando muitas delas por suspender a laboração.

Arruinados o comércio, a indústria e a agricultura, era quase geral o descontentamento dos portugueses, que não estavam dispostos a aceitar a supremacia dos ingleses e a sua ingerência no governo do país.

Carlos Stuart, ministro inglês em Portugal, fazia parte da Regência. O marechal Beresford (William Carr Beresford), que depois da primeira invasão dos franceses foi encarregado de organizar o exército português, acabou por ficar. Governador de facto de Portugal, sobrepunha-se à Regência e, comandante em chefe do Exército, colocara nos postos de chefia oficiais ingleses.

As prepotências do «ridículo aventureiro» inglês ofendiam os militares portugueses, perseguidos, subalternizados, preteridos a favor dos ingleses.

Os protestos contra o domínio exercido pela Inglaterra sobem de tom, e ocultamente conspira-se. Circulam panfletos contra Beresford e a Regência. A 31 de Maio de 1817 a Regência ordenava que se fizessem averiguações sobre uma conspiração «formada por alguns traidores, os quais... conceberam o louco e detestável projecto de estabelecer um governo revolucionário...»

Não comprometido com Beresford nem com os governantes, que procuravam captá-lo, o general Gomes Freire de Andrade, vivia modestamente. Gozava, no entanto de grande prestigio popular e entre os descontentes, que desejavam tê-lo como chefe, embora, parece, não participasse das reuniões conspiratórias dos que pretendiam arrancar a Beresford a efectiva governação do país.

Gomes Freire fora eleito grão-mestre da Maçonaria Portuguesa em 1816. Servira no exército da Rússia e de tal modo se distinguira na tomada de Okzakof contra os turcos (1788) que Catarina II lhe concedera o posto de coronel e a Cruz de S. Jorge. Portou-se valorosamente na campanha do Russilhão, contra os franceses. Depois da invasão do nosso país seguiu para a França como comandante do corpo de legionários portugueses organizado por Junot e que na Europa combateram integrados no exército francês.

Quando a paz voltou a reinar na Europa, Gomes Freire de Andrade, então com 58 anos (nascera em Viena a 27 de Janeiro de 1757) regressou a Portugal (1815). Suspeito de ideias liberais, prenderam-no logo à entrada no nosso país: sobre ele recaíam as desconfianças da Regência e de Beresford e encerraram-no na Torre de Belém, embora por pouco tempo.

As inconfidências do capitão António Cabral Calheiros, no café Marrare, puseram Beresford na pista da conspiração. O capitão Morais Sarmento, que se encontrava no café, tomou sobre si o vil papel de denunciante e de, com outro indivíduo de igual craveira moral – o bacharel João de Sá Pereira, conterrâneo e conhecido do capitão Calheiros –, entrar, por imposição de Beresford, «no número dos conspiradores, para vir no conhecimento de tudo o que se tramava, e o estado em que se achava a conspiração a fim de se poderem tomar a tempo as medidas convenientes para impedir os seus progressos». Estas são palavras do próprio Sarmento, que se prestou ao infame «serviço, do qual **(segundo Beresford)** dependia a salvação do trono e da pátria», «como bom vassalo, como bom patriota, como oficial, como homem de bem».

Gomes Freire de Andrade foi preso na noite de 24 para 25 de Maio com alguns conspiradores. Levado para o Forte de S. Julião da Barra, aí o mantiveram sempre incomunicável e em condições desumanas.

Dos longos interrogatórios a que o submeteram nada se concluiu que o implicasse no movimento revolucionário. No entanto, condenaram-no à morte. Enforcaram-no, às 9 horas da manhã do dia 18 de Outubro de 1817, no Forte de S. Julião da Barra.

Conta José d'Arriaga, na sua «História da Revolução de 1820»:

«Na véspera dormia o infeliz general (Gomes Freire d'Andrade), quando o acordaram para se preparar para o suplício. Ele pediu que o não enforcassem; porque com seus instintos nobres e delicados, e com a sua educação tinha repugnância pela forca onde morriam os malvados e criminosos. Além disso, não era morte digna de um militar destemido e bravo como ele. Pediu para ser fuzilado e ele próprio dar a voz de fogo. Indeferiram-lhe o requerimento. Quando o vestiram e lhe vestiram a alva desmaiou! Tal era o horror que tinha por uma morte tão desonrosa. Depois tornou a si, e ouviu ler a sentença com toda a tranquilidade de espírito. Pediu então lhe permitissem escrever aos seus amigos, que eram bastantes. Desejava aquele coração generoso dar-lhes o último adeus e mostrar-se-lhes grato e reconhecido às suas afeições. As justiças de el-rei não quiseram conceder-lhe este último favor! Estavam resolvidos a contrariar todas as vontades da sua vítima inocente».

D. MIGUEL * – Lisboa há-de cheirar toda a noite a carne assada, Excelência, e o cheiro há-de-lhes ficar na memória durante anos... Sempre que pensarem em discutir as nossas ordens, lembrar-se-ão do cheiro... (**com raiva**) É verdade que a execução se prolongará pela noite, mas felizmente há luar...

(Luís de Sttau Monteiro – «Felizmente há Luar»)

* D. Miguel Pereira Forjaz, governador do Reino e primo de Gomes Freire de Andrade

O corpo, depois de mal queimado, lançaram-no ao mar; devolvido duas vezes pelas águas, enterraram-no na praia.

No mesmo dia 18 de Outubro foram enforcados, no Campo de Santana (depois denominado Campo dos Mártires da Pátria), onze conspiradores. O horroroso espectáculo descreve-o também José d'Arriaga na obra atrás citada:

«Chegaram ao Campo de Santana. No meio de um cordão de tropa erguia-se a forca em cima de um cadafalso largo e espaçoso, ao lado do qual viam-se as tumbas que deviam receber os corpos dos que não seriam reduzidos a cinzas, segundo a bárbara sentença.

Só às 4 horas e meia da tarde é que o carrasco se apoderou da primeira vítima! Ao som do tambor esta subiu ao cadafalso acompanhada do sacerdote, que depois das rezas do costume a entregou ao carrasco, que pronta e rudemente a arrastou para o suplício. Os gritos, soluços e lágrimas dos outros desgraçados confundiram-se com os da multidão que assistia ao triste espectáculo. Não se descreve este momento de horror. Ao sinal dado, o carrasco lança-se sobre o padecente, este estrebucha no meio das convulsões da morte e cai inanimado. Estava cumprida a justiça do poderoso senhor destes reinos.

Os outros companheiros assistiam ao suplício que breve os aguardava. A um novo sinal, sai do grupo segunda vítima, e esta cai igualmente inânime aos pés do carrasco; e depois outra e ainda outra vítima, e assim sucessivamente!

Para tortura dos padecentes, mediaram longos intervalos entre uma e outra execução de maneira que o último justiçado só expirou às 9 horas da noite, tendo começado o suplício às 4 horas e meia da tarde!

Onze cadáveres estendidos sobre o cadafalso e aos pés do carrasco! Este, ufano com a sua obra e depois de ter tirado a vida a tantos infelizes, inebriado em sangue, é visto empunhar um machado, e com destreza principiar a decepar as cabeças dos sete cadáveres dos que foram condenados a isso! Imagine-se o efeito deste quadro selvagem, bem próprio dos que por espaço de tantos séculos escravizaram os povos e infligiram à humanidade tantos horrores e sofrimentos.

Os cabelos levantaram-se na cabeça de todos os assistentes tomados de horror. O sangue saiu a jorros dos corpos decepados; o cadafalso tingiu-se de vermelho, até que o sangue correu às ondas pelos degraus abaixo.

Depois do espectáculo feroz e repugnante da forca restava ainda o das fogueiras. Decepadas que foram as cabeças, os sete corpos foram lançados nas pilhas de madeira, a que deitaram fogo. Um grande clarão iluminou logo toda a cidade pelos lados do Campo de Santana, o qual espalhou pelos habitantes a consternação e o terror. As fogueiras arderam até às 11 horas da noite; ninguém pôde adormecer!»

Ainda durante três anos Beresford governou como senhor absoluto. Mas o espírito de revolta subsistia, e na clandestinidade a sedição organizava-se. Corriam rumores de planos de rebelião; o inglês, prepotente, desejoso de ver os seus poderes aumentados, vai ao Brasil arrancar ao rei autorização para extinguir de vez as veleidades patrióticas dos conspiradores.

Entretanto, na noite de 23 para 24 de Agosto de 1820, a revolução estala no Porto. O Norte do País adere entusiasticamente e Lisboa pronuncia-se a 15 de Setembro.

Tarde de mais Beresford voltou do Brasil (para onde embarcara em fins de Março de 1820) com os amplos poderes que fora solicitar: a Junta Provisional do Governo, saída da Revolução, não o autorizou a desembarcar da nau inglesa «Vangeur», e Beresford, com o orgulho abatido, foi obrigado a regressar ao seu país.

assembleia da república

Entre "constitucionalistas" e "economistas"

Os homens da "Defesa" ficaram-se por uma escaramuça

Termina hoje o debate, no Parlamento, sobre a Lei de Defesa. Quando ontem, perto das 19 horas, se discursava na Assembleia, alguém contava os deputados presentes no hemiciclo. CDS-21, o PSD-17, o PS-21 e até o PCP só lá tinha 16.

Feita a revisão constitucional, os diplomas complementares seguem paulatinamente o mesmo curso. Freitas do Amaral e Rebelo de Sousa fizeram intervenções sobre a Lei de Defesa e Tribunal Constitucional e deixaram os partidos a falar... sozinhos.

Com o início da próxima sessão legislativa (no próximo dia 15), os partidos pretendem **despachar** o que já está feito... ou não pode ser evitado. Depois, há a eleição do Presidente da Assembleia, das direcções parlamentares, a discussão do Orçamento. Problemas que não são pacíficos para nenhum Grupo Parlamentar.

O PCP vota contra, a AD vota a favor, o PS abstém-se, hoje, na votação na generalidade, mas talvez na discussão e votação, na especialidade, os socialistas venham a apoiar a Lei de Defesa. Com algumas alterações.

Falaram, ontem, os homens da «Defesa», depois dos «constitucionalistas» e antes que os «economistas» tomem conta do Parlamento. Azevedo Coutinho (CDS), Jaime Gama (PS) ou Lino Lima (PCP) fizeram os «ataques» e as «defesas» do Diploma.

Azevedo Coutinho, ex-ministro da Defesa do I Governo Balsemão, considera que «as competência atribuídas ao Governo representam certamente o mínimo que se poderia conceber.

Como é sabido, na grande maioria dos países democráticos, o Governo detém poderes bem mais extensos. Dado, no entanto, o circunstancialismo português não se julga útil ir mais longe, mas é bom que fique claro que isso não se fez pelo receio de qualquer tipo de pressão, mas sim porque se entende que as Forças Armadas, como instituição que são, devem dispor de uma ampla autonomia, limitada somente pela Constituição e pelas competências que em qualquer Estado democrático cabem aos órgãos de soberania».

O «mínimo– de governamentalização (poder-se-ia ter ido mais longe, diz o CDS), o «máximo» de governamentalização, acusa o PCP. Lino Lima foi o deputado comunista que subiu à tribuna para «atacar» a «defesa» da AD. Para além da «governamentalização» o PCP denuncia a restrição dos direitos dos militares, a criação de um super-ministério da Defesa e a **gula** da AD em tomar conta das Forças Armadas, com um prazo de cinco dias para a nomeação das novas chefias militares.

«A questão que se põe na nossa sociedade, cheia de conflitos é a de saber se o regime de Abril, consagrado na Constituição de 76, se consolida ou se a AD consegue subvertê-lo».

E mais à frente, sublinha Lino Lima: «A AD tenta deitar a mão e servir-se das Forças Armadas para a consecução dos seus objectivos, desde logo desfazendo o compromisso das instituições militares com o regime democrático e procurando desapossar as Forças Armadas do espírito do 25 de Abril».

Quanto a Jaime Gama (PS), faria algumas reivindicações, para posterior discussão em Comissão. Os socialistas, tal como os outros partidos da Oposição, também não concordam com a inclusão da definição de estado de sítio e de emergência na Lei de Defesa, defendendo diplomas separados. Para além disso, a composição do Conselho Superior de Defesa merece críticas também aos socialistas, pelo excessivo peso governamental e ausência de representantes da Assembleia da República. O Serviço Nacional de Informações – a sua definição – e a garantia da independência das carreiras militares, são também outras das divergências dos socialistas com a AD.

Tudo será, certamente, acordado em posterior debate na Comissão Parlamentar. Nos Passos Perdidos, o ministro da Defesa, Freitas do Amaral conversa com o conselheiro da Revolução Vítor Alves. Em causa, talvex e ainda, as promoções. Dois «ex» conversam no Parlamento. Se Vítor Alves é, dentro em breve, um ex-conselheiro, Freitas do Amaral já anunciou tornar-se dentro de algum tempo, um ex-membro do Governo. E isso, no nosso país, começa a tornar-se uma forma de promoção.

A proposta de Lei da Defesa Nacional

Um projecto de governamentalização das Forças Armadas (2)

Vasco Gonçalves

A proposta de lei de defesa nacional e das Forças Armadas apresentada pela AD à Assembleia da República deve ser analisada, não de um modo desligado da realidade política, económico-social e cultural do momento presente, mas sim tendo sempre em vista as condições concretas da vida da sociedade portuguesa. Se tivermos presentes estas condições concretas não poderemos deixar de concluir que, para a execução da sua política contra os interesses mais legítimos e mais sentidos da grande maioria da população portuguesa, a AD necessita de dominar, de modo absoluto, as F.A.'s, tal como eram dominadas no tempo do fascismo ou em moldes semelhantes. É esse o objectivo da presente proposta de lei. A proposta de lei é um instrumento concreto da luta pelo poder. Destina-se a intervir imediatamente nesta luta (se vier a ser aprovada) através da recondução ou exoneração do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas (CEMGFA) e dos Chefes de Estado-Maior dos Ramos (CEM's), no prazo de cinco dias a contar da sua entrada em vigor.

Na continuação do artigo publicado ontem vamos tratar dos mecanismos de tomada e exercício do poder por parte do actual ministro da Defesa Nacional (MDN) sobre as F.A.'s bem como sobre a definição, condução e execução da política de defesa nacional. Segundo a proposta de lei o MDN será, na prática, simultaneamente, mimistro da Defesa Nacional, ministro das F.A.'s e Primeiro-Ministro para a política de defesa nacional.

missões do Governo e das F.A.'s nos respectivos âmbitos, etc.

O MDN vai desempenhar um papel determinante e decisivo na definição do conceito, cuja responsabilidade é da competência do CM, pois é o MDN que, em conjunto com o PM, o propõe ao CM.

Em **conjunto** quer dizer para se vigiarem mutuamente os chefes de fila da coligação AD (PSD e CDS). Mas, sem dúvida, estando o MDN mais próximo das F.A.'s e dispondo de um aparelho de apoio técnico e administrativo (o Ministério da Defesa Nacional) específico será ele que vai determinar a definição desse conceito se o esquema proposto for aprovado.

Repare-se que a proposta trata de dispor em lei da AD uma regra de procedimento interno do CM da AD. Para quê? Para assegurar poder ao MDN mesmo nas condições de divisões ou desconfiança internas da coligação AD.

Repare-se ainda que, devendo este conceito estratégico de defesa nacional merecer o mais amplo consenso da Nação ele é definido pelo CM, limitando-se o Conselho Superior de Defesa Nacional (CSDN) no qual, aliás, o Governo é sempre maioritário (segundo a proposta de lei) a emitir parecer.

Por outro lado o citado art.° 42.°.3.h diz que o MDN **vela** pela execução do conceito. Ora, a execução deste conceito abrange não só matérias de orientação geral da defesa mas também as orientações e as medidas de âmbito sectorial como as socioeconómicas, as de política interna, as militares, as diplomáticas, as culturais, desde a comunicação social que concorrem para a defesa nacional.

aparelho de apoio técnico e administrativo próprio para exercer as suas funções em matéria de defesa nacional.

Com efeito, pelo art.° 35.° da proposta de lei: «o Ministério da Defesa Nacional prestará o apoio técnico e administrativo necessário ao CSDN e às funções próprias do PM em matéria de defesa nacional e F.A.'s.»

Trata-se de um Conselho só para consulta do MDN quanto a meios de condução e execução da política de defesa nacional.

Isto confirma os poderes de autêntico PM que são atribuídos pela proposta ao MDN.

O mesmo mecanismo de **proposta conjunta** do PM e MDN confere a este também largos poderes em matéria de condicionamento da nomeação do CEMGFA, do vice-CEMGFA (quando houver) e dos CEM's.

Para a escolha do nome que o Governo há-de propor ao PR para a nomeação de CEMGFA e CEM's, o CEMGFA interino ou o CEMGFA, respectivamente submeterão ao MDN uma lista de três nomes elaborada no âmbito militar (50.°.3,54.°.3 e 54.°.4). Destes três nomes o PM e o MDN apresentarão o nome escolhido ao CM, em proposta conjunta ou solicitarão a indicação de novos nomes (50.°.4 e 54.°.5). O nome aprovado pelo CM será proposto pelo PM ao PR (50.°.5 e 54.°.6), que poderá nomear ou discordar. No último caso o PM e o MDN poderão propor um dos outros nomes ou solicitar através do CEMGFA interino ou do CEMGFA (conforme se trate da nomeação de CEMGFA ou CEM's) a indicação de mais um nome ou a apresentação de nova lista.

condicionada não permitindo a intervenção dos outros ministros;

2) que o PR tenha limitada a capacidade de escolha, pois é muito diferente escolher entre três nomes propostos ao mesmo tempo do que aceitar ou reprovar um de cada vez sujeito como está o PR, com o Governo da AD (tenhamos presentes as condições concretas da situação política) acompanhadas de pressões e calúnias.

Deve dizer-se ainda que o facto de a proposta de lei pretender que seja legislado pela AR um esquema de procedimento interno do governo traduz o objectivo de garantir, no seio da AD, de modo irrecusável, (uma vez aprovado, o esquema torna-se lei), uma modalidade de relacionamento interno que, ao mesmo tempo que permite a mútua vigilância entre o PSD e o CDS, proporciona larguíssimos poderes ao ministro AD da Defesa Nacional. Quer dizer, a desconfiança mútua no interior da AD é tal que os seus dirigentes pretendem dar força de lei aos acordos que entre si celebram.

Outro instrumento de poder para o actual MDN previsto na proposta de lei é o Conselho Superior Militar, principal órgão consultivo militar do ministro da Defesa Nacional. É presidido pelo MDN e composto pelo CEMGFA e CEM's dos três ramos das F.A.'s. Participam ainda no CSM, salvo decisão em contrário do ministro, os secretários de Estado que existirem junto do MDN.

Para o MDN não lhe chega a existência do Conselho de Chefes de Estado-Maior, cujas competências são coordenadoras, deliberativas e consultivas. Qual é o objectivo do MDN ao dispor de um conselho «privado» militar, cujas funções poderiam ser perfeitamenté desempenhadas pelo CCEM? Para quê «duplicar» o CCEM?

Para o MDN mais facilmente poder sobrepor-se ao CCEM, influenciar, pressionar ou controlar mais de perto o CEMGFA e os CEM's. Para poder aperceber-se mais facilmente de diferenças de opinião, modos de reagir diferentes entre o CEMGFA e os CEM's e tirar partido da situação. Para o MDN se apresentar com mais força perante o governo, ou o PM ou o CSDN. Para ter maiores possibilidades de obrigar os chefes militares ou de os associar às decisões políticas do MDN.

Na continuação destas observações sobre os pontos mais significativos da presente proposta de lei quanto a relações de poder e poderes do MDN em matéria de política de defesa nacional, vejamos o art.° 77.° (Dúvidas de aplicação):

«1. As dúvidas que surgirem na aplicação desta lei serão esclarecidas **por despacho do MDN** ou, no caso de versarem matéria financeira, por despacho conjunto do MDN e ministro das Finanças e Plano.

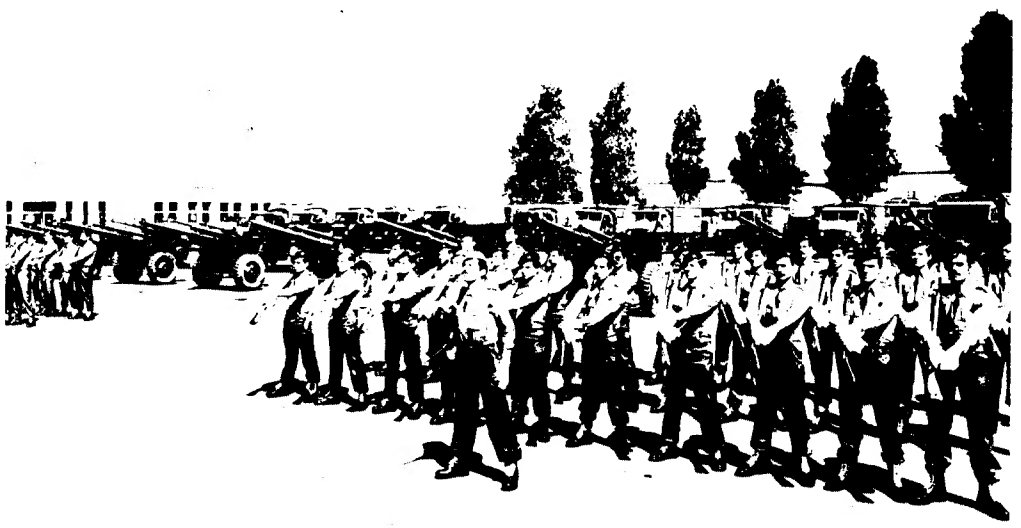
«2. Se as dúvidas surgidas incidirem sobre questões pertinentes à organização, ao funcionamento e à disciplina das F.A.'s será sempre previamente ouvido o CEMGFA ou os CEM's conforme o caso.»

Não obstante a existência do n.°2 são evidentemente exagerados os poderes atribuídos ao MDN (até porque os próprios CEMGFA e CEM's serão militares da sua confiança política, dados os mecanismos da nomeação previstos na proposta).

As dúvidas podem ser sempre resolvidas ao abrigo das competências próprias da AR ou do governo.

Tendo presentes as matérias, o conteúdo e o articulado de toda a proposta de lei, o art.° 77.° tem

Continua na pág. 7



O art.° 42.°.1. define a competência «aparente» do MDN: «O MDN é politicamente responsável pela elaboração e execução da **componente militar** da política de defesa nacional, pela administração das F.A.'s e pela preparação dos meios militares e resultados do seu emprego.» Responsável pela componente militar da defesa nacional seria, portanto, o ministro das F.A.'s.

Porém, no mesmo artigo segue-se a discriminação das competências. Todas as alíneas são relativas à componente militar excepto uma: 3.h) «Propor ao Conselho de Ministros (CM), em **conjunto** com o Primeiro-Ministro (PM), a definição do conceito estratégico de defesa nacional e **velar** pela respectiva execução.»

O conceito estratégico de defesa nacional é o conceito de hierarquia funcional mais elevado, logo abaixo das grandes linhas de orientação da defesa nacional. Este conceito é o mais importante pois define a estratégia de defesa nacional, condiciona a política externa e interna, a definição do inimigo e do amigo, as

Isto significa que o MDN, que pela quase totalidade do articulado do art.° 42.° é um ministro das F.A.'s, pela alínea 3.h do mesmo artigo passa a ter não só funções de ministro da Defesa Nacional como também uma superintendência de PM sobre a política de defesa nacional.

No respeitante à definição do conceito estratégico militar e às definições das missões das F.A.'s, e dos sistemas de forças necessárias é o MDN que propõe ao CSDN, tendo por base o trabalho do Conselho de Chefes de Estado-Maior (CCEM) (art.° 42.°.3.i).

Por outro passo da presente proposta, art.° 41.°.1.e., compete ao PM, como politicamente responsável pela direcção da política de defesa nacional, «dirigir a actividade interministerial tendente à execução da política de defesa nacional».

Pois bem, pelo n.° 2 do mesmo art.° 41.° «O PM pode delegar no todo ou em parte a competência referida na alínea e) do n.° 1 no MDN».

E, na prática, o PM tenderá a delegar porque não dispõe de

O que significa este mecanismo?

1) Que é o MDN que apresenta a lista dos três nomes ao PM.

2) Que os dois, o PM e o MDN escolhem um nome da lista ou em caso de não chegarem a acordo solicitam a indicação de novos nomes.

3) Que ao CM é só proposto um nome. O CM não tem alternativa. Tem de aprovar. Com efeito lê-se, por exemplo, no art.° 50.°.4: «O PM e o MDN apresentarão o nome escolhido ao CM, em proposta conjunta, ou solicitarão a indicação de novos nomes.»

4) Que ao PR só é apresentado um nome para aprovar ou reprovar.

Quer dizer, ao PM e ao MDN são facultados sempre pelo menos três nomes para dentre eles escolherem; o CM tem de aceitar o nome proposto pelo PM e MDN; ao PR só é apresentado um nome de cada vez.

É claro que este mecanismo pretende garantir, para além da concordância do PM e do MDN:

1) que a escolha seja feita em âmbito restrito ou totalmente

ponto a ponto

● **Dezasseis aviões Fiat-G-91** estão a partir de hoje à disposição da Força Aérea Portuguesa em Alverca. Os aparelhos foram oferecidos pela RFA a Portugal ao abrigo dum acordo de ajuda material existente entre Bona e Lisboa.

● Foi ontem inaugurada no Palácio Foz, aos Restauradores, em Lisboa, uma exposição fotográfica sobre a visita que o Papa **João Paulo II** fez a Portugal pelo 13 de Maio deste ano. O público pode visitar a mostra até 17 do corrente.

● O Primeiro-Ministro **Pinto Balsemão visita a Guarda** em 24 de Outubro. A deslocação é oficial e alargar-se-á da cidade a outros pontos do distrito. Com o chefe do Executivo vão alguns ministros e secretários de Estado. Haverá inaugurações.

● Portugal pediu aos países com que mantém relações diplomática apoio para a sua moção sobre **Timor-Leste** a discutir nas Assembleia Geral da ONU. As diligências feitas prevêem que alguns países possam não apoiar abertamente a posição portuguesa. Neste caso Lisboa pede abstenção. A moção portuguesa condena a ocupação indonésia.

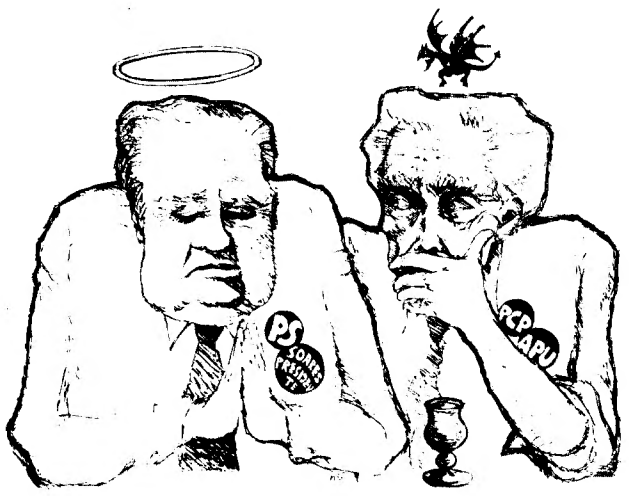
● Chega amanhã a Lisboa **o brigadeiro John Hemsley,** comandante da 24.ª brigada de Infantaria do Reino Unido, sediada na RFA. Hemsley terá, na capital portuguesa, contactos estritamente militares.

● O general Melo Egídio esteve ontem no Tramagal, na **Metalúrgica Duarte Ferreira.** Objectivo desta visita: inteirar-se, o CEMGFA, de como está a processar-se a construção, naquela unidade industrial, de cinco viaturas «Tramagal TT13/160» encomendadas pelo Exército.

● Estiveram ontem reunidos em Seteais, Sintra, os chefes das delegações à **Conferência de Madrid** (Segurança e Cooperação na Europa). A reunião, segundo a DGI, serviu para «troca de impressões e pareceres sobre os temas que vão estar e debate novamente no próxim Novembro na capital espanho

DOSSIER

O debate Soares-Cunhal confirmou



O diálogo terá de ser reaberto

O debate de ontem, no 2.º Canal da RTP, de que Mário Soares e Álvaro Cunhal (por ordem de entrada nos estúdios do Lumiar) foram os protagonistas resulta, necessariamente, uma conclusão extremamente negativa para o futuro próximo do Portugal Democrático, do Portugal de Abril.

As duas maiores organizações democráticas e antifascistas de oposição vieram dizer ao Povo Português que não constituem **uma** oposição. Elas que deveriam constituir o eixo de aglutinação da Esquerda, elas que deveriam assumir-se como alternativa democrática de Poder — como em França, como na Suécia — capricharam em fazer a demonstração pública de que têm razão os que — de Balsemão a Eanes — se comportam como se não fosse viável em Portugal, no Portugal de Abril, uma alternativa democrática e social de Esquerda.

Os democratas deste País dificilmente encontrarão justificação para o que ontem se passou. Não interessa saber quem esteve melhor, quem foi mais brilhante ou mais acutilante, quem perdeu, quem ganhou.

Perder? O que se chama perder no plano político: perdeu a Esquerda, perdeu a Democracia, perdeu Abril. A «coligação AD» no ponto mais baixo da sua trajectória política ganhou pontos: com certeza, dias de vida, talvez votos nas próximas eleições autárquicas. E ninguém adormeceu convencido, após aquela lição política de polemismo democraticamente estéril, de que era possível impor, a curto prazo, a viragem política que é indiscutivelmente necessária e da qual é condição um entendimento entre as forças democráticas e sindicais que contestam a «política restauracionista».

Estranharam, tanto Mário Soares como Álvaro Cunhal, que aquele face a face substituísse o debate que facultasse à oposição, às oposições, uma oportunidade de formular perante representantes da «coligação AD» e do seu Governo a acusação de quantos erros e desmandos vêm sendo cometidos na governação pública, e, também, a denúncia, para julgamento público, dos propósitos restauracionistas. Mas aceitaram a cilada que lhes tinha sido preparada. Lançaram-se, intrépidos, na autodestruição. A Aliança Democrática, por ambos condenada, só sofreu golpes de raspão. Para Soares, as fortes acusações de Cunhal. Para Cunhal, as mais violentas acusações de Soares.

Quem tem razão? Quem teve razão? A cada ouvinte a sua opinião. A cada democrata sincero a sua perplexidade, o seu desespero.

Porque é desesperada a situação de **crise nacional.** Porque a mudança se impõe. E é urgente.

O diálogo, ontem fracassado, terá que ser reaberto. Os democratas portugueses, as forças do Trabalho e da Cultura, têm que criar as condições de avanço sociopolítico da Democracia de Abril.

A responsabilidade dos homens políticos — e a do próprio Presidente da República — estão postas à prova.

Nenhum argumento, de ordem interna ou de ordem internacional, poderá ser invocado para justificar que não se enfrente a crise e não se assegure a continuidade-política, económica e social — da Revolução de Abril.

DL

Os humores modificaram-se entre

Mário Soares e Álvaro Cunhal chegaram ontem aos estúdios do Lumiar aparentemente com humores diferentes. O primeiro, descontraído, bem-disposto e piada pronta nos lábios. O segundo, semblante carregado, contraído e disposto a ser homem de poucas palavras para os jornalistas. Terminado o debate, os humores de cada um diferiam dos iniciais. O líder socialista mostrava-se algo enervado, enquanto o líder comunista exibia uma beatitude serena. Na cara de cada um o resultado do combate que ao longo de duas horas travaram perante as câmaras da TV?...

A pontualidade de Mário Soares – e que o próprio considerou de «britânica» –, ficou demonstrada com a chegada do líder socialista aos estúdios do Lumiar às 21,11 horas. A acompanhá-lo, Isabel Soares, sua filha, José Manuel Santos, dos serviços de Imprensa do PS e Jorge Lacão, chefe do seu gabinete.

Primeira preocupação: as regras do jogo. Ainda Soares não tinha dado mais de dois passos e já falava a José Eduardo Moniz, que iria moderar o debate, da necessidade de se definirem as ditas regras.

Instalado na pequena sala em que devia aguardar a chegada de Álvaro Cunhal, Mário Soares depressa voltaria à carga com as regras do jogo: *«Na primeira parte, não há problema. Mas, na segunda, vai ser necessário controlar o tempo de cada um. Como vai ser?,* perguntava Soares a José Eduardo Moniz. Este tranquilizava-o, dizendo-lhe: *«Não se preocupe. Está tudo previsto, doutor».* Enquanto isso, os repórteres fotográficos disparavam as suas máquinas e num televisor passava uma movimentada cena de amor da série «Crónicas da Vida no Campo».

Álvaro Cunhal: Rei de Portugal

«O ideal seria o relógio, como da outra vez...», insistia Soares pensando no debate televisivo que reuniu em Abril deste ano Pinto Balsemão, Mário Soares, Freitas do Amaral e Álvaro Cunhal. *«É que, assim, corre-se o risco do programa ficar pelo acessório em vez de se discutir o fundamental»,* argumentava Mário Soares.

O acerto de agulhas sobre a utilização do tempo terminaria de uma vez para sempre quando José Eduardo Moniz informou o líder socialista de que a certa altura do programa receberia indicação quanto ao tempo já gasto por cada um dos entrevistados.

O bom humor do secretário-geral do PS era evidente e deu azo a que Mário Soares não se furtasse a comentar o primeiro «frente a frente» que teve, em Novembro de 1975, com Álvaro Cunhal.

Segundo se pôde depreender das suas palavras, o «osso» não foi, na altura, fácil de roer. *«Cunhal era nessa época o rei do País»,* diz Soares com ar de quem recorda um feito de armas. *«Além do mais,* prossegue, *encontrava-me em território inimigo – a TV de 1975».* E dirigindo-se aos jornalistas que o envolvem: *«Só há uma coisa que nunca cheguei a perceber: por que razão Álvaro Cunhal aceitou debater comigo nessa altura?».* A pergunta não tem tempo de gerar respostas, pois, Soares já salta para outro tema: *«O debate de hoje não tem grande justificação»,* opina. *«O que se justificava, afirma rindo, era um debate com Balsemão. Mas como o PC mudou um pouco de estratégia ultimamente...».* Esta última referência não chegou a ser esclarecida (nos corredores ouvia-se «vem aí o Cunhal...»), mas ficou no ar a ideia de que, devido a essa «mudança», talvez valesse a pena o debate.

Caracterização sem fotografias

Álvaro Cunhal, sem pressas mas a horas, chegaria aos estúdios do Lumiar cerca de quinze minutos depois de Soares. Com ele, Victor Dias e Pina Moura, da CIP do PCP.

Revela-se desde logo difícil sacar-lhe qualquer comentário sobre o debate que dentro de poucos minutos irá travar com o secretário-geral do PS. Pedimos-lhe que nos reserve, depois o debate, alguns segundos para dar uma opinião sobre o que se passou. Álvaro Cunhal não se mostra interessado: *«Não darei entrevistas»,* afirma secamente. *Não se trata de uma entrevista, apenas de uma breves declarações,* argumentamos. O secretário-geral do PCP «desembaraça-se» do jornalista com um *«Se quiser, tente. Logo verá...»*

A primeira preocupação de Álvaro Cunhal terá sido a de se assegurar que não haveria as habituais «fantochadas» das fotografias durante os breves instantes passados na sala de caracterização.

Tranquilizado sobre esse aspecto, Álvaro Cunhal entra na sala onde já se encontra Mários Soares. Cumprimentam-se, rapidamente, e instalam-se em cómodas poltronas.

A "gaffe" de Soares

Independentemente da opinião que cada um possa perfilhar acerca de quem foi ou não o «vencedor» do debate Soares-Cunhal, parece não oferecer dúvidas de que Álvaro Cunhal marcou pontos quando Mário Soares se referiu, de forma infeliz, aos acontecimentos do 1.º de Maio no Porto.

«Só tive conhecimento do que se passara no Porto, depois da manifestação do 1.º de Maio, em Lisboa» – declarou a dado passo e o secretário-geral do PS.

Álvaro Cunhal, célere, não perdoou: «É extraordinário que só tenha tomado conheciomento de factos tão graves, tanto tempo depois...».

Com efeito os acontecimentos do 1.º de Maio no Porto ocorreram às primeiras horas desse mesmo dia, enquanto a manifestação a que Mário Soares se referiu – a UGT no Parque Eduardo VII –, teve lugar cerca de quinze horas mais tarde. Aliás, os acontecimentos do 1.º de Maio na capital nortenha foram abordados na intervenção que Torres Couto, secretário-geral da UGT, proferiu no Parque Eduardo VII.

Sem dúvida, uma «gaffe» monumental do líder socialista que Álvaro Cunhal aproveitou para amealhar pontos. Suficientes para «ganhar»? Isso é outra história, de somenos importância aliás...

A primeira parte, com os jornalistas, constituiu uma mera introdução ao «verdadeiro» debate

o fosso existente entre o PCP e o PS

a entrada e a saída

«Chegue-lhe forte...», parece dizer Vítor Dias a Álvaro Cunhal durante o intervalo do debate

Após uma rápida sessão de fotografias, Cunhal diz jocoso para Amaral Marques, da Informação 2: «*Espero que fiquem com fotografias para mostrar na RTP 1*». Amaral Marques defende a honra do convento replicando que o 2.º Canal já cobre grande parte do País.

A hora do debate aproxima-se e os dois políticos dirigem-se para a sala de caracterização. Entram e são «despachados» em pouco mais de dois minutos, sem que as máquinas fotográficas conseguissem furar a intimidade da sessão de «maquilhagem».

Série televisiva alimenta espera

No estúdio, tudo a postos para começar o debate. No entanto, ambos tentam ainda um último acertar de agulhas quanto aos tempos e ao modo como se irá desenrolar o debate. Cunhal tenta obter explicações, nomeadamente no que se refere à posição das câmaras.

No meio de uma certa tensão, Mário Soares recebe um beijo, uma última sugestão, quiçá um alento, de Isabel Soares. O realizador e os respectivos assessores estudam a maneira de preencher o intervalo do debate: «*Põe-se o 'slide' do 'exija uma boa televisão'*», decidem. Um deles acrescenta: «*E o momento oportuno...*»

Batem-se as últimas chapas e no estúdio ficam apenas os participantes no debate e o pessoal técnico da televisão. Jornalistas e colaboradores dos secretários-gerais do PS e do PCP rumam para uma sala minúscula onde, graças a um televisor a cores, irão seguir o debate nas mesmas condições de qualquer telespectador. Iniciada a contagem decrescente, ninguém mais tem acesso ao estúdio. *Nem o Presidente da República conseguiria aqui entrar*, afirma peremptório um funcionário da RTP.

No pequeno *écran*, um jovem dirigindo-se à sua amada pergunta: *Voltaremos a ser felizes?* Antes que ela responda com um *Porque não?...*, alguém murmura na sala com segundas intenções: *Não acredito... tudo os separa.*

A «Crónica da Vida no Campo» termina com um convite do jovem à sua amada: *Vou-te comprar um anel de noivado...* Na sala, ainda e sempre a mesma voz: *Não vale a pena, não haverá casamento. Não estamos em França...*

Vem a publicidade. No pequeno *écran* uma voz declara que uma marca de perfumes «... só não a protege de um grande amor». Alguém comenta: *Neste caso, não faz mal. Não há risco de tal acontecer.*

Finalmente, soam as 21.58, começa o combate. Combate onde não há treinadores, nem massagistas. O público está comodamente instalado em casa e as vaias e os aplausos não chegam ao «ring». O marcador não funciona ou talvez funcionem milhões deles.

... chega-se ao intervalo.

A batalha dos microfones

Enquanto os telespectadores são aconselhados a «pagar a taxa», Soares e Cunhal retemperam, cada um à sua maneira, forças para a segunda parte do debate.

Cunhal fica no estúdio sem se mexer da cadeira. Vítor Dias e Pina Moura acercam-se dele e comentam, presume-se, o modo como o secretário-geral do PCP tem vindo a conduzir a sua série de intervenções.

Soares levanta-se e vai até ao corredor conversar com a filha e os seus acompanhantes. Um deles, Jorge Lacão, segreda-lhe duas ou três coisas, recorda-lhe «aquela nota do gabinete», a que Soares parece não ligar, e volta tudo à primeira forma. Jornalistas e acompanhantes para a salinha que lhes foi reservada, e Soares-Cunhal-Moniz, para o lugar que lhes compete frente às câmaras.

O tempo passa, as esquivas sucedem-se às esquivas, o debate anima-se até que o «gong» dá por encerrado o «combate». Os jornalistas precipitam-se sequiosos de um breve comentário dos dois líderes. Chegam a tempo de os ver travar uma derradeira batalha. Desta feita, contra um inimigo comum: os microfones que lhes foram colocados entre a camisa e o casaco no início do debate. Retidos pelos respectivos fios, tentam livrar-se deles.

Soares, visivelmente atrapalhado, expõe-se involuntariamente às objectivas dos repórteres fotográficos, numa situação embaraçosa. Cunhal, depois de se aperceber da dificuldade, fecha as abas do casaco, protegendo-se das objectivas, e opta por aguardar discretamente a ajuda de um dos técnicos de som.

«Exactamente o mesmo» e «... mais fraco»

À saída do estúdio, Mário Soares dá mostras de um certo cansaço e de algum desencanto. O sorriso já não é o mesmo que exibia à sua chegada ao Lumiar.

O «DL» pergunta-lhe se está satisfeito com a sua prestação. *Vou reflectir e ver-me na gravação. Depois verei se fico satisfeito ou não*, responde. A propósito do balanço global do debate, em termos de se saber se o fosso que separa o PS do PCP e vice-versa ficou diminuido, ou, antes pelo contrário, se agravou, Soares comenta de forma evasiva: *Ficaram esclarecidas as posições e as divergências dos dois partidos* e, acentua, *isso é importante.*

Uma última pergunta do «DL» merece, num primeiro tempo, um seco *Não gostaria de fazer comentários neste momento.* Tratava-se de caracterizar o Alvaro Cunhal de ontem em relação ao Álvaro Cunhal de há sete anos. Segundos mais tarde, porém, Mário Soares declarar-nos-ia que o discurso do líder comunista era *exactamente o mesmo de há sete anos. E o seu?* perguntámos: *O meu está mais modernizado. É a Nova Esquerda que se faz ouvir. É o discurso da Nova Esquerda no Mundo...*

Álvaro Cunhal, por seu turno, não fugiu àquilo que já nos dera a entender antes do debate: não estar disposto a fazer declarações. No entanto, também não fugiu à indicação que nos forneceu: *Tente, logo verá...* Tentámos. *Muito ficou por dizer? Certamente*, disse-nos. *Como dizer tudo na hora e meia que durou este debate?* – questiona-nos Álvaro Cunhal. *E o que gostaria de ter focado e não focou? As autárquicas, por exemplo. Sobretudo, a política da AD... Em relação a 75, Mário Soares apresentou-se como neste debate?* Álvaro Cunhal, sempre lacónico responde-nos: *Com um discurso um bocadinho mais fraco...* E, apesar dos esforços, mais não disse. Sorriso nos lábios, uma pilha de documentos debaixo do braço, entrou no carro que o trouxera e desapareceu.

A divisão contínua

Mário Soares e Álvaro Cunhal, desavindos estavam, desavindos continuam. O debate de ontem à noite, perante as câmaras da Televisão, em nada contribuiu para uma aproximação entre o líder socialista e o líder comunista. Soares e Cunhal continuam decididamente a trilhar caminhos opostos, para gáudio da coligação no Poder.

Vezes houve, embora raras, em que os dois líderes partidários partilharam sensivelmente as mesmas análises. Por exemplo, na necessidade do Presidente da República exonerar o actual Governo. Mas até da concordância nasceu polémica. Quando o secretário-geral do PS insistia na necessidade do Governo ser demitido, o Parlamento dissolvido, e convocadas eleições antecipadas, logo o secretário-geral do PCP mostrava o seu espanto pelo teor das informações do seu interlocutor. «É com espanto que o ouço. Quando o PCP reclamava a demissão do Governo e novas eleições, o PS descia á liça acusando-o de manobras desestabilizadoras e de contrariar o funcionamento normal das instituições...»

O divórcio entre os dois dirigentes políticos manteve-se ao longo do debate. Na questão do eventual envio de tropas portuguesas para Angola, para, integradas numa força multinacional, fiscalizarem o processo da independência da Namíbia, a não coincidência de pontos de vista foi flagrante. Enquanto Álvaro Cunhal declarava que nada teria a objectar se o Governo de Angola não visse qualquer inconveniente no envio dessas tropas, Soares defendia que a ida ou não de tropas portuguesas para Angola dependia «antes do mais, dos interesses nacionais».

O fosso foi-se cavando à medida que os dois secretários-gerais eram interrogados pelos jornalistas organizadores do debate: José Eduardo Moniz, moderador do debate, Dinis de Abreu, Mário Bettencourt, Resende e Vítor Direito. A uma pergunta sobre se o PCP apoiaria uma candidatura de Mário Soares a Belém, Álvaro Cunhal, embora salvaguardando a tese de que em política o **nunca** não existe, diria: «Não sei que bicharoco teríamos que engolir vivo para dar esse apoio».

O corte de relações entre os dois partidos também forneceu matéria para aceso debate. Se, por um lado, Mário Soares defendia esse corte de relações com a ingerência do PCP na vida interna do seu partido, inclusive com «apelos à indisciplina de voto», Álvaro Cunhal, por outro lamentava esse corte frisando que o PS não queria relações com o PCP mas mantinha relações de amizade com «partidos reaccionários».

De fractura em fractura, acusação, respondendo a acusação, os dois dirigentes chegaram ao final da primeira parte de um debate que prometia, na segunda parte, ser ainda mais vivo do que o fora até aí. E isso, pela simples razão que Soares e Cunhal entravam no tempo complementar desembaraçados da presença dos três entrevistadores.

Dificuldades com microfones não tolheram o verbo ao secretáro-geral do Partido Socialista

Duas tácticas em presença. Enquanto Mário Soares escolhia o debate de ideias, Álvaro Cunhal descia ao pormenor servindo-se, para tal, de dados concretos inseridos em volumoso «dossier». Mário Soares referia-se a «membros da APU que integram listas do PS nas autárquicas» e logo Álvaro Cunhal mostrava perante as câmaras documentos provando reacções negativas das bases socialistas à inclusão desses membros. O caso de Barrancos esteve, assim, particularmente na berlinda.

Mário Soares criticava a «visão dicotómica» do PC em relação à sociedade, defendia a ideia de que o PCP goza de acentuado descrédito entre os partidos eurocomunistas da Europa Ocidental e de que o secretário-geral comunista «mete medo às pessoas». Alvaro Cunhal contrapunha que o PS «está separado das suas bases» e de que a direcção socialista se entregou nos braços da direita.

A dado passo, o líder socialista defenderia uma política de concertação e diálogo, com empresários e trabalhadores, para «salvar o País e sairmos do beco». Álvaro Cunhal replicava de imediato que a concertação só era possível com os democratas e «não com a AD, como o PS pretende».

Mário Soares quis aprofundar o tema «Quem é de esquerda neste País?». O tema não chegou a ser profundamente abordado pois as acusações mútuas desde logo surgiram. «Em 1975, o PCP bipolarizou o País à esquerda, tal como agora a AD bipolariza à direita», acusaria Mário Soares. Álvaro Cunhal não ficaria sem resposta: «Foram as iniciativas tomadas pelo PS que abriram as portas ao triunfo da AD».

O debate chegava ao fim. A questão das Forças Armadas ainda viria à baila. Se para Mário Soares, a governamentalização das Forças Armadas não é encarada com receio, para Álvaro Cunhal ela representa um grande perigo pois coloca Freitas do Amaral como «grande senhor da instituição militar».

Fiel ao seu início e ao seu desenrolar, o debate acabava no divórcio mais total. O exemplo francês está longe, muito mais do que os cerca de 1980 quilómetros que nos separam da capital francesa.

Texto de Manuel Anta e José António Cerejo
Fotos de Hernando Domingues

de víbora na mão

Mitterrand não foi atacado pelo PCF como eu fui atacado pelo PCP...

Mário Soares

Não há grande conflito entre comunistas e socialistas. O grande confronto verifica-se entre capitalistas, latifundiários e especuladores, de um lado, e os trabalhadores e democratas, do outro...

Álvaro Cunhal

Aquilo que nos divide é abissal

Mário Soares

Foram as iniciativas tomadas pelo PS que abriram as portas ao triunfo da AD...

Álvaro Cunhal

Cunhal mete medo às pessoas. Fez mais pelo anticomunismo que Salazar e Caetano...

Mário Soares

Apoiar a candidatura de Mário Soares a Belém? Não sei que bicharoco teríamos de engolir vivo para dar esse apoio...

Álvaro Cunhal

Em 1975 o PCP bipolarizou à esquerda, tal como agora a AD bipolariza à direita...

Mário Soares

Mário Soares está encharcado até aos ossos no colaboracionismo com a AD...

Álvaro Cunhal

Toda a gente sabe que defendo a mesma política que Olof Palme defende na Suécia, Felipe Gonzalez na Espanha...

Mário Soares

E que Pinto Balsemão em Portugal...

Álvaro Cunhal

Em 1975 entrei no Hotel Ritz. Havia lá quatro hóspedes e 300 empregados...

Mário Soares

O PS não pode sequer encontrar-se com o PCP, mas tem relações de amizade com partidos reaccionários, com os quais colabora estreitamente em diversos domínios...

Álvaro Cunhal

A política do PC é de tal modo sectária, rígida, que só se pode explicar em obediência a uma estratégia planetária...

Mário Soares

Retaliação dos rebeldes contra Governo de Lisboa?

Sete portugueses raptados em Moçambique

O rapto, de sete portugueses, ocorrido na madrugada de ontem, em Moçambique, foi considerado por observadores políticos em Maputo, como um acto de retaliação dos guerrilheiros face às medidas do Governo de Lisboa para limitar a actividade do seu porta-voz na capital portuguesa. O alegado representante dos rebeldes em Lisboa, Ivo Fernandes, foi submetido há cerca de 20 dias, a um inquérito policial numa primeira medida destinada aparentemente a pôr termo às suas actividades.

Os portugueses ontem raptados por guerrilheiros antigovernamentais trabalham na central de Maforga, a 150 quilómetros da Beira, onde tinham chegado há cerca de um ano, contratados pela empresa portuguesa Entreposto Comercial. Empresa que detém uma posição no capital da companhia de oleoduto em que aqueles portugueses trabalham como técnicos de manutenção.

Os raptados seriam em número de oito, mas uma mulher, Páscoa Ramalho, conseguiu fugir com o seu filho, de menos de um ano. Ao que parece, os rebeldes teriam aparentemente o objectivo de raptar todos os portugueses que trabalham na central de Maforga, bem como as suas famílias. Mas das 12 pessoas que viviam distribuídas por três residências junto da central, assaltadas pelos raptores perto da meia-noite, alguns conseguiram fugir ou estavam em Chimoio a passar o fim-de-semana.

Admite-se também que os guerrilheiros tenham sabotado o oleoduto, em cujo funcionamento foi detectada uma baixa de pressão. Segundo fontes oficiais de Maputo teriam sido igualmente raptados dois moçambicanos.

Portugueses mais visados

Este ano, dois outros portugueses tinham sido raptados pelos rebeldes: em Maio, o mecânico Afonso José, resgatado mais tarde e, em Setembro, o padre Adelino da Conceição, ainda desaparecido. Outros quatro foram mortos: em Março, o padre Francisco Morais, em Abril, o agricultor Joaquim Alberto, em Maio, o técnico Alberto Monteiro, e em Agosto, o mecânico António de Figueiredo.

Os portugueses, não só por que constituem a maior comunidade, mas também por serem os cooperantes que estão mais dispersos e expostos ocupam o primeiro lugar na lista das vítimas estrangeiras dos guerrilheiros.

Não há indicações de que outros estrangeiros tenham sido mortos, embora haja entre eles alguns casos de rapto: um padre italiano, em Julho, seis búlgaros em Agosto e três missionárias italianas e uma brasileira em Setembro.

O rapto dos seis técnicos búlgaros, cujo paradeiro continua a ser ignorado, marcou a primeira acção envolvendo um número elevado de pessoas.

Até essa data, o número máximo de estrangeiros raptados de uma só vez, era reduzido: em Dezembro de 1981, o inglês John Burlisson e o chileno Moises Carril, foram sequestrados numa mesma acção no Parque da Gorongosa.

Menos de um mês depois do caso dos búlgaros, os rebeldes raptaram de uma missão católica de Inhambane o padre português, Adelino da Conceição, e quatro missionárias.

Nas duas emissões de rádio, os rebeldes da resistência têm dirigido crescentes ameaças aos cooperantes e estrangeiros que trabalham no país.

A economia e a administração de Moçambique estão em larga escala dependentes dos técnicos estrangeiros e os observadores encontram nesse fenómeno a explicação para as acções que os rebeldes dirigem contra eles. Vários observadores consideram, porém, que é entre os portugueses que os rebeldes pretendem instalar um clima de insegurança, por serem os que em maior escala contribuem para o esforço de desenvolvimento de Moçambique.

«Não querem apenas criar um clima de intranquilidade entre os que cá estão, mas, ao mesmo tempo, desencorajar os que querem vir», observou um deles.

É a seguinte a identidade dos sete portugueses ontem raptados em Maforga, Moçambique: Orlando Martins, de 62 anos, natural de Amarante e sua mulher, Maria Amélia Pereira, de 62 anos, José António Antunes, de 27 anos, natural de Lisboa e sua mulher Maria de Fátima Diogo Antunes, de 24 anos, bem como o filho, Mário Bruno de cinco anos, Alcino Ferreira Costa, de 29 anos, natural de Lisboa, e sua mulher, Maria Eugénia Dinis Gonçalves Pinto, de 28 anos.

Melo Egídio ao "DL"

As FAs portuguesas têm capacidade logística para integrar uma força da ONU

O general Melo Egidio, chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, afirmou ao «DL» que as Forças Armadas portuguesas têm capacidade logística e técnica para integrarem uma eventual força multinacional de paz na fronteira da Namíbia.

«Pois se nós em termos NATO temos que participar, designadamente no aspecto Exército, com uma brigada mista independente que movimenta cerca de 5 mil homens e imensas viaturas, para trabalhar num teatro de operações que não é o português, que é no Norte da Itália, e temos possibilidades de fazer deslocar essa massa de homens e de equipamento para intervir numa eventual situação, pois com certeza que, com maioria de razão, e dada a experiência que temos – porque não podemos minimizar de maneira alguma a experiência que tivemos durante esses anos todos – temos mais do que capacidade logística para integrar uma força multinacional».

«A questão foi posta ao CEMGFA fora de qualquer contexto político, apenas em termos estritamente técnicos, já que num artigo recentemente distribuído por uma agência noticiosa estrangeira era abordada a problemática das Forças Armadas portuguesas e a eventualidade de poderem participar na força multinacional da ONU prevista para a fronteira da Namíbia, mas punha-se em causa que Portugal, neste momento, tivesse capacidade logística para dar resposta a uma solicitação desta natureza.

Melo Egídio acrescentaria que o problema todavia não era de capacidade logística.

«O problema – disse – insere-se num contexto muito mais amplo, num contexto em que as coisas têm aparecido porque se diz, porque um país diz, ou porque um responsável diz.

A questão tinha que ser estudada em profundidade e designadamente com os países que estão directamente interessados nisso, que não foi ainda o caso.»

Melo Egídio foi todavia peremptório ao afirmar que, uma vez tomadas as decisões em sede própria, no momento em que fossem solicitadas, as FA's tinham mais que capacidade logística para apoiar uma força multinacional.

Referiu-se também à experiência dos portugueses num tipo de operações militares diferentes daqueles que serão os futuros cenários no quadro da Aliança Atlântica e ao esforço que tem vindo a ser feito no sentido da reconversão e modernização das nossas Forças Armadas, ainda dotadas, na maior parte, de material bastante obsoleto.

S. R.

MUNICÍPIO DE ALMADA

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

MOÇÃO

Os massacres perpetrados nos campos de refugiados palestianos de Beirute Ocidental, vieram mais uma vez confirmar a aptência terrorista e expansionista da clique sionista no Poder em Israel, do carácter fascista das forças de direita libanesas e do cinismo daqueles que, armando e apoiando o agressor, empunham demagogicamente a bandeira da defesa dos direitos humanos no Mundo.

A Assembleia Municipal de Almada, reunida em 30 de Setembro de 1982 no Porto Brandão, certa de interpretar os sentimentos da população do Concelho, decidiu:

1.º — **Manifestar a sua repulsa e condenação pela invasão do Líbano e pela chacina cometida contra os refugiados palestianos, de que resultaram milhares de mortos e feridos.**

2.º — **Exigir o termo da agressão sionista no Líbano, a retirada imediata das forças de agressão para as fronteiras de Israel, e o castigo dos autores dos massacres de Beirute, nomeadamente o imperialismo, as forças sionistas e as milícias fascistas libanesas.**

3.º — **Solidarizar-se com o povo israelita na sua luta contra o aventureirismo bélico e selvático dos dirigentes sionistas, contra a política expansionista e agressiva do Governo Beguin e por um Estado de Israel pacífico e progressista, e com o Povo Palestiniano na sua luta pelo reconhecimento dos seus legítimos direitos, particularmente o de edificar o seu próprio Estado independente em território da Palestina.**

APROVADA POR MAIORIA

Almada, 30 de Setembro de 1982.

Nova legislação da Constituição

O secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro, José Alfaia, está a preparar a legislação sobre o Conselho de Comunicação Social previsto no novo texto constitucional – soube hoje a ANOP de fonte oficial.

A Assembleia da República terá de aprovar até 28 de Janeiro a legislação sobre o Conselho que substitui os actuais Conselhos de Informação e dez dias depois da publicação da legislação terá de eleger os seus onze membros.

Enquanto o Conselho de Comunicação Social não estiver em funcionamento, os actuais Conselhos de Informação continuam em funções.

O Conselho de Comunicação Social tem poderes para assegurar uma orientação geral que respeite o pluralismo ideológico nos órgãos pertencentes ao Estado e a outras entidades públicas ou a entidades directa ou indirectamente sujeitas ao seu controlo económico.

Entre outras atribuições, compete ao Conselho de Comunicação Social emitir parecer prévio, público e fundamentado sobre a nomeação e exoneração dos directores dos órgãos referidos.

Sobre o Conselho Superior de Magistratura, cuja legislação a Assembleia da República terá de rever até 29 de Março, o ministro da Justiça deverá solicitar à Procuradoria-Geral da República a preparação de anteprojectos – disse à ANOP a mesma fonte oficial.

Trinta dias depois da publicação da legislação proceder-se-á à designação dos seus membros.

Arquivos da PIDE/DGS

No dia 30 de Outubro, data da entrada em vigor, parcial, da Constituição revista, os arquivos da extinta PIDE/DGS e LP são confiados à guarda conjunta do presidente e dos vice-presidentes da Assembleia da República e terão o destino que for fixado por lei a aprovar pela Assembleia da República por maioria de dois terços.

Na mesma data, os serviços de extinção são colocados na dependência da Assembleia da República e terão o destino que lhes for fixado por lei a aprovar igualmente por dois terços.

O vice-Primeiro-Ministro Freitas do Amaral, que em tempos apresentou no Parlamento um projecto de lei sobre o assunto, estará já a trabalhar num novo diploma, admitiu a mesma fonte.

Em 28 de Maio de 1981, Freitas do Amaral, na qualidade de deputado do CDS, propunha que «todos os arquivos, ficheiros e processos individuais relativos a cidadãos portugueses elaborados pela ex-PIDE/DGS, ou organizações que a antecederam, fossem transferidos para instalação adequada no edifício do Palácio Nacional de S. Bento, onde ficariam devidamente depositados pelo prazo de trinta anos».

Em Agosto deste ano, Freitas do Amaral defendeu a passagem dos arquivos para a Assembleia da República e a nomeação de um juiz, desembargador ou conselheiro, para dirigir administrativamente o Serviço de Extinção.

Quanto ao destino dos arquivos, diferenciou a documentação histórica, que deveria ser conservada, da relativa a aspectos da vida pessoal ou familiar dos cidadãos que deveria ser queimada pura e simplesmente.

Conselho de Estado

Relativamente ao Conselho de Estado, o Presidente da República e a Assembleia da República designarão, cada um, até 30 de Outubro, cinco membros. A totalidade dos membros – 17 – toma posse também no dia 30 de Outubro.

O Conselho de Estado – órgão político de consulta do Presidente da República – é presidido pelo Presidente da República e composto pelo Presidente da Assembleia da República (provavelmente) Leonardo Ribeiro de Almeida), Primeiro-Ministro (Pinto Balsemão), presidente do Tribunal Constitucional, provedor de Justiça (Pamplona Corte Real), presidentes dos governos regionais (Mota Amaral e Alberto João Jardim), os antigos presidentes da República eleitos na vigência da Constituição que não hajam sido destituídos do cargo (não há nenhum nestas condições), cinco cidadãos designados pelo Presidente da República e outros cinco eleitos pela Assembleia da República, de harmonia com o princípio da representação proporcional.

Dos nomes a indicar por Ramalho Eanes poucas informações há ainda, admitindo os observadores políticos que Melo Antunes ou Vítor Alves e Azeredo Perdigão possam fazer parte do Conselho.

Quanto aos cinco a eleger pela Assembleia da República, fontes partidárias disseram à ANOP ser muitp provável que sejam escolhidos Nuno Rodrigues dos Santos e Mota Pinto pelo PSD, Mário Soares pelo PS, Freitas do Amaral pelo CDS e um dirigente do PCP (Álvaro Cunhal não deverá aceitar).

Tribunal Constitucional

Quanto ao Tribunal Constitucional, a Assembleia da República terá também de aprovar até 30 de Outubro a respectiva lei e até ao quinto dia depois da publicação terá de eleger os dez membros. Estes, por seu turno cooptam outros três nos dez dias imediatos.

O Tribunal Constitucional entra em funcionamento na posse dos seus 13 membros, a qual correrá nos cinco dias posteriores ao da publicação da cooptação, isto é, nunca antes do fim de Novembro ou princípios de Dezembro.

O seu presidente è eleito pelos 13 membros, não sendo obrigatório que seja um juiz. Uma fonte oficial disse, no entanto, à ANOP que é desejo do Governo e da maioria parlamentar que o presidente seja um juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, nomeadamente uma pessoa politicamente insuspeita, dado que o Tribunal Constitucional será o primeiro tribunal português, acima mesmo do Supremo.

O PCP não participará no Tribunal, disse uma fonte partidária.

Do novo texto constitucional resulta, apenas que três dos membros e mais os três cooptados sejam obrigatoriamente juízes, sendo os restantes escolhidos de entre juristas.

Tanto a lei do Tribunal Constitucional como a Lei de Defesa Nacional necessitam apenas de maioria simples para serem aprovadas, embora o Governo e a maioria desejem os dois terços por considerarem que se trata de legislação paraconstitucional, disse a mesma fonte oficial.

Refira-se, finalmente, a título de curiosidade, que nos termos do novo texto constitucional apenas uma única lei exige a maioria qualificada de dois terços: a que diz respeito às restrições ao exercício de direitos por militares e agentes militarizados dos quadros permanentes em serviço efectivo.

Presidente da República na Áustria

País como o nosso mas rico como poucos

VIENA, 12 (Do nosso enviado especial RIBEIRO CARDOSO) – O dia de hoje é, sem dúvida, o mais importante da visita do Presidente Eanes à Áustria – do ponto de vista político, claro.

No momento em que escrevo esta crónica o general Ramalho Eanes encontra-se no Parlamento dialogando com os parceiros sociais; ao princípio da tarde avistar-se-á com o chanceler Bruno Kreisky (encontro aguardado com alguma expectativa); e, à noite, ser-lhe-á oferecido um banquete pelo presidente austríaco, Rudolf Kirschelaeger, no Palácio de Hofburg.

Contudo, todos estão de acordo na comitiva presidencial: esta visita é essencialmente de cortesia. Não há que esperar grandes novidades. As relações bilaterais, a situação internacional, as dificuldades no diálogo Norte-Sul e o relacionamento com África são temas obrigatórios. A questão da África, dada a posição especial de Portugal, poderá abrir algumas perspectivas em relação ao futuro. Mas não há que exagerar a sua importância.

Um ponto, porém, poderá ter bastante interesse em relação à situação interna portuguesa. Refiro-me ao exemplo que a Áustria constituirá para todos nós. Na verdade – e sabemos que o Presidente Eanes é bastante sensível a este aspecto – a Áustria é um pequeno país com uma área e uma população (em números) muito parecidas com Portugal. E no entanto o seu nível é tão diferente... Tão diferente – diz-se à boca cheia entre a comitiva e os jornalistas portugueses que aqui se deslocaram – como o são, pelo menos na prática, os partidos socialistas dos dois países: o de Kreisky e o de Soares.

Por outro lado, não deixa de ter interesse realçar o diálogo existente entre os chamados parceiros sociais, a grande importância que para estas bandas é dada às questões da educação e da cultura e o peso que o sector nacionalizado tem na economia.

Na verdade, a indústria nacionalizada na Áustria é um elemento importante – em alguns sectores de importância decisiva – na economia do país, compreendendo empresas de ferro e aço, metais não ferrosos, construção de máquinas e barcos, indústria eléctrica, petróleo, química e carvão. E ninguém a põe em causa.

Da Embaixada ao «Coca-Cola Killer»

Nesta visita há uma pequena, mas saborosa, história para contar. Mete a Embaixada de Portugal em Viena, António Vitorino de Almeida e (também) um personagem do «Coca-Cola Killer».

Em primeiro lugar: até agora, ninguém da representação diplomática portuguesa apareceu junto da comitiva. Os jornalistas apenas souberam o seu horário de funcionamento através de informações provenientes dos austríacos. Uma tristeza!

Mas Vitorino de Almeida, que ontem se encontrava na pista do aeroporto de Schwechat no meio das individualidades que aguardavam o Presidente Eanes (ele é seu convidado pessoal, o que não deixa de ter significado político, uma vez que foi vergonhosamente saneado das funções de adido cultural da Embaixada de Portugal em Viena), contou uma história deliciosa.

É que ontem de manhã telefonou para a nossa representação diplomática para saber a que horas chegava o Presidente da República. E de lá, além de nem sequer saberem que ele era convidado do Presidente Eanes, aproveitaram a ocasião para o avisar que tinha que repor um dia de salário, pois quando foi despedido, o Ministério (dos Negócios Estrangeiros) pagou-lhe um dia a mais...

Vitorino de Almeida, divertido até à gargalhada, contou-nos esta deliciosa maravilha ontem à noite quando, juntamente com Ericka Pflughar, a maior actriz austríaca da actualidade, acompanhou os jornalistas portugueses ao restaurante grego de Viena onde jantámos.

Outra curiosidade: o intérprete de Eanes é Palma Caetano, leitor de português na Universidade de Viena. Alguém que o conhece bem disse-nos (e Vitorino de Almeida não quis falar sobre isso) que ele é um dos personagens do «Cola-Cola Killer» – mais exactamente o famoso Pita Marques, o que não lhe agrada, evidentemente.

Imagine-se, pois, o estado de espírito com que ele foi obrigado a apresentar Vitorino de Almeida ao presidente austríaco quando Ramalho Eanes, chamando pelo maestro, lhe teceu os maiores elogios pelo papel que desempenhou no estreitamento das relações culturais entre os dois países...

Pequena, mas saborosa, peripécia, na verdade digna de «Coca-Cola Killer».

Encontro com Kreisky no almoço da Chancelaria

VIENA, 12 – O Presidente Ramalho Eanes iniciou o segundo dia da sua visita oficial à Áustria com uma audiência concedida ao chefe do Partido Popular , D. Mock, na sua residência oficial, «Hotel Imperial» – onde a comitiva portuguesa se encontra hospedada.

Ao princípio da tarde, o Presidente Eanes encontrar-se-ia com o chanceler Bruno Kreisky, ainda no «Imperial», em audiência que se previa prolongar-se por mais de uma hora, segundo círculos próximos do chanceler. O encontro é aguardado com alguma expectativa, embora os informadores oficiais não tenham fornecido quaisquer dados sobre os assuntos a tratar ou eventualmente agendados.

Ramalho Eanes e Rudolf Kirkschlaeger analisaram ontem à tarde, pouco depois da chegada do Chefe do Estado português a esta capital, problemas da actualidade internacional. As primeiras conversações entre os dois estadistas efectuaram-se no Hofburg (Palácio Imperial), e durante cerca de uma hora foram abordados o relacionamento entre o Leste e o Oeste e a posição dos dois países, como noutro local referimos, quanto às novas Nações, nomeadamente os Estados africanos. Eanes encontrou-se também com o titular do MNE austríaco, Willibald Pahr.

Ramalho Eanes e a comitiva presidencial deslocaram-se ontem à noite à Ópera de Viena, onde foi exibido «O Barbeiro de Sevilha», e hoje, à mesma hora, estarão na inauguração de uma exposição portuguesa de azulejos do século XV ao XX. Hoje, depois da audiência com o chefe do Partido Popular (OVP) e da visita ao Parlamento (onde recebeu os parceiros sociais), Eanes como referimos mais adiante, ocupou-se de outros actos protocolares, nomeadamente a deslocação à presidência do Município da cidade. Já na parte final de hoje receberá o chefe do FPO.

Regionalização na «agenda»?

O encontro entre o Presidente Eanes e Bruno Kreisky decorria ao princípio da tarde na Sala de Congressos da Chancelaria, onde o chanceler ofereceu um almoço a Ramalho Eanes. Antes, o PR tinha assistido com a comitiva presidencial a um espectáculo da Escola de Equitação Espanhola (depois da visita ao Parlamento e das audiências aos parceiros sociais e aos chefes dos partidos) e participado numa recepção à Sociedade Austro-Portuguesa na sua residência oficial, o «Hotel Imperial».

Também, esta tarde, Eanes visitará ainda a nova Câmara de Viena e terá um encontro com o chefe do Partido Liberal (FPO). Depois, o presidente Kirkschlaeger oferece um banquete em honra de Ramalho Eanes no Palácio de Hofburg, durante o qual serão pronunciados os habituais discursos oficiais.

No programa da visita oficial de quatro dias do Presidente Eanes à Áustria avultam ainda visitas à empresa «Voest-Alpine», a uma siderurgia nacionalizada de Linz (a centena e meia de quilómetros para Ocidente de Viena) e a Salzburgo.

Uma outra questão em foco, naturalmente fora da agenda de trabalhos propriamente dita, é a regionalização. Admite-se aqui que possa ser tema a abordar – se não o foi já – entre Eanes e os governantes austríacos. A regionalização é um dado adquirido neste país, ao passo que em Portugal nem sequer ainda entrou em fase de implementação.

Democracia na Bolívia

Soares saúda Silas Suazo

O secretário-geral do Partido Socialista enviou uma mensagem de saudações aos presidente e vice-presidente da Bolívia, que ontem foram empossados nos seus cargos.

Soares salienta na sua mensagem a luta intransigente de Silas Suazo e de Paz Zamora pela liberdade e afirma que a comunidade internacional tem obrigação de ajudar a consolidar a democracia na Bolívia.

O líder socialista garante também aos novos dirigentes bolivianos a total solidariedade do PS.

A proposta de Lei da Defesa Nacional

Um projecto de governamentalização

Continuação da pág. 3

por objectivo proporcionar mais poderes ao MDN para procedimento de fins políticos e antidemocráticos em matéria de política de defesa nacional e para dominação da instituição militar.

A análise feita mostra como a proposta de lei tem em vista criar mecanismos e competências que conduzem a um enorme poder do MDN sobre as F.A.'s, de tal modo que desde logo ocorre a comparação com a tomada de poder de Salazar nos primeiros tempos do fascismo.

O MDN em matéria de defesa nacional passa a ter mais poder que o governo e o PM, porque:

a) Elabora conjuntamente com o PM, mas em melhor situação quanto a apoio técnico, exercício de funções específicas, relacionamento com os altos chefes militares, o conceito estratégico de defesa nacional, de importância determinante para toda a política de defesa nacional.

b) Vela pela execução desse conceito.

c) Propõe ao CSDN a definição do conceito estratégico militar, a definição das missões das F.A.'s e dos sistemas de forças necessárias ao seu cumprimento.

d) Pode receber delegação, no todo ou em parte, do PM relativa à direcção da actividade interministerial tendente à execução da política de defesa nacional.

e) Dispõe do órgão de apoio técnico e administrativo necessário ao CSDN e às funções próprias do PM em matéria de defesa nacional.

f) Preside ao Conselho Superior Militar, órgão que emite pareceres sobre as matérias da competência do Conselho de Ministros relacionadas com a defesa nacional ou com as F.A.'s, matérias da competência do CSDN e matérias da competência do MDN.

g) Domina o governo, através da superintendência absoluta de que dispõe sobre as FFAA e através do mecanismo das propostas conjuntas do PM e do MDN em matéria de política de Defesa Nacional. Consequentemente, tem influência determinante sobre o Conselho Superior de Defesa Nacional, no qual o governo, segundo a proposta de lei, dispõe sempre de maioria.

h) Dispõe do direito de veto quanto à nomeação dos mais altos chefes militares.

i) Controla as promoções a oficial-general e de oficial-general através da maioria governamental no CSDN.

É este o esquema de tomada de poder absoluto sobre as F.A.'s para as utilizar como sustentáculo principal da execução da sua política que a AD pretende seja transformado em lei.

Os deputados democratas na AR têm neste momento um grave dever a cumprir para com os seus compatriotas, para com a nossa Pátria: não aprovar a proposta de lei que abre mais as portas à instauração de um regime de ditadura em Portugal.

MUNICÍPIO DE ALMADA

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

MOÇÃO

Na Lisnave, a administração liderada pelo capitalista José Manuel de Melo, pretende tomar medidas que põem em perigo, não só as regalias sociais existentes, como a própria manutenção dos postos de trabalho.

O plano é vasto e integra-se na política de recuperação capitalista da AD, que pretende entregar às grandes empresas privadas, os sectores mais rentáveis das empresas nacionalizadas.

Em última instância é objectivo dos sectores mais retrógrados da sociedade portuguesa, conseguir a absorção da Setenave e Parry e Son pela Lisnave, com o consequente despedimento de milhares de trabalhadores das três empresas.

Procuram assim ainda, com o apoio do grande patronato e do Governo AD, aumentar de tal forma o número de desempregados que o exército dos sem trabalho venha a favorecer a aceitaçao do pacote laboral que a «AD» tem na forja, com a proibição da greve e a generalização dos contratos a prazo.

Uma cidade como Almada não pode permitir que diminua o número de postos de trabalho nas empresas nela estabelecidas. Precisa sim da criação de novas empresas, do reforço das já existentes e da reinserção dos desempregados no mundo do trabalho. Os interesses da cidade e do Concelho confundem-se pois com os dos trabalhadores em luta.

Os trabalhadores das empresas em causa, conscientes dos perigos que correm, lutam pela defesa dos seus postos de trabalho e de grande parte dos direitos e regalias sociais conquistadas após o 25 de Abril. Os trabalhadores em luta, com o apoio de todas as forças democráticas, saberão alcançar os seus objectivos, designadamente, defender as nacionalizações e impedir a reconstituição de monopólios que a constituição proibe.

Assim, e considerando que no Concelho de Almada um número apreciável da população activa trabalha na Lisnave, Parry Son e Setenave:

Que destes trabalhadores estão dependentes milhares de cidadãos, quer os que constituem o seu agregado familiar quer o comércio estabelecido na área do concelho.

A Assembleia Municipal de Almada, reunida em 30.9.82 no Porto Brandão, decide:

1 — **Manifestar o seu apoio à luta dos trabalhadores da Lisnave, Parry Son e Setenave e a sua confiança no êxito na luta.**

2 — **Solidarizar-se com a luta de todos os trabalhadores na defesa das conquistas de Abril, nomeadamente as nacionalizações.**

3 — **Reclamar a demissão do Governo AD que tão ostensivamente desafia as Leis da República e os interesses dos trabalhadores e das populações locais.**

APROVADA POR MAIORIA

Almada, 30 se Setembro de 1982.

de ontem para hoje

Distinção para médico português

O médico e professor português Orlando Bordalo foi ontem presidente da Associação Europeia de Pancreatologia, durante a reunião anual da «European Pancreatic Club», que reuniu cerca de 300 grastroenterologistas de vários países europeus e dos Estados Unidos. O professor Orlando Bordalo exerce funções de docente na Faculdade de Medicina de Lisboa e também no Hospital de Santa Maria, como chefe de serviço de Medicina Interna, além de ser presidente do Clube Português de Pâncreas e governador para Portugal do «American College of Gastroenterology». Orlando Bordalo é igualmente professor convidado do hospital Monte Sinai de Nova Iorque e membro de várias sociedades científicas nacionais e internacionais.

Um pai que não perdoa

O Tribunal de Vila Franca de Xira marcou, para as 9 e 30 de próxima quinta-feira, o julgamento, já adiado por duas vezes, do motorista e taberneiro Afonso Martins, de 43 anos, casado, acusado de ter violado em 18 de Outubro de 1980, perto da Póvoa de Santa Iria, a pequenita Fernanda Maria, então com quatro anos. O pai da criança – foto – José Ribeiro Nunes, de quem o violador era amigo, mantém a sua firme decisão de não parar enquanto não for feita Justiça, inconformado com a decisão tomada, na altura, pelo comandante do posto da GNR de Vila Franca de Xira, que libertou Afonso Martins sem sequer lhe ter exigido o pagamento de qualquer caução.

Grão Vasco e Xenon

Mais dois falsos alarmes bombistas, por via telefónica, mobilizaram a Brigada de Minas e Armadilhas da PSP. Desta vez os alvos foram o Externato Grão Vasco e o Cinema Xenon. As vistorias do costume e alguma agitação entre os alunos do externato e os espectadores no cinema.

Estrada do Calhariz sem trânsito

Por motivo de obras irá ser vedado ao trânsito, por um período de noventa dias, com início amanhã, a estrada do Calhariz de Benfica na zona situada sob o viaduto da Rua Carolina Michaelis de Vasconcelos (sentido Buraca -Segunda Circular). Segundo refere uma nota da Câmara Municipal de Lisboa ontem divulgada, a partir daquela data o trânsito proveniente de Monsanto e do Nó da Buraca, que se dirige à Segunda Circular e a Sete Rios, será canalizado através da Rua da Venezuela.

Nuno de Miranda sem vencimentos

Continua por definir na SECS (Secretaria de Estado da Comunicação Social) a situação do técnico superior de 1.ª classe, Nuno de Miranda, funcionário de nomeação definitiva daquele quadro. Conforme já noticiámos, Nuno de Miranda, que é licenciado em Letras, não recebe há quatro meses qualquer vencimento por um alegado «lapso de serviços» a nível de computador estranhamente ainda não corrigido.

Rapariga entre assaltantes

A Secção de Justiça da PSP acaba de desmantelar uma quadrilha especializada em assaltos à mão armada em residências de Lisboa e arredores, da qual fazia parte uma rapariga de apelido Eva e mais cinco jovens, Inácio, Vieira, Faria, Rui e Fernando, os dois últimos ainda a monte. Em seu poder foram encontradas cinco pistolas, um revólver, jóias e artigos diversos avaliados em centenas de contos.

Caçador «traído» por coelho

O caçador José Pedro de Vasconcelos, de 35 anos, perdeu a vida na Madeira ao despenhar-se de uma altura de setenta metros, na Rocha do Garajol, junto ao Monte do Cristo-Rei. José de Vasconcelos, que é natural do Porto Santo e deixa quatro filhos, perseguia um coelho quando caiu pela ribanceira.

Uma pistola e um revólver

Desconhecidos furtaram do interior de um estabelecimento situado na Praça da Figueira, em Lisboa, uma mala de mão tipo «James Bond» que continha diversa documentação e uma pistola de defesa «Star», calibre 6.35, com um carregador e cinco munições.

Por outro lado, de uma residência situada no Largo do Rato desapareceu um revólver «Smith & Wesson Mass», de calibre 32, devidamente legalizado, contendo cinco munições no tambor ao qual foi atribuído o valor de quarenta contos.

Arrastão vistoriado em Miramar

O arrastão português «Beira Vouga» foi ontem vistoriado pelo navio de guerra «NRP-Rosário», quando se encontrava em faina de arrasto com redes ilegais a seis milhas do Senhor da Pedra, em Miramar (Porto). Durante a vistoria verificou-se que, embora o arrastão não tivesse peixe no porão, estava a usar uma rede com malhagem de 20 milímetros no saco, um terço do mínimo admitido por lei. O saco foi apreendido.

Apresentação do programa nuclear francês

As vantagens para os outros e a poluição radioactiva para nós

«Apesar dos problemas que a instalação de centrais nucleares envolve, é cada vez maior a participação destas centrais no abastecimento de energia eléctrica no mundo industrializado. Não se dispõe a curto prazo ou a médio prazo de alternativas», afirmou ontem à tarde Carlos Melancia, presidente da Sorefame, no decorrer da sessão inaugural da apresentação da indústria nuclear francesa pelas empresas do sector, «Framatome», «Alsthom-Atlantique» e «Cogema».

Carlos Melancia iria mais longe: hesitamos em acompanhar o «vanguardismo tecnológico» francês, quando adoptamos habitualmente um seguidismo total em relação a outras opções.

Por exemplo, deixamos para os espanhóis as vantagens das centrais nucleares de fronteira, «contentando-nos» com a poluição e os problemas de segurança...

Conclusão lógica: Inviabilizamos a resolução da nossa crise económica, enquanto não optarmos clara e inequivocamente pela energia nuclear.

A intervenção de Carlos Melancia não podia ser mais eloquente: «Com o presente simpósio, reduzem-se os **fantasmas** à sua verdadeira dimensão» (sublinhado nosso).

Naturalmente, mais discretos e subtis, os responsáveis do programa nuclear francês em Lisboa, limitaram-se a apresentar ontem as suas realizações, iludindo completamente os problemas que o domínio do ciclo nuclear levanta.

Ouvindo os técnicos, dir-se-ia vivermos no melhor dos mundos: electricidade mais barata do que nunca, tecnologia de ponta eficaz, segura e económica, viagem sorridente em direcção à independência energética, diversificação das fontes de energia e fuga à ditadura toda-poderosa, o petróleo, etc.

Mas será mesmo assim? O que dizer, por exemplo, da crescente oposição ao nuclear?

Vinte e dois reactores de água pressurizada (PWR) fornecem actualmente cerca de 40 por cento da electricidade que a França consome, prevendo-se que essa percentagem suba para 70 por cento em 1985.

Estes dados foram revelados pelo embaixador da França em Portugal, e confirmados pela intervenção do director-geral da «Framatome», na sua apresentação geral da indústria nuclear francesa.

Ainda que não se queira ter em conta a contestação destes números pelos sectores ecologistas, importa contudo referir que os dados apresentados no começo do ano passado pelo jornal francês «Le Monde», a partir de fontes oficiais eram: substancialmente inferiores à produção de electricidade de origem nuclear e de 20 por cento do total em 1980, prevendo-se que atinja cerca de 50 por cento em 1985.

Parece, no entanto, poder afirmar-se que o programa electronuclear francês constitui, em termos absolutos, um certo sucesso. Isto é, tem vindo a cumprir metas mínimas.

A ideia-chave deste processo, segundo o director-geral da «Framatome», é esta: tratando-se de um programa a longo prazo, a sua realização passa por garantias globais de desenvolvimento, independentemente das modificações a nível governamental.

Até à vitória de Mitterrand, esta premissa era um dado certo: a opção pelo nuclear em 1974 foi tomada pelo poder político, na sequência da primeira grande crise energética, e prosseguida laboriosamente.

Em 30 de Julho de 1981, o Conselho de Ministros decidia suspender a construção de cinco centrais nucleares (Belleville, Civaux, Choos, Golfech e Cattenom), enquanto anunciava a continuação dos trabalhos na contestadíssima fábrica de reprocessamento de La Hague. Na mesma ocasião, eram precisadas as modalidades do debate parlamentar que definiria a política energética, a realizar antes de 15 de Outubro do mesmo ano.

As reacções não se fizeram esperar.

«Insuficientes», para a CFDT (Central Sindical de Influência Socialista) e para o conjunto das organizações ecologistas, estas medidas eram igualmente contestadas pelos construtores de centrais, pela EDF e pelo PCF, defensor do programa nuclear francês.

As decisões do Conselho de Ministros não punham em causa o programa nuclear francês da «EDF», mas colocaram o Governo entre a pressão dos ecologistas, que se apressaram a evocar a promessa eleitoral dos socialistas de «congelamento» de 14 centrais nucleares, e as exigências dos construtores, favoráveis à extensão do programa nuclear.

Com a aprovação em 7 de Outubro pela Assembleia Nacional, por 331 votos contra 67, do Programa Energético baseado fundamentalmente no nuclear, ficava garantida a prossecussão do programa de fundo elaborado no começo da década de 70 por Giscard d'Estaing.

Com esta decisão, rompia-se também definitivamente o precário equilíbrio defendido por Mitterrand: entre a «recusa do tudo nuclear», expressa no abandono do projecto de Plogoff, e a garantia de que «todas as centrais cuja construção já foi iniciada, serão acabadas», quem ficava a ganhar era a «EDF» e o chamado «lobby nuclear».

Mas nem por estas circunstâncias, os responsáveis pelo programa electronuclear francês poderão respirar fundo.

Se é certo que ao nível político parece estar assegurada a ideia fundamental enunciada pelo director-geral da «Framatome», continuam de pé todos os problemas relativos à própria energia nuclear: questões de segurança, o problema das fugas radioactivas e dos resíduos, a contaminação térmica e química, etc., de que falaremos amanhã.

Entretanto, a década de 90, altura em que se prevê que entrem em funcionamento as centrais agora em construção, irá colocar novos problemas à «EDF», por agora apenas entrevistos.

A electricidade não se armazena. Por isso, adaptar a oferta à procura, constitui uma das dificuldades maiores de qualquer programa energético.

«Cem milhões de quilovátios inúteis serão produzidos até 1990, o que corresponde a vinte centrais nucleares», afirma recentemente Edmond Maire, dirigente da CFDT. Esta estimativa levou aquele dirigente a considerar que a França já possui centrais em número suficiente para cobrir as suas necessidades energéticas até ao ano 2000.

Assim sendo, o problema que se viria a colocar à «EDF», e que apareceu desenvolvidamente tratado no «Le Monde» em Janeiro do ano passado, seria este: conseguirá a empresa suscitar em tão pouco tempo as necessidades, nomeadamente energéticas, que a produção nuclear supõe?

A «EDF» poderia, deste modo, vir a pagar os juros de um programa demasiado ambicioso.

E ficaria confirmado de vez o teor do famoso «Relatório Crémieux», que Giscard tentou ocultar: a partir de 1990, a energia produzida excederá muito provavelmente o consumo nacional.

Carlos Pessoa

IVONE UBACH DA COSTA CHAVES ROSA

FALECEU

Seu marido, filho, netos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã dia 13 pelas 6 horas da manhã, da Igreja de S. Sebastião da Pedreira, onde se encontra depositado, para jazigo de família, no cemitério de S. Paio, Gouveia.

Agência V.ª Nogueira da Estefânia
R. D. Estefânia, n.º 76-A - Telef. 542940

CÂMARA MUNICIPAL DE OLHÃO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE:

«Abastecimento de Água ao Concelho e Reforço à Vila de Olhão (Excepto Redes de Distribuição das Zonas Alta e Baixa da Vila)»

PREÇO BASE: 98 265 000$00 (Noventa e oito milhões e duzentos e sessenta e cinco mil escudos)

CAUÇÃO PROVISÓRIA: 2 456 625$00 (Dois milhões, quatrocentos e cinquenta e seis mil, seiscentos e vinte e cinco escudos)

ALVARÁ EXIGIDO: da 3.ª subcategoria da V categoria, ou da V categoria, e da 3.ª subcategoria da I categoria, ou da I categoria, e da classe correspondente ao valor da proposta.

As propostas serão entregues até às 12 horas do dia 9 de Novembro de 1982, em Olhão — Secretaria da Câmara Municipal

As propostas serão abertas às 15 horas do dia 10 de Novembro de 1982, na reunião da Câmara Municipal

O processo do concurso poderá ser consultado durante as horas de expediente, na Câmara Municipal de Olhão e SANÁQUA — Av. E.U.A. 100 — 8.º 1700 LISBOA

Olhão aos 24 de Setembro de 1982

(Assinatura ilegível)

justiça

Pode a Polícia pagar com droga?

Este dilema levou um agente da Judiciária a Tribunal

Factos curiosos começam a ser revelados no julgamento de um agente da Polícia Judiciária, cuja primeira audiência teve início ontem no 4.° Juízo Criminal de Lisboa. Acusado de fornecer haxixe para consumo a potenciais informadores, José Franco, com escassos cinco anos de serviço, encontra-se inactivo por dois anos, em cumprimento de sanção disciplinar e em risco de vir a ser condenado ao cumprimento de alguns anos de prisão.

O agente José Franco, enfrenta o Tribunal que vai apreciar se é válido pagar aos informadores com droga

Os casos, que por força do julgamento vieram ao conhecimento público, não são de molde a perigar o prestígio que no seu conjunto aquela Polícia goza junto do público mas, lamentavelmente, nada lhe acrescenta. Porém alguns funcionários, ou ex-funcionários, sairão forçosamente beliscados.

José Carlos Gomes Franco entrou para a Judiciária com vinte cinco anos, cheio de entusiasmo e ideias românticas sobre a actividade dos polícias de investigação. Talvez um pouco influenciado pelo James Bond. Tem uma apreciável cultura que lhe permite uma expressão clara e fluente.

Pouco depois de se tornar um agente de autoridade é enviado para os Açores, sozinho, com a missão de se infiltrar no ambiente onde proliferava o tráfico de droga que fornecia, entre outros, os soldados americanos ali estacionados. Levaria consigo uma placa daquele estupefaciente extraído da liamba. A droga seria apenas para exibir e fazer crer que tinham condições para proceder a transacções.

O agente Franco, que segundo apurámos executou o trabalho de modo a merecer até o elogio do comandante americano e as congratulações dos seus superiores, na altura, garante que trouxe de volta o haxixe, o que seria mais tarde confirmado pelo dr. Duque Lacerda, à data seu inspector. Ouvido no julgamento como testemunha, as suas afirmações não mereceriam muita credibilidade ao presidente do Tribunal, dr. Carmona Mota, como entendeu dever salientar. «Não contesto, mas não acredito».

Informações a troco de droga

Confessa, o agente Franco, ser verdade que cedeu algumas porções a um detido espanhol, Victor Segura, quantidades ínfimas, apenas suficientes para satisfazer a imperativa necessidade: «Nunca lhe dei, nem daria quantidades maiores, pois sabia que ou ia vendê-las na zona prisional onde se encontrava recluso ou organizava ali uma verdadeira orgia.»

O haxixe provinha de apreensões, de pequenas quantidades por vezes encontradas nos locais de buscas, sem que se identificasse a pessoa a quem pertencia. Em troca obteve informações que permitiram à Judiciária fazer grandes apreensões no aeroporto da Portela, nas gares marítimas e instalações portuárias. O informador Segura ensinou como identificar as malas, pelo tipo e marcas.

Desse modo foi possível, identificada a mala, esperar que viesse alguém recolhê-la o que permitiu várias prisões.

Garantiu que o informador estava habituado a trabalhar assim para outras Polícias e que no estrangeiro utiliza-se com frequência este método de aliciamento.

Mas curioso é que não foi por esta actividade, que seria do conhecimento do seu superior, o inspector Bessa Monteiro, ou pelo menos haveria um acordo tácito do género, segundo interpretação do juiz, dr. Carmona Mota: «Façam, mas depois não venham dizer que eu disse...» Não foi por esta actividade, repetimos, que o agente Franco se viu directamente processado e incriminado.

Em 1977 começou a dar-se por falta de haxixe das instalações da Polícia Judiciária, onde não se haviam criado condições para o guardar com cuidado o estupefaciente apreendido: «Andava à balda dentro da secção», afirmaria um dos funcionários ao depor.

Na verdade sabe-se que a Polícia Judiciária teve de improvisar investigadores e serviços perante o surto de droga que, de um momento para o outro, surgiu em força no nosso país. O dr. Duque Lacerda, que esteve dois anos à frente da secção de combate à droga, da Judiciária, antes de ingressar como subdirector no Centro de Controlo e Investigação de Droga, declarou em pleno tribunal que nada percebia de estupefacientes nem dos métodos de luta e investigação quando assumiu aquelas funções.

Não admira assim que, em dada altura, se tomasse conhecimento do desaparecimento de alguns quilos de haxixe, 30, segundo parece. Admira é que não tenha desaparecido mais. No entanto, tal não justificou a atitude dos responsáveis na PJ, em negligenciar a tomada de medidas que levassem à identificação do responsável pelo furto, que tudo indicava se destinara a introduzi-lo novamente no tráfico ilícito.

Seria o agente Franco, segundo referiu ao tribunal, quem pressionaria a direcção em 1979 para se levantar um inquérito, o que na verdade aconteceu. Desse inquérito resultaria a entrega de notas de culpa a alguns funcionários entre os quais o dr. Bessa Monteiro, então responsável pela secção.

Atentado a Mário Soares denunciado

É estranho, e o tribunal, apesar da insistência do seu presidente, não conseguiu esclarecer qual o motivo que levou quatro agentes da referida secção, colegas do Franco e que não tinham recebido notas de culpas, ou seja não eram visados no inquérito, a denunciarem o agente Franco, por ter descaminhado haxixe na investigação dos Açores e por o ceder ao recluso Victor Segura, a troco, como era do conhecimento mais ou menos generalizado, de informações. As respostas que o tribunal obteve nesta questão foram na verdade vagas.

Uma coisa é certa e seria cómica se não fosse a gravidade da questão. Um dos quatro denunciantes do agente Franco, precisamente o agente Benjamim, viria a ser preso por iniciativa do Centro de Controlo e Investigação de Droga, organismo rival da Polícia Judiciária na guerrilha de competências que então se iniciava. O agente Benjamim era nada mais nada menos que o autor, mais tarde confesso, do furto de haxixe que comerciava a traficantes e consumidores em Lisboa e Cascais.

«Toda a gente o conhecia como vendedor de haxixe. Até vendia num café mesmo em frente da Judiciária. Os senhores não sabiam?», perguntou com insistência o juiz, dr. Carmona Mota aos agentes, colegas do Franco, agora a depor como testemunhas de acusação. Recebeu uma negativa como resposta, o que levaria o magistrado a exclamar: «Arranjaram um bode espiatório. Não podia ser a droga dos Açores a que há dois anos andava a circular»...

Um dos agentes, durante o seu depoimento e a pergunta do magistrado, relataria a cena por si presenciada. O dr. Bessa Monteiro, inspector, pretendeu dar uma certa porção de haxixe ao Victor Segura, como recompensa de este ter informado um atentado que se preparava, visando linchar o Primeiro-Ministro de então, o dr. Mário Soares. O informador teria recusado apenas por ser pouca e entender que a vida do Primeiro-Ministro valia um pouco mais. No entanto, segundo diz o agente, quando o levava a caminho da cela, o Segura declarou-se disposto a aceitar aquela quantidade... «à falta de mais»... Ter-lhe-ia respondido que não aceitara na devida altura, agora já não lho dava.

Curioso é que o dr. Bessa Monteiro nunca foi incomodado por esta atitude ao invés do que aconteceu ao agente Franco.

Sob o ponto de vista ético é naturalmente reprovável que os funcionários da Judiciária encarregados da repressão e prevenção do tráfico e consumo de drogas estejam a fornecê-la aos que delas estão dependentes. No entanto os fins em vista levarão muita gente a pensar duas vezes antes de condenar tal atitude. Foi admitido no tribunal e é do conhecimento público que em geral todas as polícias pagam de uma maneira ou de outra aos seus informadores: por regra com dinheiro. Porém, e como muito bem lembrava o dr. Carmona Mota, o informador com o dinheiro pode comprar droga... até na cadeia.

A defesa está a cargo do advogado dr. Magalhães e Silva, que tem posto algumas perguntas pertinentes aos declarantes e depoentes, colocando a tónica no facto de não se encontrar técnica ou cientificamente provado que a substância entregue pelo réu Franco ao informador Segura fosse efectivamente haxixe. Alega não ter sido examinada pelo laboratório antes da entrega. Fica assim e apenas a convicção de que fosse o produto em referência.

A audiência prossegue apenas no dia 5 de Novembro por a agenda dos juízes estar demasiado carregada para as próximas semanas.

O que, ao fim e ao cabo, está em causa não será o comportamento do agente Franco, ao pagar com droga as informações, atitude vulgar e do conhecimento dos superiores que viria a ser denunciada anos depois, com certo aspecto de vingança.

O que está a ser julgado, afinal o mais importante, é a validade ou reprovação de certos métodos de acção no combate à delinquência: se os fins justificam os meios. Também em causa a justeza de se atirarem funcionários com pouca experiência de vida para situações delicadas e depois, quando há azar, tirar-lhes o tapete de sob os pés.

Dias Brito

Funcionários da Polícia Judiciária, antigos colegas do réu na Secção Antidroga, depõem como testemunhas de acusação

comunicação social

ANOP: nova intervenção da FIJ

Debruçando-se sobre o caso ANOP, o «Bureau» da Federação Internacional de Jornalistas (FIJ), reunido em Bruxelas recentemente, depois de contactos prévios do representante do Sindicato dos Jornalistas, Jorge Campos, ali presente, decidiu-se enviar, formalizado a sua posição, três telegramas de protesto ao SJ, ao PR e ao PM.

No primeiro, a FIJ, sabendo que 85 jornalistas da ANOP tinham recebido carta de despedimento no âmbito da decisão governamental para encerramento da agência, afirma que «esta decisão é um grave atentado ao direito ao trabalho dos jornalistas atingidos», sendo em tudo «contráriaà proposta de compromisso apresentada pelo Governo ao Presidente da República».

Tal situação, na opinião da FIJ, constitui desde já uma «ameaça ao emprego de outros jornalistas, sobretudo nas empresas públicas de Informação».

Dentro deste enunciado, a FIJ «exige» das autoridades portuguesas que «acabe com o processo de liquidação da ANOP», declarando que «continuará a alertar as suas organizações membros e a opinião pública internacional». Assim, pois, a FIJ solicitará o apoio da OIT para «obstar à decisão governamental» – e exprime «a sua solidariedade total aos trabalhadores da ANOP para o prosseguimento da sua luta».

No segundo telegrama, dirigido ao Presidente da República, o Executivo da FIJ confirma a viva oposição às intenções do Governo português de liquidar a ANOP.

Deste modo, «denuncia categoricamente o aspecto imoral da decisão governamental e considera que a anulação imediata da decisão governamental se impõe»!

Finalmente, no telegrama endereçado ao Primeiro-Ministro, confirma igualmente a viva oposição à decisão do Governo em liquidar a ANOP e à criação de uma nova agência. E o telegrama termina com as seguintes palavras:

«Apelamos ao bom senso do vosso Governo paraque denuncie imediatamente a tal decisão.»

Entretanto, o Conselho de Imprensa decidiu designar uma comissão para acompanhar a situação na Agência Noticiosa Portuguesa, «face ao preocupante processo desencadeado pelo Governo contra a ANOP».

O Conselho, que anunciou para breve uma tomada de posição pública e a realização de iniciativas para um melhor esclarecimento da opinião pública, discutiu na reunião, com que ontem reiniciou os seus trabalhos, «os últimos factos relativos ao pouco transparente processo tendente ao encerramento da empresa, com o despedimento selectivo a 147 trabalhadores».

Direcção-Geral da Comunicação Social

A Lei Orgânica da Direcção-Geral da Comunicaçã Social (DGCS) foi hoje publicada no «Diário da República), consumando-se asssim a extinção da Secretaria de Estado da Comunicação Social iniciada com a posse do VIII Governo.

Manuel Figueira, que transita das funções de director-geral da Informação (DGI) para as de director-geral da Comunicação Social sem necessidade de nova nomeação ou posse, afirmou já à ANOP que a publicação da lei traduz «uma mudança fundamental» no sector.

Afirmou nomeadamente que a DGCS «configura uma maior distanciação do Governo face à comunicação social» – mas também salientou que pela primeira vez a Direcção-Geral, integrada na presidência do Conselho de Ministros, passará a ter intervenção na área da gestão do sector público, através do Gabinete de Estudos e Planeamento.

Alfaia: Bissau em Novembro

O secretário de Estado para a Comunicação Social, José Alfaia, encontrou-se já com o ministro guineense da Informação, Filinto de Barros, com quem discutiu a sua visita a Bissau em Novembro.

A visita de José Alfaia, que se efectuará provavelmente na segunda quinzena daquele mês, será preparada por uma missão polivalente da comunicação social portuguesa que visitará aquele país, de 22 a 27 de Outubro corrente.

Esta delegação, que visitará também Cabo Verde, será chefiada por António Pedro Ortet, chefe de gabinete de José Alfaia, e será integrada por elementos daquela Secretaria de Estado, para além de técnicos da Televisão, Rádio e empresas jornalísticas.

A missão terá como principal objectivo proceder a um levantamento das carências guineense no sector, e preparar eventuais acordos a serem assinados aquando da deslocação de José Alfaia.

Jean Effel: não mais a margarida

O desenhador e caricaturista francês Jean Effel, o criador de «Marianne», símbolo da República Francesa, morreu em Paris com 74 anos, em consequência de longa doença.

Effel era um desenhador internacionalmente conhecido. Prémio Lenine da Paz militou toda a sua vida no Partido Comunista Francês, designadamente a favor da paz.

Assinava todas as suas obras com uma margarida.

Amélia Silva

A funcionária da ANOP Amélia Silva, de 35 anos, faleceu ontem após prolongada doença.

Amélia Silva trabalhava no Centro de Documentação da ANOP, desde a fundação da agência, tendo anteriormente prestado serviço na extinta ANI.

Angústia Desespero Solidão
54 45 45 centro S.O.S. voz amiga
uma voz amiga estará contigo

Governo Regional acusado de ingerência

APU prepara o dobro das candidaturas nos Açores

A «coordenadora» da Aliança Povo Unido (APU) dos Açores acusou o executivo regional de ingerência na vida das autarquias do arquipélago.

Os dirigentes da APU, que no fim-de-semana se reuniram em Angra do Heroísmo, concluíram igualmente pela nulidade do funcionamento de «uma esmagadora maioria» dos órgãos de freguesia da região.

Além de apelar aos autarcas no sentido da vigilância das eleições de 12 de Dezembro, a APU dos Açores denunciou a exiguidade dos meios financeiros do poder local.

Na reunião da «coordenadora» da Aliança Povo Unido foi analisada a problemática das próximas eleições autárquicas e preparado o encontro regional da organização que vai realizar-se em S. Miguel a 14 de Novembro.

Nas autárquicas de Dezembro, anunciaram os dirigentes locais, a Aliança Povo Unido vai candidatar-se ao dobro dos órgãos de freguesia a que se candidatou nas eleições locais anteriores.

Candidatos do PSD em Moimenta e Lamego

Manuel Ferreira Pinto anunciou a sua recandidatura pelo PSD à presidência da Câmara Municipal de Moimenta da Beira, nas eleições de 12 de Dezembro.

Também o CDS divulgou a lista dos candidatos àquela autarquia, propondo para a presidência Alexandre Gomes Cardia.

Por seu turno, António Ferreira anunciou a sua recandidatura pelo PSD à presidência da Câmara Municipal de Lamego.

Actual responsável pelo município de Lamego, António Ferreira recandidata-se pela terceira vez ao cargo.

Também o CDS e o PS anunciaram as listas dos candidatos à presidência daquele município, encabeçadas respectivamente por José Montenegro e Manuel da Silva Almeida.

APU propõe em Alandroal Mourão e Estremoz

O comunista Inácio Melrinho, actual presidente da Câmara do Alandroal, é o cabeça de lista da APU para a presidência da edilidade.

Um documento distribuído pela Aliança Povo Unido indica que o candidato número um à Assembleia Municipal é António Pisco Germano, pedreiro, proposto pelo PCP.

Alexandre Simões Pinto de Barros, independente, é o nome proposto pela Aliança Povo Unido como cabeça de lista para a Câmara de Mourão.

Alexandre Pinto de Barros, topógrafo principal, é o actual presidente da Assembleia Municipal local, eleito pelo Partido Socialista em 1979.

O sociólogo José Guerreiro, independente, é o cabeça de lista APU para a presidência da Câmara Municipal de Estremoz.

Para a presidência da Assembleia Municipal local a Aliança Povo Unido escolheu para líder o engenheiro civil, independente, Vítor Silva.

Constou que o ministro já assinara

Alvito e Pinhel desmentem dissolução das Câmaras

A Câmara Municipal de Alvito desmentiu afirmações do dirigente do PSD, António Capucho, sobre a dissolução do órgão executivo do município.

António Capucho afirmou em conferência de Imprensa da AD que a autarquia «estava dissolvida».

Em comunicado, a Câmara de Alvito declara não existir «de momento qualquer decreto governamental nesse sentido, nem quaisquer fundamentos jurídicos» que possam levar à sua dissolução.

A questão da dissolução da Câmara Municipal de Alvito foi levantada no primeiro semestre de 1980 pelo governador civil de Beja, com base em ilegalidades que teriam sido cometidas pelo executivo daquele órgão autárquico.

Depois de instaurado um inquérito, apreciaram o processo o provedor da Justiça e a Assembleia Distrital de Beja que concluíram não terem sido cometidas quaisquer ilegalidades na gestão da Câmara Municipal de Alvito e, muito menos – acrescenta o documento – ilegalidades graves que pudessem justificar a aplicação da lei que dissolve aquele órgão.

...e Alfeu Ramos vai recandidatar-se

O presidente da Câmara Municipal de Pinhel, distrito da Guarda, desmentiu à ANOP que o município tenha sido dissolvido por determinção ministerial.

Alfeu Ramos (CDS), que anunciou na segunda-fera a recandidatura como cabeça de lista dos democratas-cristãos às eleições autárquicas de 12 de Dezembro, disse serem falsas as notícias citadas em meios políticos da Guarda de acordo com as quais a dissolução «já foi assinada pelo ministro da Administração Interna».

Meios políticos da capital distrital indicaram que a dissolução se deveria a alegadas irregularidades na gestão municipal e na sequência de um inquérito às actividades do executivo solicitado pela comissão concelhia do PSD e pelo presidente da Câmara.

Nas eleições de 12 de Dezembro os partidos da Aliança Democrática concorrem com listas separadas no concelho de Pinhel.

em duas palavras

● Montemor-o-Novo recupera convento

As obras de recuperação do Convento de S. João de Deus, em Montemor-o-Novo, encontram-se praticamente concluídas, segundo anuncia a respectiva Câmara Municipal. Ali ficará instalada a biblioteca municipal e arquivo histórico, dois auditórios, discoteca, sala de exposições, «ateliers» de pintura, salas para reuniões de trabalho, etc.

O moderno complexo para actividades socioculturais «representará um importante passo para o reforço das estruturas de apoio à acção desenvolvida quer pela autarquia quer pelos agentes culturais do concelho» – segundo as autoridades municipais.

● Castelo da Feira vai ser museu

Por falta de protocolo já o castelo da Feira não chegará à ruina. A assinatura está programada para esta tarde e envolve o Instituto Português do Património Cultural, a Comissão de Vigilância e Conservação daquele monumento e o município.

A importância atribuída é tanta que ali se desloca o secretário de Estado da Cultura. O IPPC responsabiliza-se pela organização do museu, a Câmara Municipal coloborará na beneficiação do castelo, a Comissão de Vigilância entrará na programação e incentivo das actividades culturais.

● Loures despediu-se de jovens do «OTL»

Trabalharam durante dois meses do Verão, integrados no programa «Ocupação de Tempos Livres». Em Loures se ocuparam e ali contraternizaram, em fim de época, durante mais de dez horas, em número de 500.

A chuva miudinha não impediu que se concretizassem jogos de futebol e de salão, de basquetebol e simultâneas de xadrez. Depois, houve sardinhada com a presença do presidente da Câmara e vereadores. Um filme e baile fecharam a jornada.

● Ibero-Americanos apontam para Lisboa

O encontro de presidentes das câmaras de capitais ibero-americanas, a decorrer em Madrid, aprovou uma moção que aponta Lisboa como sede da próxima reunião.

A proposta foi apresentada pelo presidente da Câmara de Lisboa, Krus Abecasis, e foi aprovada este fim-de-semana.

A proposta de Abecasis pediu a criação da «União de Cidades Capitais Afro-Ibero-Americanas, com a integração das capitais de países africanos de expressão portuguesa».

Enrique Tierno Galvan, do município de Madrid, foi eleito primeiro presidente da União e os 22 participantes no encontro assistem terça-feira ao «Dia da Hispanidade» a convite do rei Juan Carlos.

● Funcionários autárquicos: MAI promove cursos

O reforço da autonomia das autarquias locais está nos objectivos declarados do Ministério da Administração Interna quando promove acções de formação e aperfeiçoamento profissional de funcionários autárquicos.

Cinco dessas acções foram ontem iniciadas em diversos locais do País: contabilidade industrial no Porto; fiscalização de obras, em Castelo Branco; organização e funcionamento dos serviços municipais, em Oeiras e Mealhada; contabilidade orçamental, em Ponta Delgada.

BR

Batista Russo

Este símbolo é caminho de futuro

Falar do passado? Sim, um pouco. Para dizer que soubemos vencer.
De positivo ganhámos uma grande experiência.
Como incentivo para uma perfeição a atingir, contámos sempre
com o enorme prestígio internacional das marcas
que comercializamos — automóveis BMW — camiões e autocarros M.A.N.
O novo símbolo Batista Russo é reflexo dessa nova dinâmica.
Activa e responsável. Representativa duma capacidade renovada de trabalho.
Homens, tecnologia, equipamento... tudo a postos!
Rede de vendas e assistência em fase de expansão.
Atendimento, diagnóstico e reparações dispondo das últimas inovações técnicas.
Existência completa no stock de peças e acessórios.
Somos uma organização responsável cuja filosofia de trabalho é futuro.
Só assim poderemos merecer a sua confiança.

Estamos no futuro

Polónia

Estaleiros Lenine de Gdansk continuam hoje em greve

Operários dos estaleiros Lenine, em Gdansk (Polónia) recomeçaram hoje uma greve iniciada ontem para protestar contra a ilegalização do «Solidariedade» – revelaram testemunhas oculares na cidade portuária do Báltico.

As ligações por telefone e telex com a cidade continuam cortadas.

Na segunda-feira, milhares de operários estiverem oito horas em greve nos estaleiros Lenine e noutros pontos da cidade.

A Polícia interveio com granadas de gás lacrimogéneo e bastões para dispersar algumas concentrações de operários.

Entretanto, ainda que as autoridades militares tenham levantado o bloqueio à cidade continuam cortadas todas as comunicações com Gdansk, depois de a Polícia ter disperso os grevistas que se manifestavam nas ruas e chegaram a erguer barricadas.

A greve, desencadeada 48 horas depois de o Parlamento polaco ter aprovado a dissolução da central sindical «Solidariedade», foi iniciada nos estaleiros Lenine.

Circulam rumores em Gdansk de que o dirigente do «Solidariedade» na região Bogdan, Lis, na clandestinidade, se encontra no interior dos estaleiros, juntamente com representantes de trabalhadores de outras empresas. Os trabalhadores exigem a restauração da central sindical a libertação do seu líder Lech Walesa, e uma amnistia para todos os presos e internados.

A agência noticiosa PAP anunciou que, ao fim da tarde a milícia dispersou grupos de manifestantes, especialmente jovens que se congregavam próximo da estação dos caminhos-de-ferro de Gdansk e tentavam perturbar a ordem pública.

O Comité Coordenador Provisório do «Solidariedade» emitiu um comunicado em que convoca não só os membros do «Solidariedade», como ainda todos os trabalhadores e todos os sindicatos a aderir a um protesto maciço, no dia 10 de Novembro próximo.

Fontes do «Solidariedade» informaram que os trabalhadores da siderurgia Huta Warszawa decidiram apoiar a ideia de boicote aos novos sindicatos de inspiração estatal.

Paralelamente, na fábrica de tractores URSUS cerca de sete mil operários aproveitaram a pausa do almoço para se manifestarem no interior da empresa, cantando hinos e canções religiosas.

Libertações

O governo polaco ordenou a libertação de 308 funcionários e membros do «Solidariedade» e anunciou que tenciona libertar em breve mais pessoas – noticiou a agência PAP.

Esta foi a maior libertação de internados ordenada desde Julho deste ano e segue-se ao anúncio feito sábado pelo general Wojciech Jaruzelski de que um número substancial de activistas seria posto em liberdade.

Papa

O Papa João Paulo II pediu ontem às autoridades de Varsóvia que «deixassem de fazer chorar os polacos», anunciou a Rádio Vaticano.

Aspecto da violência em Amesterdão, considerada a mais grave que se regista na Holanda há seis anos. (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

Violência em Amesterdão

Polícias de choque fortemente armados defrontaram ontem cerca de dois mil ocupantes de casas, que apedrejavam o Consulado norte-americano em Amesterdão, nos piores recontros verificados nessa cidade há mais de dois anos.

Pelo menos 20 polícias e um número desconhecido de civixs ficaram feridos em batalhas campais, que originaram incêndios num carro-eléctrico e em vários automóveis.

A Polícia afirmou que os distúrbios foram desencadeados pela expulsão de cinco ocupantes de uma vivenda de luxo, próxima do famoso Rijksmuseum.

A Polícia utilizou cães, gás lacrimogéneo, bastões e canhões de água contra os manifestantes, que erigiram barricadas com automóveis, materiais de construção e pedras.

Os manifestantes derrubaram uma cerca de protecção que cercava o Consulado dos Estados Unidos e estilhaçaram janelas de vidro reforçado, mas não tentaram penetrar no interior do edifício.

As montras de bancos, estabelecimentos e edifícios públicos em toda a parte Sul da cidade ficaram também estilhaçadas.

Pelo menos 88 manifestantes foram presos, mas a Polícia não conseguiu dispersar cerca de 1500 pessoas que se concentraram numa ponte sobre o Parque Vondel.

Polícias e jornalistas asseguraram que se tratou da pior vaga de violência em Amesterdão desde Abril de 1980, data da investidura da rainha Beatriz.

Escândalo financeiro na Câmara de Paris

O jornal parisiense «Liberation» implicou ontem altos funcionários do Município de Paris numa fraude de milhões de francos com ligações ao aparelho político do presidente da câmara, Jacques Chirac, líder do PRP, partido neo-gaullista.

Aquele diário de esquerda diz que foi paga com fundos municipais uma quantia de mais de sete milhões de francos a um grupo de pseudofirmas de consultores, pelos estudos preparatórios de projectos de renovação de 23 grandes conjuntos habitacionais em Paris, há dois anos.

O jornal, declarando que os seus jornalistas depararam com o caso numa investigação a ser publicada esta semana, com vista a «desvendar alguns dos mecanismos graças aos quais o presidente do município governa a cidade», relata que um alto funcionário do Departamento Municipal de Habitação impôs a utilização do Grupo de Consultores em conversações com empreiteiros candidatos às obras.

Acrescenta que o homem que está por trás do grupo fantasma foi incriminado por falência e esteve envolvido em actividades políticas relacionadas com o partido de Chirac.

As acusações surgiram em plena «Batalha de Paris», como é chamada a polémica suscitada pelo projecto do governo socialista para a criação de um sistema autárquico a dois níveis na capital, antes das cruciais eleições locais de Março.

Em conferência de Imprensa concedida ontem por autoridades municipais, estas reconheceram a existência do referido grupo de consultores, mas alegaram que a soma total gasta foi substancialmente inferior à citada pelo «Liberation» (pouco mais de 3 milhões de francos).

Segundo Samora

Pretória e ex-colonos desestabilizam Moçambique

O presidente Samora Machel acusou ontem, uma vez mais, a África do Sul de financiar a subversão contra Moçambique.

O chefe de Estado moçambicano falava perante o ministro e vice-ministro da Segurança, respectivamente Jacinto Veloso e Salésio Teodoro, numa cerimónia que assinalou o aniversário da vigilância popular.

Chamando a atenção para a intensificação da vigilância contra actividades desestabilizadoras provenientes da África do Sul, Samora disse que a RSA gasta «milhões de dólares para destruir o Poder Popular de Moçambique».

«É a África do Sul que financia os centros de recrutamento dos bandos armados em países ocidentais com quem temos relações» – sublinhou o chefe de Estado moçambicano.

Samora Machel referiu o nome de Orlando Cristina, como chefe dos bandos armados que actuam a partir da África do Sul.

Cristina era um colaborador do financeiro Jorge Jardim, personalidade muito conhecida nos meios «Ultras» portugueses.

O presidente moçambicano disse que é na África do Sul que se encontram os antigos empresários, «os donos e senhores» da economia colonial em Moçambique, interessados em destruir a independência de país.

Dirigindo-se aos responsáveis da Segurança, Samora Machel exortou-os a uma «purificação de fileiras» como «vacinação periódica para ganhar uminidade».

Referindo-se à fuga de Jorge Costa, antigo director do SNASP, do embaixador moçambicano em Portugal e de um piloto de «MIG», Samora disse que «a traição não é um processo estranho». «A traição é um fenómeno inerente à revolução» – afirmou.

Referindo-se à actividade dos bandos armados, Samora Machel considerou que a eliminação das actividades destes elementos levará a uma aior radicalização do processo revolucionário em Moçambique.

«Seremos mais radicais que hoje. Os moderados serão mais activos, os extremistas serão implacáveis» – afirmou.

O chefe de Estado moçambicano durante parte da sua intervenção, apelou ao «respeito pela legalidade revolucionária», propondo o dia 5 de Novembro como «Dia da Legalidade e da Justiça».

A 5 de Novembro de 1981, num comício popular em Maputo, Samora Machel denunciou acções arbitrárias e de abuso do Poder no seio das forças de defesa e segurança.

(AIM)

Massacres na Guatemala de índios e camponeses

Tropas guatemaltecas massacraram mais de 2600 índios e camponeses a pretexto de estarem a realizar um programa de «neutralização» de elementos antigovernamentais, denunciou hoje a Amnistia Internacional.

A organização de defesa dos Direitos Humanos especificou que os militares e a nova força de «defesa civil» destruiram aldeias inteiras, torturando e mutilando os seus habitantes.

Adiantando que mais notícias sobre estes massacres ainda estão a ser canalizadas para a sede do movimento, em Londres. A amnistia revelou, entretanto, que os números agora divulgados se referem a cerca de 112 incidentes ocorridos entre Março e Julho, os quais se caracterizaram por execuções massivas da população.

A Amnistia Internacional indicou que tudo leva a crer que as actuações deste tipo prosseguem, o que determinará o aumento do número de vítimas.

«Numa aldeia índia da província de Quiche, a 5 de Abril, as tropas obrigaram todos os habitantes a concentrarem-se no tribunal, após o que violaram as mulheres e degolaram os homens, tendo em seguida atirado as crianças contra as rochas de um rio das proximidades, até morrerem», destaca o relatório.

O documento refere que, noutros locais, as pessoas foram queimadas vivas nas suas cabanas e assassinadas com catanas e metralhadoras.

A Amnistia Internacional contesta, ainda, a versão governamental sobre as mortes no país. O Governo do ditador Rios Montt costuma responsabilizar por elas os guerrilheiros nacionalistas, ou justificá-las com pretensos combates entre estes e forças da «ordem».

A organização lembra que possui documentos comprovativos da existência de um programa governamental de assassínios elaborado ainda sob a presidência de Romeo Lucas Garcia, através do qual «esquadrões da morte» eliminariam todos os suspeitos de serem contra o seu regime.

O relatório indica que as notícias que agora chegam demarcam nitidamente a actuação das tropas governamentais nas áreas rurais, predominantemente habitadas por índios.

A luta em El Salvador

Teriam sido mortos quinze militares, no passado domingo, durante o ataque levado a cabo pelos guerrilheiros, contra a localidade de Las Vueltas, no distrito de Chalatenango, segundo informações chegadas hoje a San Salvador, que não foram confirmadas pelo Exército.

Por seu turno, as Forças Armadas salvadorenhas afirmaram ter morto 30 guerrilheiros durante a operação levada a cabo no fim da passada semana, depois de uma emboscada que custou a vida a seis polícias, montada na sexta-feira, próximo de Berlin, no distrito de Usulutan, no Sudeste do país.

Entretanto, na capital da Guatemala, desconhecidos metralharam a Embaixada de El Salvador, matando um dos cinco polícias que vigiavam o edifício – disse uma fonte policial.

No momento do atentado encontravam-se nas instalações do embaixador, Rafael Brizuela e outros funcionários.

A embaixada salvadorenha já foi alvo de vários atentados, que obrigaram à mudança de edifício por diversas vezes.

Terrorista italiano extraditado da Bolívia

Um italiano gravemente ferido, suspeito do atentado bombista de extrema-direita que em 1980 matou 85 pessoas na estação ferroviária de Bolonha, foi hoje extraditado da Bolívia a bordo de um avião da Alitália, guardado por 20 homens fortemente armados.

O «DC-10» da companhia aérea italiana deixou o aeroporto de La Paz pouco depois da meia-noite, com rumo a San Juan de Porto Rico, depois de ter desviado o seu voo regular entre o Rio de Janeiro e Roma.

A inesperada aterragem do aparelho em La Paz levantou de imediato rumores de sequestro, avolumados por vinte horas de misteriosa e supervigiada permanência na Bolívia.

De Porto Rico, o avião seguirá para Roma, disseram autoridades bolivianas.

O suspeito foi identificado como Pier Luigi Tagliari.

Um militar boliviano afirmou que Tagliari foi expulso do país como indesejável.

Notícias publicadas na Imprensa boliviana dizem que o terrorista há muito procurado se encontra gravemente ferido na sequência de toriteio com a Polícia, domingo passado, em Santa Cruz, mais de mil quilómetros a Sueste de La Paz.

O embaixador norte-americano na Bolívia e outros destacados funcionários diplomáticos norte-americanos estiveram durante todo o dia de ontem no aeroporto, juntamente com representantes da Embaixada Italiana e da Força Aérea Boliviana.

Uma fonte da Embaixada norte-americana afartou desde logo qualquer especulação de sequestro do avião, afirmando que o Governo boliviano estava a par do desvio do voo e da «operação especial» de extradição do suspeito terrorista para Itália.

Porém, um oficial da Força Aérea da Bolívia indicou que os Estados Unidos também procuravam a extradição de Tagliari, sob a acusação de tráfico de drogas.

No Japão

Zenko Suzuki demite-se da presidência do PLD

O primeiro-ministro japonês, Zenko Suzuki, demitiu-se do cargo de presidente do Partido Liberal-Democrata (PLD), conservador, no Poder), anunciou-se hoje oficialmente em Tóquio.

No Japão, a demissão da presidência do partido leva geralmente à demissão do cargo de primeiro-ministro, que o presidente do partido exerce.

Segundo informações publicadas na Imprensa de hoje, que anunciava que o primeiro-ministro tencionava demitir-se antes dessa demissão ter sido anunciada, Zenko Suzuki teria decidido abandonar as suas funções devido à pressão de facções rivais no seio do seu partido.

Suzuki, no poder há dois anos, tem sido duramente atacado pelos sindicatos, e alguns dirigentes do Partido Democrata Liberal também têm dirigido críticas à sua política económica.

O Partido Liberal-Democrata deverá proceder à eleição bianual do seu presidente no dia 25 de Novembro, em princípio, e Suzuki devia anunciar na próxima sexta-feira ou sábado se tencionava ou não voltar a concorrer a um novo mandato.

Ao chefe do Partido Liberal-Democrata está assegurado a eleição para o cargo de chefe do Governo, já que este partido detém a maioria nas duas câmaras do Parlamento japonês.

Federação entre a Jordânia e a Cisjordânia

— admite dirigente da OLP

A Organização de Libertação da Palestina pensa que poderá vir a concretizar-se uma federação entre a Jordânia e a Cisjordânia, após a criação de um Estado palestiniano – declarou Mahmoud Labadi, porta-voz da Organização.

«O nosso objectivo básico é assegurar uma retirada israelita, fazer com que Israel reconheça o nosso direito à autodeterminação, constituir um Estado palestiniano, e depois falar de uma associação ou federação com a Jordânia», disse a jornalistas.

Labadi indicou que tinha sido conseguido algum progresso durante dois dias de conversações em Amã entre o rei Hussein, da Jordânia, e o líder da OLP, Yasser Arafat.

Notou que a OLP não pensava que existissem contradições entre resoluções aprovadas na recente cimeira árabe de Fez, que apelam para um Estado palestiniano independente, e a ideia da federação, lançada em Setembro pelo rei Hussein.

Labadi disse que uma federação só poderia ser implementada «caso existissem dois Estados e neste momento não podemos aprovar uma federação já que não possuímos um Estado próprio».

Contudo, descreveu as conversações como rei Hussein como «muito amigáveis e fraternas».

Indicou que a OLP estava disposta a iniciar negociações com os Estados Unidos, na base da iniciativa de paz do presidente Reagan para o Médio Oriente.

Entretanto uma delegação da Liga Áarabe, chefiada pelo rei Hassan, de Marrocos, vai avistar-se no próximo dia 22 com o presidente dos EUA para discutir a sua iniciativa de paz.

Hassan é presidente da Liga Árabe, que recentemente realizou uma cimeira em Fez, aprovando o que a Casa Branca descreveu com uma atitude receptiva em relação à iniciativa de paz, definida por Reagan em 2 de Setembro passado.

A conferência terminou com a aprovação de uma proposta que incorpora partes do plano de Reagan.

Judeus italianos contra Roma e o Vaticano

O crítico e historiador Bruno Zevi, em representação da comunidade judaica romana, formulou ontem numerosas acusações contra as autoridades italianas, o Vaticano, a Imprensa e sindicatos, no seguimento do atentado de sábado contra a sinagoga de Roma.

O professor Zevi tomou a palavra numa reunião conjunta celebrada pelas juntas directivas da região, província e comunas de Roma, cidade em que decorre hoje um dia de luto pelo ataque contra a sinagoga.

«Depois da tragédia, os jornais, a rádio, a televisão, os políticos foram unanimemente solidários com os judeus, mas nenhum deles reconheceu a mínima responsabilidade» – disse Zevi.

«Por isso acusamos o ministro do Interior e os dirigentes das forças da ordem, por não terem defendido o «gheto» e os arredores da sinagoga».

«A comunidade notou que a Itália manda os seus soldados para o Líbano, para proteger os palestinianos, mas não protege os cidadãos judeus italianos» – declarou.

O representante da comunidade judaica italiana acusou o mundo católico pelo «modo pomposo com que recebeu Arafat no Vaticano e por ter quase ignorado que o massacre dos campos palestinianos foi realizado por cristãos, enquanto que ao Exército israelita só se pode atribuir, se se provar, a culpa da co-responsabilidade moral».

Alerta para as confusões

Chedli Klibi, secretário da Liga Árabe, lamentou o atentado contra a sinagoga de Roma numa declaração feita em Rimini, por ocasião de um simpósio sobre os problemas monetários euro-árabes.

O mundo árabe e a OLP em particular «condenam o terrorismo onde quer que se manifeste e seja qual for a forma que assuma», lembrou Klibi.

Lá se foi o submarino...

O susto causado na Suécia pela presença de um submarino-espião perto da sua principal base naval parece ter passado após o Chefe das Forças Armadas Suecas ter ontem admitido a fuga do vaso suspeito.

Funcionários navais disseram não ter havido contactos sonoros com o misterioso submarino desde sexta-feira, embora prossiga em Haasfjaers, a sul de Estocolmo, a grande operação montada por 12 navios, apoiados por helicópteros, para o localizar.

Acrescentaram que o submarino poderá ainda ser capturado no fiorde, que é virtualmente um lago privado da base naval de Muskoe, mas a maioria dos suecos considera que a declaração do comandante das Forças Armadas Lennart Ljung assinala o último capítulo do caso.

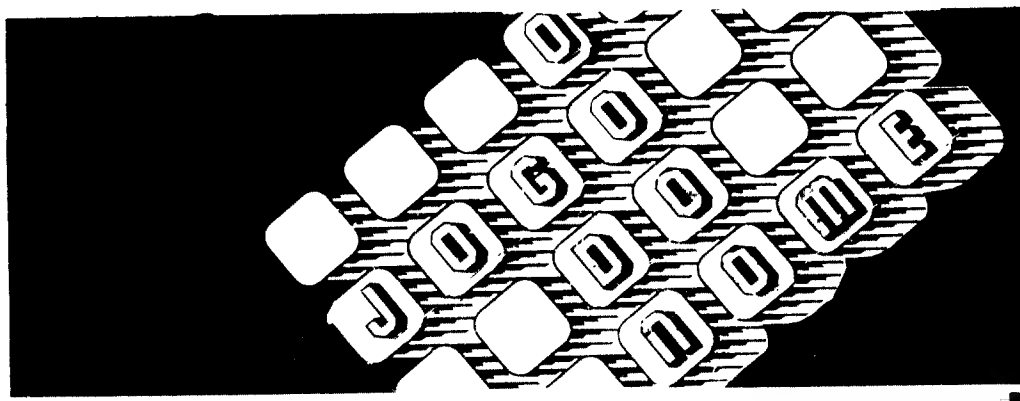
Enquanto isto, a agência oficial soviética TASS pôs em dúvida a existência dum submarino não-identificado ao largo da Suécia, e considerou que as autoridades desse país estão a caminhar para o fracasso nas buscas que efectuam.

A TASS denunciou as «especulações, às quais Washington não é provalvelmente estranho, tentanto associar a URSS e outros países socialistas» a este caso. Segundo a agência oficial soviética trata-se duma «campanha ruidosa e suja, com objectivos precisos, a saber, uma tentativa dos militares e da direita sueca para conseguirem novos créditos importantes e lavar a Suécia neutra a aproximar-se da NATO».

A URSS lamenta a psicose anti-soviética relançada por este caso que tende a enfraquecer o movimento pacifista euro-ocidental.

Sugerimos que envie as suas participações pelo correio, **mas se quiser, pode entregá-las pessoalmente** nas dependências do «DL» sitas na Rua Luz Soriano, n.º 15, em Lisboa (horas de expediente) até às 17 horas do dia do sorteio de cada jogo.

O leitor para participar no Jogo 6 deverá enviar **apenas cupões deste mesmo jogo** (e não do Jogo 5, já terminado e **indicar bem claramente no exterior do envelope o número** do Jogo do Nome a que está a concorrer.



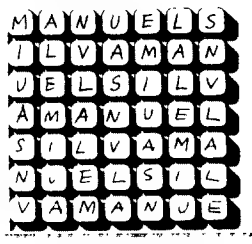
LETRAS DO JOGO 6

R L O

TERÇA-FEIRA, 12 DE OUTUBRO

RESUMO DO REGULAMENTO

1 **Inscreva o seu primeiro nome e o seu último apelido, em continuo, na grelha publicada ao lado (7X7 quadrados em branco) dentro do cupão** – uma única letra maiúscula por quadrado – até preencher completamente a grelha. Suprima todas as pontuações, apóstrofos, cedilhas, traços de união (exemplo 1). Use rigorosamente e apenas o seu primeiro nome e o último apelido, tal como figuram no bilhete de identidade actualizado ou cédula pessoal



(exemplo 1)

- Manuel Cristóvão Marques da Silva
Primeiro nome: MANUEL
Ultimo apelido: SILVA

(exemplo 2)

2 **Compare todos os dias as letras sorteadas e publicadas no «Diário de Lisboa» e as da sua grelha.** Quando uma letra publicada figurar na sua grelha, marque-a com um círculo. Se a letra aparecer várias vezes na sua grelha (o que com certeza acontecerá) só poderá marcar uma delas. Por exemplo: se o nome é «Manuel Silva» e uma das letras publicadas é um «L», só poderá marcar com um círculo um só dos «L» da grelha. Como as letras são tiradas à sorte, podem sair repetidas no mesmo dia. Neste caso, o leitor pode marcar com um círculo duas letras iguais (ou mais, se saírem três letras repetidas). ATENÇÃO: as letras publicadas só contam para o jogo a que correspondem.

3 **Quando conseguir completar uma linha de 7 letras,** na vertical, na horizontal ou em diagonal (exemplo 2) **preencha o cupão e envie-o para o «Diário de Lisboa»** dentro de um envelope dirigido a **O Jogo do Nome e apenas com um cupão em cada envelope. Atenção:** se houver mais de um cupão no envelope sorteado, esses cupões serão todos anulados.

O Jogo do Nome desenrola-se em 6 jogos de duas semanas cada, independentes uns dos outros e cada um com uma lista de magníficos prémios das marcas Grundig, Candy, Fagor e Progress, representados por Nacional Rádio, SARL. O leitor está convidado para participar em todos os Jogos e traga a sua família.

Os cupões com as grelhas vencedoras deverão estar no «Diário de Lisboa» até às 17 horas do dia do sorteio, que será sempre na quinta-feira seguinte à sexta-feira em que termina o Jogo. Portanto **é conveniente que, se tiver conseguido uma linha vencedora, o leitor meta no correio a sua carta o mais tardar até à segunda-feira que antecede o sorteio.**

Veja junto ao cupão as indicações das datas para cada jogo.

4 **As cartas contendo as grelhas vencedoras de cada jogo serão introduzidas num tambor e submetidas a um sorteio por extracção manual,** de tantas cartas quantos os prémios de cada jogo, verificando-se então se estão nas condições previstas no Regulamento, sem o que serão anuladas. No caso de ao mesmo concorrente ser atribuído mais de um prémio, será anulada a extracção do prémio de menor valor.

Este sorteio será feito na primeira quinta-feira seguinte ao termo de cada jogo e os resultados serão publicados no DL do dia seguinte, sendo ainda feita uma comunicação postal do facto a cada premiado.

5 **Haverá um prémio especial de três libras de ouro para o premiado que tiver conseguido obter a sua linha vencedora mais cedo.** Para isso há um local no cupão que deverá ser preenchido pelo leitor com a indicação do dia em que conseguiu obter a sua linha vencedora, dia que será verificado pelas entidades fiscalizadoras do passatempo O Jogo do Nome. No caso de vários premiados terem terminado a sua linha vencedora no mesmo dia, proceder-se-á a um mini-sorteio, também por extracção manual, entre esses premiados, para determinar a quem serão entregues as três libras!

6 O cupão contendo a grelha de participação será publicado todos os dias durante as doze semanas abrangidas pelos 6 jogos e **o leitor pode a qualquer momento entrar no jogo.** Basta ter o «Diário de Lisboa» e comprar um (apenas um) exemplar que lhe proporcionará o cupão necessário para concorrer a cada jogo.

7 ~~Os trabalhadores da Renascença~~ Gráfica, SARL («Diário de Lisboa») não podem participar no passatempo **O Jogo do Nome.** Nenhuma correspondência será trocada sobre o concurso para além das cartas que, após cada sorteio, serão enviadas aos premiados. **As letras sorteadas não serão em nenhum caso comunicadas por telefone ou por escrito, e serão publicadas apenas uma vez no «Diário de Lisboa», no seu dia respectivo.**

8 Em princípio, **as letras sorteadas serão: 5 letras aos sábados, 9 letras nos restantes dias da semana** (excepto o domingo, em que o «Diário de Lisboa» não se publica). Os jogos começam sempre a um sábado e terminam sempre na segunda sexta-feira seguinte.

1975 1976-Ken Hecht
Sob UCC-1975 1976-Ken Hecht
International Copyright Secured
Reservados todos os direitos

Amanhã, 3 novas letras

Jogo 6

CONSEGUI COMPLETAR A LINHA VENCEDORA DE 7 LETRAS NO DIA _____

NOME .....

MORADA .....

(TEL .....)

Preencha cuidadosamente este cupão com o seu nome exactamente como figura no Bilhete de Identidade ou na Cédula Pessoal, bem como morada, telefone . Indique também o dia em que conseguiu completar a linha vencedora de 7 letras para se habilitar ao «Prémio Especial» e **ENVIE O MAIS CEDO POSSÍVEL, MAS SEMPRE DE FORMA A CHEGAR ÀS NOSSAS MÃOS ANTES DAS 17 HORAS DO DIA DO SORTEIO DO JOGO.**

SÓ UM CUPÃO EM CADA ENVELOPE

ENVIE PARA
«Diário de Lisboa»
«O Jogo do Nome»
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

PRÉMIOS em Marcas que valem ouro!

GRUNDIG Candy FAGOR PROGRESS

Representante Oficial NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

Jogo 6 – datas a fixar

INÍCIO	2 de Outubro
TERMO	15 de Outubro
DIA DO SORTEIO	21 de Outubro
DIVULGAÇÃO DOS PREMIADOS	22 de Outubro

Mais de 50 mil armas atómicas no mundo

As despesas militares mundiais consomem mais de um milhão de dólares por minuto (cerca de 89 mil contos), e os arsenais nucleares dispõem de mais de 50 000 armas atómicas, afirma um estudo publicado por Organizações favoráveis ao desarmamento.

Este estudo, intitulado «As Despesas Militares e Sociais no Mundo, em 1982», sublinha que os arsenais nucleares atingiram uma potência destrutiva equivalente a 3,5 toneladas de «TNT» por cada habitante do planeta.

Segundo a sr.ª Ruth Leger Sivard, autora do estudo e directora da Organização privada «Prioridades Mundiais». As despesas militares mundiais elevam-se actualmente a 600 mil milhões de dólares por ano: – as despesas médias por cada soldado são de 19 300 dólares por ano; – cerca de 100 milhões de pessoas estão envolvidas directa ouindirectamente nas actividades militares no mundo. Para cada 100 mil pessoas no nosso planeta há 556 soldados e 83 médicos. – As duas superpotências dispendem metade do orçamento militar mundial.

Independência da Namíbia

Claude Cheysson critica posição dos EUA

O ministro francês dos Negócios Estrangeiros foi ontem recebido em Dares Salam pelo presidente tanzaniano, Julius Nyerere, com quem discutiu a ajuda francesa à Tanzânia e a independência da Namíbia.

Diplomatas franceses em Dares Salam disseram que a questão da Namíbia ocupou grande parte das conversações entre Nyerere e Cheysson, que se encontrava numa visita de 24 horas à Tanzânia.

O ministro francês disse após a sua reunião com o presidente Nyerere que a presença de tropas cubanas em Angola não devia servir de pretexto para atrasar a independência da Namíbia. «Está tudo preparado, disse, para essa independência, e não posso deixar de censurar os que utilizam este pretexto».

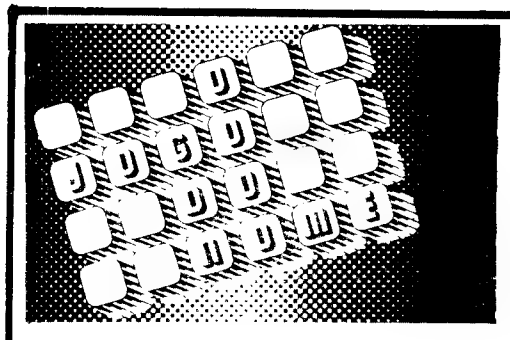
Em Dares Salam, Cheysson criticou, nomeadamente, embora de forma indirecta, a posição dos EUA sobre a presença de tropas cubanas em Angola. O ministro declarou que não via «nenhuma justificação» para o pedido de retirada das tropas cubanas de Angola como condição para a retirada sul-africana da Namíbia. «Sabemos que os americanos não têm a mesma opinião que nós. O problema é deles».

Em Nairobi, para onde se deslocou seguidamente, o ministro francês acrescentou que compreendia a presença de tropas cobanas em Angola devido aos ataques e às ameaças da África do Sul.

Claude Cheysson confirmou, à sua chegada a Nairobi, que se encontraria hoje em Tunis com o chefe da OLP, Yasser Arafat.

O ministro dos Negócios Estrangeiros afirmou, também, numa conferência de Imprensa, que a França não ia «certamente» desempenhar um papel de mediação na crise da Organização da Unidade Africana (OUA), provocada pela admissão, em Fevereiro último, da República Árabe Sarauí Democrática (RASD).

Indicou que se encontrava em Nairobi para comunicar ao presidente queniano, Daniel Arap Moi, presidente em exercício da OUA, os resultados da cimeira franco-africana de Kinshasa e que tencionava consultá-lo sobre vários problemas internacionais.



ESTES SÃO OS SENSACIONAIS PRÉMIOS

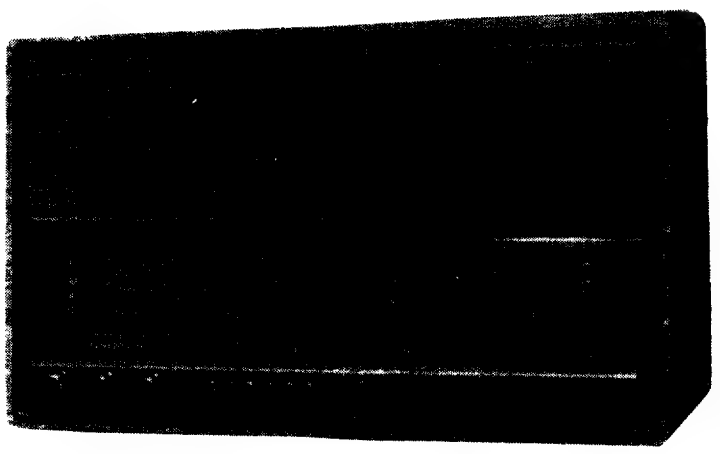
JOGO 6

Candy FAGOR

das Conceituadas Marcas ...que valem ouro!

PROGRESS GRUNDIG

Concorra ao 6.º Jogo do Nome: vai ser o último deste ano e valiosos prémios esperam por si!



5.º prémio do jogo 6

Um rádio de mesa GRUNDIG RF 740 no valor de 9.350$00

Onda Média, Onda Curta, Onda Longa e Frequência Modulada; 6 selectores de pré-programas em FM, ligações diversas, separação de baixos e controlo de agudos e terra, antena incorporada para FM.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O PREMIADO MAIS RÁPIDO

De entre os 25 premiados, o mais rápido a completar a linha vencedora receberá três libras de ouro, no valor aproximado de 25 contos. É um prémio especial que lhe oferece a NACIONAL RÁDIO! (Veja o n.º 5 do Regulamento na página anterior)

Representante Oficial NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

3 LIBRAS DE OURO!

JOGO 6 – LISTA DE PRÉMIOS

1.º – Um COMBINADO FAGOR C365	53 200$00
2.º – Um TELEVISOR GRUNDIG A310, a cores	42 250$00
3.º – Uma MÁQUINA DE LAVAR ROUPA CANDY P641	37 500$00
4.º – Um ASPIRADOR PROGRESS P93 PLUS	19 700$00
5.º – Um RÁDIO DE MESA GRUNDIG RF 740	9 350$00
6.º a 10.º – Um RÁDIO RELÓGIO GRUNDIG CS 800 cada	6 600$00
11.º a 15.º – Uma FIAMBREIRA PROGRESS K62EL cada	5 000$00
16.º a 25.º – Um RÁDIO GRUNDIG Portátil PARTY BOY 700 cada	4 100$00

Brincando às guerras nucleares

Os radiouvintes da cidade inglesa de Sheffield, arrasada durante a Segunda Guerra Mundial, viveram domingo quatro minutos de pânico ao «sentirem» uma terceira guerra mundial.

Um «porta-voz» do governo britânico anunciou nada mais nada menos através da Rádio Hallam, que, devido a um erro de computador, mísseis e bombardeiros soviéticos se dirigiam à Grã-Bretanha.

O episódio iniciou-se quando o habital apresentador do noticiário da estação interrompeu domingo, o programa musical no ar, e anunciou uma ligação a Londres para ser transmitida uma importante comunicação do ministério da Defesa.

Numerosos ouvintes entraram em pânico, telefonando a familiares e à polícia, antes de o locutor lhes ter garantido que o anúncio era pura ficção e apenas um fragmento de um programa radiofónico versando a guerra nuclear.

Um responsável pela estação afirmou, entretanto, que o incidente se deveu apenas a um mau julgamento da situação e não foi deliberado. Não obstante, o produtor do programa foi suspenso enquanto decorre um inquérito.

Sheffield foi um dos primeiros alvos da aviação nazi na Segunda Guerra Mundial, que destruiu ou danificou 100 000 edifícios.

Visita do presidente angolano ao Zimbabwe

O presidente angolano Eduardo dos Santos chegou hoje a Harare para uma visita oficial de quatro dias que deve marcar uma etapa importante nas relações, entre o Zimbabwe e a antiga colónia portuguesa.

Trata-se da primeira visita de um chefe de Estado angolano desde a independência do Zimbabwe, a antiga Rodésia, em Abril de 1980.

Respondendo a um convite do seu homólogo zimbabwense, Canaan Banana, o presidente angolano e a sua delegação de nove pessoas terão a partir de hoje conversações com o governo de Robert Mugabe. Deverão ser assinados vários acordos de cooperação, segundo a Imprensa local.

Eduardo dos Santos poderia também abordar com os seus interlucotores zimbabwenses a questão da Namíbia, consideram os observadores em Harare.

exclusivo

Jornada Internacional da Paz

■ Radovan Prazak □ Orbis

AS estatísticas falam uma linguagem inexorável: mais de 50 milhões de mortos, 35 milhões de feridos, mais de 20 milhões de mutilados. Os valores materiais aniquilados atingem somas astronómicas. Este foi o balanço da guerra mais apocalíptica na história da humanidade, o balanço da Segunda Guerra Mundial...

Todos estes horrores começaram há 43 anos; sob a ordem de Hitler a soldadesca nazi ultrapassou a fronteira polaca a 1 de Setembro de 1939 e desencadeou o braseiro de guerra que se propagou por três continentes.

Durante seis anos o mundo foi sacudido por espasmos dolorosos, durante seis anos, milhões de seres humanos tremeram pela sua existência e combateram para sobreviver. O furor nazi e a loucura japonesa não se importavam nem com as mulheres, nem com as crianças. Os campos de concentração, as cidades incendiadas, as aldeias arrasadas tornaram-se na fossa-comum dos inocentes. No momento em que o resultado da guerra estava já decidido, foram arrasadas da superfície da terra duas cidades japonesas. Hoje sabe-se claramente que isso foi um sinal de advertência para aqueles que, para o esmagamento do fascismo e do militarismo, foram as vítimas dos maiores sacrifícios.

O 1.º de Setembro foi proclamado como a Jornada Internacional da Paz pelo Conselho Mundial da Paz. Não por piedade, mas como um apelo, um aviso e um ensinamento para o futuro. Poder-se-ia designar melhor o dia de luta pela salvaguarda da humanidade? Porque o acto que teve lugar nesse dia, devemos lembrá-lo constantemente. Sobretudo nos nossos dias, quando numerosos daqueles que puderam evitar òs sofrimentos da guerra e não tiraram os ensinamentos dos sacrifícios dos outros, calculam com bastante sangue-frio novas possibilidades de desencadear e de ganhar uma guerra.

Uma guerra nuclear, química, a neutrões, uma guerra que destrua as diferenças entre a frente e a retaguarda, que não faça nenhuma diferença entre os militares e os civis, e que liquidará, cegamente, todo o ser humano sem ter em conta a sua convicção política, a sua dor ou a sua religião. Uma guerra para a qual as estatísticas serão inúteis.

Esta é a realidade do mundo de hoje. Desde a assinatura da capitulação pela Alemanha vencida, a paz está ameaçada hoje, como não esteve até então. Basta o mais pequeno movimento irreflectido e não existe força que possa deter a destruição, levando a morte. A situação internacional não se complicou, todavia, por si mesma, como não melhorou por ela própria no decurso dos anos setenta. As duas coisas são o resultado de actividades humanas.

Pode ver-se propagar, em diversas direcções do mundo, cada vez com mais força e de cada vez como uma advertência, vindo do outro lado do Oceano, novos toques de tambor de guerra, e as emoções de alguns políticos pouco responsáveis ampliam-se, e tornam-se cada vez mais perigosas. Os arsenais militares estão cheios das mais diversas armas que bastariam para aniquilar o nosso planeta pelo menos quinze vezes. Em cada minuto o mundo gasta, para os armamentos, um milhão de dólares. Os apelos à razão e à abstenção, à solução das questões litigiosas pelas negociações, encontram cada vez mais a resistência daqueles para quem a força – em primeiro lugar a força militar – tornou-se um fetiche e que querem sacrificar tudo o que a civilização humana criou até ao presente. Para eles a paz não é senão uma simples pausa na guerra.

A batalha das Malvinas, a agressão israelita ao Líbano, os esforços contínuos procurando inverter a situação interior em Angola por uma intervenção exterior, e as intervenções abertas nos assuntos dos países da Ásia e da América Latina, mostram que são numerosos aqueles que não podem resistir à tentação de ensaiar a força, na prática, pela realização dos seus fins egoístas.

Apesar da gravidade da situação, apesar da manutenção artificial «de focos perigosos» em diversas partes do Mundo, seria errado secumbir ao fatalismo. Porque contra todos aqueles que não querem ouvir a voz da razão, para quem o 1.º de Setembro não é senão uma página do calendário, há todos aqueles que têm consciência de que a Paz não é maná celestial. A paz é conseguida por um trabalho diário constante, pela resistência a todas as formas da arbitrariedade, pelos esforços com vista à segurança internacional, à compreensão e à distensão. E isso é justamente o que toda a humanidade progressista lembra na Jornada Internacional da Paz. ■

Nurenberg: o julgamento histórico dos criminosos nazis

O Egipto à procura de um novo Nasser

HÁ trinta anos, o tenente-coronel Gamal Abdel Nasser e o seu grupo de «oficiais livres» entraram na História. A Evolução do 23 de Julho que realizaram, derrubando o rei Farouk, lançou as bases de uma série de transformações sócio-económicas progressistas: nacionalização dos bancos e companhias estrangeiras, construção intensa do sector estatal, reforma agrária e nacionalização do canal de Suez.

O país atravessou grandes dificuldades mas, apesar de tudo, a acção de Nasser, conjugada a nível externo com uma linha anti-imperialista consequente e uma política de real não-alinhamento, conquistaram para o Egipto um inegável prestígio na arena internacional.

Depois de Nasser, sucedeu-lhe o presidente Anouar El Sadate. A sua orientação política foi inteiramente diferente: colocou-se ao lado dos Estados Unidos e, depois, de Israel. O seu resultado foi lamentável para o Próximo Oriente: os acordos de Camp David e o «tratado de paz» entre o Egipto e Israel dividiram o mundo árabe, deram maior apoio aos judeus para prosseguir a pilhagem dos territórios ocupados contra os palestinianos e o Líbano e reforçaram a penetração americana na região.

A política económica de Sadat não rendeu melhores frutos. A « desnasserização» custou caro ao Egipto.

A «desnasserização»

A política económica das «portas abertas» prometia teoricamente o «Eldorado». As grandes vantagens concedidas ao capital privado egípcio e estrangeiro, tanto industrial como bancário, deviam fornecer ao país as finanças necessárias, as tecnologias ocidentais de ponta e a garantia de empregos suplementares.

O resultado final devia ser a «prosperidade», termo que Sadate não deixava de repetir desde 1974, quando lançou esta linha. Mas os resultados concretos acabaram por revelar-se muito mais modestos, para não falar de uma série de outros, que se mostraram pura e simplesmente gravosos.

Nem os empresários egípcios nem os estrangeiros se mostraram muito apressados em investir meios na produção, onde as despesas se amortizam muito lentamente. Orientaram-se antes para sectores que oferecem um lucro rápido: comércio, em primeiro lugar de objectos de luxo, construção de imóveis caros, turismo e especulação imobiliária.

A febre das especulações levou a um rápido aumento das importações e, devido ao atraso das exportações, à brusca elevação do défice da balança de pagamentos e comercial, assim como à intensificação das tendências inflacionistas e à subida dos preços, que atinge actualmente perto de 20 por cento ao ano.

Uma percentagem considerável de egípcios efectivamente enriqueceu (houve quem fizesse fortunas fabulosas em apenas um ou dois anos), mas a maioria viu as suas condições de vida tornarem-se mais penosas ainda.

Paralelamente, constatavam-se outros fenómenos negativos: o crescimento rápido da dívida externa, que alcança actualmente perto de 20 mil milhões de dólares, a falta de operários qualificados que emigram à procura de melhores salários nos países árabes exportadores de petróleo.

A pressão demográfica constante – o aumento da população é de 2,7 por cento ao ano – e a falta de terras férteis agravam por outro lado o problema alimentar, o desemprego e a crise de habitação.

Benefício da dúvida para Mubarak

O presidente Muhammad Hosni Mubarak, que tomou posse em Outubro passado, proclamou que a política de «portas abertas» vai permanecer em vigor, mas será reorientada em maior medida para a produção. Os seus objectivos principais são: a regulação do consumo e das importações, a utilização da poupança interna tendo em vista a extensão da produção e do desenvolvimento; a consolidação do sector estatal, a luta contra a corrupção e as despesas excessivas dos particulares e do Estado; a melhoria da construção imobiliária para as famílias de rendimentos médios ou insuficientes.

Esta política «deve tentar satisfazer as principais necessidades dos trabalhadores e não garantir a aquisição de objectos de luxo por uma minoria desafogada», sublinhou o presidente.

Isto teve naturalmente repercussões positivas sobre os egípcios. Mas, recorde-se que no tempo de Sadate se falava também na necessidade de «virar» a política económica num sentido de maior eficácia – e estes votos não passaram de palavras vãs. A questão da realização dos objectivos fixados permanece porém em aberto, tendo em conta as dificuldades que atravessa o país. ■

A crise falada para estrangeiro ouvir

Homens de negócios americanos residentes em Portugal e banqueiros estrangeiros, às centenas, convidados pelo Banco Português do Atlântico para ouvirem na benignidade do clima algarvio e no cenário magnífico de Vilamoura, as últimas sobre as excelências do investimento em Portugal, ouviram, ontem, catadupas de palavras sobre a crise.

Ele foi o ministro das Finanças aligeirando-a para garantir aos banqueiros estrangeiros que podem avançar à vontade, pois a banca e os seguros vão ser abertos ao capital privado nacional e internacional, e que a partir de agora tudo será mais fácil pois já temos «uma Constituição como a dos outros países europeus».

Mas ele foi também, como contraponto dento da própria área do poder, o antigo titular das Finanças, nos Governos de Sá Carneiro, a lembrar que as coisas não são assim tão fáceis: um terço da dívida externa tem de ser amortizado no curto prazo e, em função da evolução recente da economia, a redução do desequilíbrio externo ganha prioridades não desejáveis, teoricamente.

Um plano de estabilização, provavelmente apadrinhado pelo Fundo Monetário Internacional, começa a bailar na cabeça de todos, nesta conversa falada sobre a crise para estrangeiro ouvir. Só que Silva Lopes, conselheiro do FMI, vai tratando de avisar: se os Sindicatos foram os verdadeiros heróis do plano de estabilização de 1979, aceitando a redução dos salários reais, os heróis também se cansam e não é crível que nova tentativa de os sacrificar resulte desta vez.

D.R.

Cavaco Silva no American Club

"É urgente um plano de investimentos para as empresas públicas"

O ex-ministro das Finanças, Cavaco Silva, considerou ontem em Lisboa, um erro não se terem completado as negociações com o Fundo Monetário Internacional para a concessão de um empréstimo a Portugal.

Cavaco Silva revelou, num almoço em que participou como orador convidado do American Club, que as negociações para obtenção do crédito do FMI foram encetadas por si em 1980 em condições que classificou de bastante favoráveis.

Tratava-se de um empréstimo «Extended Fund Facilities», em que o juro era inferior ao praticado pelos bancos comerciais quando da concessão de crédito.

No que diz respeito ao desequilíbrio externo, que considerou um dos desequilíbrios mais graves que se verificam em Portugal, frisou que a sua forma de financiamento é tão importante quanto o montante do défice.

Em Portugal, o sector bancário financia a quase totalidade do défice, o que significa um corte de recursos ao sector privado, uma vez que o crédito em Portugal é controlado directamente e racionado, logo quanto mais é canalizado para o sector público menor é a parte residual absorvida pelo privado, notou.

Cavaco Silva afirmou, ainda, que o objectivo prioritário da política económica portuguesa deve ser o da correcção do desequilíbrio externo.

O antigo ministro de Sá Carneiro disse ser preocupante a diminuição da taxa de investimento e que o objectivo prioritário deve ser a correcção do desiquilíbrio externo

Salientou que o equilíbrio externo não é o objectivo correcto de um país, sendo apenas a condicionante do que considerou objectivos mais válidos como a redução do desemprego, o crescimento económico ou a diminuição da inflação.

Sublinhou, contudo, que dado o montante do défice português relativamente ao exterior e os limites ao seu financiamento, o equilíbrio externo tende a ser o objectivo prioritário da política económica, «secundarizando os objectivos mais válidos de uma sociedade».

Dívida a curto prazo é 30 por cento do total

As contas externas de Portugal estiveram praticamente em equilíbrio em 1979, experimentando um aumento em 1980 para 1,2 biliões de dólares (5 por cento da produção nacional) e em 1981 para 2,6 biliões de dólares (11,2 por cento da produção total), o que, frisou, comparativamente a outros países e em termos de percentagem do produto é dos desequilíbrios mais elevados.

Cavado Silva notou, ainda, ser motivo de preocupação a dívida a curto prazo que representa 30 a 32 por cento do total, bem como a evolução da mesma que previu situar-se este ano em 25 por cento das receitas portuguesas provenientes das exportações, remessas dos emigrantes e turismo.

Em relação ao investimento, Cavaco Silva disse esperar para 1982 uma nova queda desta componente económica devendo o investimento privado situar-se «não muito longe da estagnação».

Declarou ser preocupante o facto de a taxa de investimento estar a diminuir e ao mesmo tempo o desequilíbrio externo estar a aumentar, considerando que a afectação do investimento em Portugal não tem sido muito eficiente.

Classificou de urgente um plano de investimento para as empresas públicas em que seja prevista a eficiência do mesmo e a coerência da política económica em Portugal.

No que se refere à poupança interna, Cavaco Silva disse ser motivo de preocupação a sua queda nos últimos anos, uma vez que na sua falta há que recorrer ao estrangeiro com todos os limites de financiamento de uma economia.

Atribuiu a diminuição da poupança interna à falta de alternativas na sua aplicação para os particulares e a influência das expectativas inflacionistas que, realçou, provocam um aumento do consumo em detrimento da poupança.

Em relação à inflação, Cavaco Silva previu a sua subida para 23 a 24 por cento em 1982, contra os 20 por cento verificados em 1981.

Cavaco Silva participou pela segunda vez num almoço do American Club como orador convidado. A primeira participação aconteceu em 30 de Abril de 1980 quando da discussão do Orçamento Geral do Estado e das Grandes Opções do Plano do Sexto Governo Constitucional.

Silva Lopes

Sindicatos também se cansam de ser heróis

Uma taxa de crescimento média anual do produto nacional bruto acima dos 5 por cento deveria ser o objectivo central da economia portuguesa para esta década – disse em Vilamoura o economista Silva Lopes.

Falando num Seminário para Banqueiros Estrangeiros, Silva Lopes afirmou que essa taxa de crescimento era fundamental para aproximar a economia portuguesa da dos países industrializados.

No entanto – disse – a curto prazo «teremos de esperar um menor crescimento devido à necessidade de medidas de estabilização económica».

O elevado défice da balança de transacções correntes (2,7 mil milhões de dólares em 1981) obrigará a um esforço de estabilização da economia que afecta muito o seu crescimento.

Aquele economista, que é consultor do Fundo Monetário Internacional e da Caixa Geral de Depósitos, traçou a evolução da economia portuguesa de 1977 a 1979, analisando a sua reacção ao programa negociado com o FMI.

Silva Lopes considerou um verdadeiro sucesso a redução do défice da balança de transacções correntes de 9,5 por cento do PNB em 1977 para zero por cento dois anos depois, contribuindo para isso os sindicatos como **verdadeiros heróis do programa de estabilização** por terem aceite uma forte redução dos salários reais acrescentando que actualmente talvez não seja possível repetir este tipo de medidas.

Silva Lopes considerou fundamental para o desenvolvimento económico um aumento da poupança interna ao nível das empresas e do Estado e uma forte redução do défice da balança comercial.

Este economista criticou a política cambial de 1980/81, considerando que a situação é agora melhor após a desvalorização do escudo.

Nobre da Costa:

A mão de obra é boa e barata

O antigo Primeiro-Ministro Nobre da Costa defendeu que Portugal deveria aproveitar a imigração de algumas indústrias que estão a abandonar a Europa do Norte, como acontece com o sector automóvel e a fundição.

Nobre da Costa afirmou que Portugal será ainda, durante alguns anos, o fornecedor de mão-de-obra de qualidade e de baixo custo.

Disse que em 1979 o custo por hora de um trabalhador português no sector têxtil era 1,7 dólares enquanto em Espanha e na Grécia era o dobro e nos países industrializados rondava os sete dólares.

Criticou o planeamento económico do Estado e das empresas que possui, considerando que seria possível reduzir as importações se os planos fossem atempadamente conhecidos.

Salgueiro garantiu abertura da Banca e Seguros à iniciativa privada

Algumas empresas públicas vão ser encerradas e a Setenave entregue à gestão privada

O ministro das Finanças e do Plano, João Salgueiro, disse ontem em Vilamoura que «as empresas públicas não viáveis serão encerradas».

Falando na abertura do Seminário para Banqueiros Estrangeiros organizado pelo Banco Português do Atlântico e que decorre até quarta-feira no Algarve, o ministro disse que «nos próximos meses poderão ser encerradas algumas empresas».

João Salgueiro afirmou que algumas empresas públicas serão entregues à gestão da iniciativa privada, referindo-se concretamente à Setenave, e frisou que a maioria permanecerá no sector público.

Para estas – acrescentou – serão destinados importantes capitais e serão melhoradas as condições de gestão garantindo a sua autonomia face ao Governo.

Estas empresas terão de prescindir de subsídios do Orçamento, à excepção daquelas que produzem bens considerados de interesse social.

Relativamente às empresas privadas Salgueiro frisou que o Orçamento Geral do Estado para 1983 irá estimular o reinvestimento dos lucros através da alteração do sistema fiscal.

Salgueiro frisou que a economia portuguesa reúne importantes condições para a atracção do investimento estrangeiro, informando que ainda este ano o Governo apresentará uma lei de delimitação de sectores que permitirá a abertura da banca e dos seguros à iniciativa privada nacional e estrangeira.

O ministro das Finanças traçou a evolução das dificuldades da economia portuguesa desde 1973 e defendeu a necessidade de redução do défice orçamental para sete por cento do produto nacional bruto em 1983.

Nesta perspectiva disse que o Orçamento do próximo ano será muito restritivo e que a meta prevista para este ano (8 por cento) deverá ser alcançada.

Disse que o primeiro semestre deste ano ainda foi «muito negativo» para a economia portuguesa porque as medidas tomadas no fim de 1981 só terão resultados concretos no segundo semestre deste ano.

João Salgueiro defendeu que os principais objectivos da política económica portuguesa nos próximos anos são a balança de pagamentos e a redução da inflação, condições fundamentais para a criação de novos empregos.

O ministro disse que 1982 foi um ano importante na criação de condições para a implementação de uma estratégia de desenvolvimento económico em virtude da conclusão da revisão constitucional, permitindo ao país dispor de uma Constituição similar à dos outros países europeus.

Vinho do Porto melhorou

Este ano há mais vinho e de melhor qualidade, afirmou à ANOP um porta voz da Casa do Douro, na Régua.

O preço do mosto está a ser pago por cerca de mais 10 por cento do preço da vindima. Assim, o lavrador recebeu cerca de 40 mil escudos pelo mosto de vinho tinto e por pipa de 550 litros.

Na campanha do ano corrente serão produzidas mais 7500 pipas em relação ao ano passado, conforme autorização do Instituto do Vinho do Porto.

A Casa do Douro mantém entretanto em reserva cerca de cem mil pipas. «Iniciámos já as operações de escoamento, o que deve atingir 13 mil pipas», adiantou a mesma fonte.

Durante o ano passado a Casa do Douro vendeu 27 mil pipas de vinho do Porto a vários exportadores.

Acordo luso-chinês

O ministro da Indústria, Energia e Exportação, Baião Horta, afirmou ontem no regresso de Pequim, que a assinatura do novo acordo de cooperação luso-chinês vem dar uma nova dimensão às relações entre os dois países.

Baião Horta regressou ontem da visita oficial que efectuou à China, onde assinou um novo acordo de cooperação económica, industrial e técnica e presidiu pela parte portuguesa, a segunda reunião da comissão mista luso-chinesa.

O ministro português foi recebido pelo vice-primeiro-ministro chinês, Wan Li e teve encontros com o ministro das Relações Económicas e Comerciais com o do Exterior, Chen Muhua, com o ministro dos Transportes e com o ministro da Indústria Mecânica, Zhou Jiannan.

Baião Horta disse que os contactos que efectuou com os governantes chineses foram «extremamente frutuosos» havendo agora um conhecimento profundo de ambas as partes sobre as principais áreas de convergência entre Portugal e a China.

«A extracção e transformação de mármores, as peles e o calçado são os sectores onde, a breve prazo, existem melhores possibilidades de cooperação» – disse.

Baião Horta salientou a necessidade de constituição de uma comissão permanente para acompanhar o desenvolvimento e implementação das relações económicas à luz dos acordos já existentes entre os dois países, ou seja, o acordo estabelecido em 1980 e o acordo agora assinado.

Messa

Trabalhadores lutam pela viabilização da empresa

Termina à meia-noite a concentração de 32 horas ontem iniciada pelos trabalhadores da Messa em frente ao Ministério das Finanças e que visa exigir que o Governo avalize um contrato para o fabrico em Portugal de máquinas de escrever da Triump/Adler.

A concentração deveria decorrer sem interrupção até esta tarde, mas, segundo um porta-voz da comissão de trabalhadores (CT) o Governo não autorizou a sua realização durante a noite, invocando o Decreto 406/74 para não permitir que fosse além das zero e trinta minutos, e um edital de 1927 para fixar o recomeço a partir das nove horas, embora admitindo que a concentração se iniciasse às oito horas.

O mesmo informador da CT revelou que os trabalhadores decidiram fazer as concentrações das oito horas à meia-noite de ontem e de hoje, por forma a manterem as 32 horas inicialmente previstas.

Os trabalhadores da Messa, que têm três meses de salários em atraso, exigem medidas para a viabilização da empresa e manutenção dos postos de trabalho, nomeadamente a assinatura do acordo para o fabrico de máquinas de escrever com a empresa Triumph/Adler da Alemanha Federal.

A Messa tem maioria de capital do Estado e emprega cerca de 1100 trabalhadores.

Para o dia 14

Reforma Agrária anuncia paralisação

Os trabalhadores da Reforma Agrária paralisam na quinta-feira, dia 14, segundo anunciaram em Évora fontes do sector agrícola cooperativo.

Os secretariados das UCP's e cooperativas dos cinco distritos da zona da Reforma Agrária afirmaram que a paralisação tem como objectivo reclamar a demissão do Governo e exigir «o respeito pela Reforma Agrária e pelas nacionalizacões».

No dia 14, os trabalhadores concentrar-se-ão em diversas localidades do Alentejo e Ribatejo onde distribuirão panfletos explicativos da decisão, afirma um documento divulgado pelos secretariados.

Depois de referir a existência de 40 mil desempregados no sector, os promotores da paralisação afirmam no documento que «é chegado o momento de o senhor Presidente da República assumir as responsabilidades que tomou perante o Povo português e o País», nomeadamente a defesa da Constituição e as conquistas de Abril nela consagradas.

O documento diz ainda que os trabalhadores mantêm-se na disposição de assumir as suas responsabilidades em defesa da Reforma Agrária e das nacionalizações, «comprometendo-se ainda a trabalhar e a produzir mais e o melhor que puderem, contribuindo para arrancar a economia e a sociedade portuguesa da grande crise criada pelos governos do PS, do PS/CDS e da AD».

Greve para o dia 14 em preparação na EDP

Desde o passado dia 8 têm estado a decorrer plenários dos trabalhadores nos principais locais de trabalho da Electricidade de Portugal (EDP), promovidos pelo Sindicato das Indústruas Eléctricas do Sul e Ilhas (Siesi) e que visam a mobilização para a greve nacional de 24 horas, a realizar naquela empresa pública, na quinta-feira, dia 14.

Os plenários, num total de 50, abrangem 120 locais de trabalho de toda a região Sul, onde se situam as mais importantes estações e subestações da EDP e ainda os serviços centrais e as instalações do Marquês de Pombal, em Lisboa.

Nestes serviços, o plenário decorre esta tarde e engloba trabalhadores das instalações da Avenida Sidónio Pais, Joaquim António de Aguiar, Rua Barata Salgueiro e Conde Redondo.

A greve do próximo dia 14 na EDP destina-se a exigir a revogação e alteração de diversos diplomas que, segundo os trabalhadores, visam o desmantelamento daquela empresa pública e nomeadamente do seu sector mais rentável: a distribuição da energia eléctrica.

A paralisação surge na sequência de idêntica forma de luta realizada em 14 de Setembro passado, pelos mesmos motivos, não tendo o Governo desde então dado quaisquer garantias aos trabalhadores. Estes consideram em perigo os seus postos de trabalho e direitos adquiridos, e também ameaçados os interesses da economia nacional e das populações, através das medidas que o Governo pretende implementar na EDP.

A greve é subscrita por todos os sindicatos representativos da empresa, à excepção dos Escritórios e Serviços (Região Sul), representados pela Fetese.

A paralisação dos quadros

A Federação Nacional de Sindicatos de Quadros (Fensiq) convocou para quinta-feira uma greve de 24 horas dos quadros da EDP que visa protestar contra a tentativa de desmembramento da empresa

Esta paralisação, que coincide com a jornada de luta marcada para o mesmo dia pelos sindicatos próximos da CGTP-/IN, segundo a Fensiq «nâm significa o apoio das posições defendidas pela Intersindical para o sector público e nacionalizado, mas sim evitar que os legítimos interesses e direitos dos quadros possam ser prejudicados com o evoluir da situação na empresa».

Para aquela Federação, «o problema que está a afectar a EDP e que pode vir a originar o seu desmembramento, em prejuízo dos quadros, não pode ser resolvido rapidamente se as estruturas sindicais da empresa se envolverem em disputas, de direcção e controlo das greves a realizar e ainda em querelas de natureza político sindical».

Hotel Baía

Propostos dois trabalhadores para a comissão paritária

Trabalhadores do Hotel Baía, de Cascais, emitiram um comunicado em que manifestam a sua discordância relativamente ao facto de o sindicato do sector pretender que ex-empregados da unidade hoteleira assistissem a um plenário marcado para o dia 7 do corrente mês.

Segundo o documento, o plenário devia realizar-se na quinta-feira, na sequência do estipulado por uma plataforma de acordo, pretendendo o sindicato que a ele assistissem 27 trabalhadores que à data já não faziam parte dos quadros de pessoal do hotel. Deles, 15 rescindiram o contrato de trabalho, sete foram despedidos com justa causa e cinco abandonaram a actividade profissional na unidade, indo exercê-la noutras empresas.

A plataforma «para a normalização da situação laboral do hotel», foi assinada em 24 de Setembro por um representante da Secretaria de Estado do Turismo e outros do sindicato, apontando para a resolução do conflito criado pela autogestão litigiosa da unidade.

entretanto, 83 trabalhadores do Baía (de um total de 121 actualmente em funções) assinaram uma proposta apresentando a candidatura de Augusto José Penim de Oliveira Correia e Jorge Dias Mendes para representantes dos trabalhadores na Comissão Paritária.

Esta comissão deve constituir-se nos termos da plataforma para a normalização da situação laboral do hotel.

Os candidatos aceitaram a representação e com o conjunto dos trabalhadores que os proôem, solicitaram ao secretário de Estado do Turismo que patrocine e medeie «a negociação de uma solução extra-judicial para o problema da reivindicação do hotel, que se arrasta há mais de sete anos».

Justificam a sua posição por entenderem «que só os trabalhadores e os legais proprietários da empresa têm direito e a capacidade de negociar o termo deste conflito, porque é a eles e só a eles a quem a solução do problema interessa».

A criação de uma Comissão Paritária integra-se na plataforma para a normalização da situação laboral no hotel, assinada em 24 de Setembro, e que deu origem à marcação do plenário em causa, sendo composta por quatro elementos efectivos, dois indicados pela Comissão de Gestão Interina e dois eleitos pelos trabalhadores.

CGTP contra intenções de João Salgueiro

A CGTP acusou hoje João Salgueiro de procurar um «bode expiatório para a sua política de ruina: as empresas públicas». A central sindical refere-se às desclarações ontem proferidas pelo ministro das Finanças, no seminário para banqueiros estrangeiros, segundo as quais aquele responsável governamental manifesta a intenção do Executivo em encerrar as empresas públicas que considere «não viáveis».

Para a CGTP, João Salgueiro vem apenas confirmar o «objectivo declarado do Governo AD de destruição do sector público da economia portuguesa». A propósito da inviabilidade alegada pelo ministro, a Intersindical afirma que «a estratégia do Governo AD é clara: primeiro, cria condições para asfixiar financeiramente as empresas públicas, depois, declara-as **inviáveis**».

Depois de considerar como «provocatórias» as declarações do ministro em vésperas da jornada de dia 14, convocada precisamente para defender o sector público da economia, a CGTP adianta que João Salgueiro «não refere que a crise de algumas empresas públicas tem a ver com a má administração e a corrupção dos gestores nomeados pelo Govero AD». Da mesma forma «esconde o papel dos elevadíssimos encargos financeiros impostos às empresas públicas pela política do seu Governo».

«O senhor ministro fala como se o objectivo do seu Governo fosse a resolução da profunda crise económica que o país atravessa, e não a reprivatização dos sectores chaves da economia nacional», prossegue a CGTP.

De acordo com a central sindical, os trabalhadores têm razão ao pretenderem «travar a ofensiva da AD contra as empresas públicas, nacionalizadas e participadas». E isto porque «se ela fosse avante, agravar-se-ia ainda mais a crise económica, o desemprego e a dependência do capital estrangeiro».

Finalmente, a CGTP manifesta a sua convicção de que a jornada de dia 14 será mais «uma demonstração eloquente da vontade dos trabalhadores;defender as nacionalizações, a Reforma Agrária, os postos de trabalho, os direitos e liberdades, o regime democrático e as conquistas de Abril e de correr com a AD do Governo e da área do poder».

Encontro Nacional das Trabalhadoras do Serviço Doméstico

Vai realizar-se em Lisboa um encontro das trabalhadoras do serviço doméstico, promovido pelo respectivo sindicato e que se destina à análise dos principais problemas da classe.

As trabalhadoras do serviço doméstico pretendem ser reconhecidas em igualdade de circunstâncias com os outros trabalhadores e exigem para o efeito a saída de uma portaria que regulamente a sua contratação colectiva.

Outras das reivindicações da classe são: um horário de trabalho semanal de 45 horas; o direito ao descanso semanal; férias e subsídio de férias; 13.° mês; condições de trabalho dignas; segurança social condigna; o fim a despedimentos sem justa causa; e o direito à concessão de subsídios de desemprego.

Num documento emitido pelo Sindicato do Serviço Doméstico afirma-se que «o trabalho não é só um dever, mas um direito: por isso devemos ter garantidas condições de habitação, dignas, alimentação suficiente e de qualidade, direito ao ensino, aos tempos livres, ao viver o tempo de criança dentro do ambiente de amor e felicidade e a uma velhice onde as preocupações sejam banidas».

Quanto à segurança social o sindicato diz:

«Quando estamos doentes, pagam-nos 12p0$00 por mês de subsídio de doença, enquanto o salário mínimo vigente é de 6 800$00. Quais as condições de que dispomos para a cura, se esta situação, só por si basta para agravar a doença? Não temos onde estar doentes, nem onde recuperar forças para retomar o trabalho».

O encontro, que terá início às 9 e 30, decorrerá no Sindicato de Comércio e Serviços (ao Largo da Estefânia).

Função Pública

MRA vai receber dirigentes sindicais

O ministro da Reforma Administrativa, Meneres Pimentel, vai receber a comissão negociadora sindical (CNS) da Função Pública, na manhã do próximo dia 15. Tal reunião, que tem vindo a ser insistentemente pedida pelos dirigentes sindicais, destina-se a dar início à discussão das principais reivindicações dos TFP's, nomeadamente a actualização do subsídio de refeição e das ajudas de custo, bem como a inscrição no Orçamento Geral do Estado de verbas suficientes para satisfazer o aumento de 27 por cento nas remunerações dos trabalhadores da Função Pública a partir de 1 de Janeiro de 1983.

Recorde-se que os dirigentes da Frente Comum se encontravam concentrados, desde as 9 horas de ontem, junto do MRA a fim de tentarem obter a citada entrevista. Segundo um comunicado agora divulgado, a CNS considera que o êxito agora obtido se deve à «determinação e firmeza» demonstrada pelos sindicatos. Por outro lado, «considera da maior importância que os TFP's continuem a aprovar moções a enviar ao MRA, exigindo que esta reunião seja o início de um diálogo sério e eficaz que dê satisfação às suas principais reivindicações».

Soltas

● Os trabalhadores da Quimigal, MOMPOR, Tomus, CP, CISIP e da Função Pública do Barreiro decidiram-se, ontem, em plenários realizados nas respectivas empresas pela realização de uma greve, de 24 horas, na próxima quinta-feira, dia 14. Terminados os plenários os trabalhadores dirigiram-se em manifestação, à Câmara Municipal do Barreiro, onde foram recebidos pela vereação, a quem expuseram a sua preocupação face à «greve crise económica provocada pela má gestão governamental».

● Manuel Lopes, do Secretariado da CGTP, regressa hoje a Lisboa depois de uma estadia de alguns dias em Beirute, onde se deslocou integrado na Comissão Internacional de Inquérito às atrocidades dos sionistas no Líbano. A visita deste dirigente da CGTP insere-se numa campanha internacional de solidariedade ao povo palestiniano e de denúncia dos crimes do Governo israelita, designadamente dos recentes massacres de Beirute.

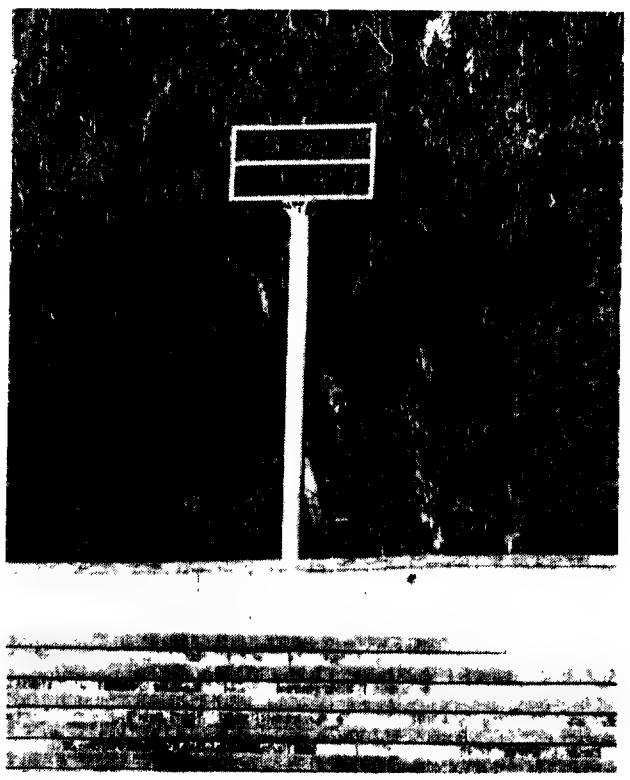
● A FESTRU divulgou um comunicado no qual manifesta a sua indignação contra o cancelamento do direito de antena do movimento sindical na RDP. De acordo com aquele documento, uma tal atitude «mais do que uma arbitrariedade é uma prepotência dos homens de mão da AD na RDP» e constitui «uma grosseira violação da legalidade constitucional e dos direitos sindicais dos trabalhadores».

● O «Diário da República» publicou ontem a ratificação da convenção da Organização Internacional do Trabalho (OIT) relativa ao contrato de trabalho dos trabalhadores marítimos. A convenção número 22 da OIT, agora também subscrita por Portugal, foi adoptada em 1926, e prevê que todos os marítimos recebam um documento no qual deve estar mencionado todo o tipo de serviços que prestam a bordo.

● Um plenário de delegados sindicais do sector do comércio, escritórios e serviços do distrito de Coimbra decidiu apoiar as lutas dos trabalhadores nas empresas Nesse sentido vão desenvolver uma campanha de esclarecimento e debate junto dos trabalhadores e exigir a rápida actualização e concretização do caderno reivindicativo apresentado pela CGTP.

DESPORTO

ponta esquerda



É gastar, só gastar...

Há uns anos, começaram-se a montar umas torres de iluminação no Estádio Nacional, como esta da foto. Gastaram-se então para cima de quatro mil contos, e nem davam em virtude do seu tamanho reduzido para iluminar convenientemente um campo de basquetebol...Agora, vão gastar-se mais uns largos milhares na renovação da pista de tartan, com vista às eliminatórias dos campeonatos europeus de Atletismo. É sabido que existem as pistas de Alvalade e da Luz, perfeitamente operacionais. No entanto, o que mais parece interessar é gastar, só gastar...Donde ele vem ou para onde não vai, que importa – não é?

Martelo matou no estádio

Um jovem de 15 anos, morreu no domingo, em Espanha, após receber no rosto o impacto de um martelo, lançado por outro participante de uma prova de atletismo para juniores, disputada em Barcelona.

Pablo Jimenez, do Clube Politécnico da Catalunha, encontrava-se na zona regulamentar do lançamento, quando foi atingido no rosto pelo martelo, que escapou das mãos de outro atleta.

Segundo testemunhas oculares, sofreu morte instântânea.

Ginástica verde já recomeçou

A ginástica voltou a animar o Sporting. Este ano são cerca de sete mil distribuídos pelas várias classes, bastantes mais que na época anterior. A imagem mostra a classe dos 3 aos 6 anos, da responsabilidade da prof. Helena Isabel. «Leãozinho» Tiago no papel de adjunto.

Volta à França de 83

Os organizadores da volta à França em bicicleta divulgaram ontem em Paris o itinerário da edição de 1983, que pela primeira vez será aberta a amadores e profissionais.

A Septuagésima edição do tour começa e acaba, tal como em 1963, na região parisiense. O prólogo disputa-se a 1 de Julho e a última etapa efectua-se a 24 desse mês.

"Fórmula 1" para o próximo ano

O calendário da temporada de 83 do campeonato do mundo de automobilismo (Fórmula 1), que será submetido à assembleia plenária da Federação Internacional, esta tarde, já foi estabelecido pela comissão executiva, que reuniu ontem. As três primeiras provas a disputar serão os «Grandes Prémios» da África do Sul, do Brasil e dos Estados Unidos (costa leste), respectivamente a 12 de Fevereiro, 13 de Março e 27 do mesmo mês. A série de grandes prémios termina em Outubro com o «Grande Prémio de Las Vegas.

Polacos duramente criticados

Jornada de fracasso em Lisboa
— afirma a Imprensa de Varsóvia

A Imprensa polaca criticou o comportamento da sua selecção nacional que perdeu domingo, em Lisboa, com Portugal (2-1) em jogo do grupo dois do «europeu» de futebol.

Com títulos como «Os Heróis de Espanha estão cansados», «não houve ritmo espanhol – Dois jogos perdidos com Portugal», «Jornada de fracasso em Lisboa» a Imprensa polaca não se poupou a críticas.

Os periódicos polacos afirmam que o pilar da equipa, Boniek, falou por completo e sustentam que os jogadores mais novos foram os que sobressariam como Pawel Krul, que marcou o golo.

«Em Lisboa não foi mais que a metade da equipa que em Espanha deu aos adeptos tantas alegrias» escreve o «Pazegald Sportowy».

O diário acrescenta que se notou muito a ausência de jogadores experimentados como Lato, Zmuda, Kupcewicz e Smolarek.

O «Tribuna Ludu» comenta: «os nossos jogadores mais experientes jogaram em Lisboa abaixo das suas possibilidades. Na parte final a equipa mostrou falta de força. Nos últimos minutos os portugueses foram mais rápidos».

O «Zycie Warzawy» acrescenta, por outro lado, que uma das causas da derrota polaca foi a data do encontro.«Os jogadores polacos estavam cansados de toda uma temporada incluindo o campeonato mundial».

Treinador soviético está confiante

Entretanto, o seleccionador soviético Valery Lobanovsky mostrou-se confiante numa vitória frente à Finlândia.

A Finlândia perdeu os dois primeiros jogos contra os outros dois membros do Grupo, Polónia e Portugal, por 2-3 e 0-2, respectivamente.

O único problema que Lobanovsky é o desgaste provocado pelo campeonato do seu país, agora nas últimas jornadas.

O treinador finlandês Martti Kuucela disse que só revelará a composição da sua equipa pouco antes do encontro a disputar no estádio Lenine, às 16 horas tmG.

«Observei os jogadores soviéticos no campeonato do mundo em Espanha e, ao que sei, a sua equipa base mantém-se, mas isso não significa que os resultados sejam os mesmos» observou.

Kuucela disse que a única táctica que vai adoptar é a de jogar em rápidos contra-ataques: «esperamos melhorar os nossos recentes resultados».

Treze dos 16 jogadores convocados para a selecção da União Soviética pertencem a três dos principais clubes, Dínamo de Kiev, Dínamo Tbilissi e Spartak de Moscovo.

Os jogadores convocados são:

Viktor Chanov, Sergei Baltacha, Anatoli Demyanenko, Leonid Buryak, Andrei Bal, Lozinski, Vladimir Bessonov, e Vadim Yeytushenko (Dínao Kiev), Aleksandr Chivadze e Ramaz Shengelia (Dínamo Tbilisi), Rinat Dasaev, Sergei Rodionoiv e Shetsov (Spartak Moscow) Khoren Oganesian (Ararat Yerevan), Sergfei Borovski (Dynamo Minsk) e Sergei Andrev (Clube do Exército).

A União Soviética, adversário de Portugal no grupo dois do «europeu» de futebol, defronta amanhã, em Moscovo a Finlândia no seu primeiro encontro do grupo...

Portugal, com duas vitórias sobre a Finlândia (2-0) e Polónia (2-1), comanda isolado o grupo e jogará com a União Soviética o próximo encontro a 27 de Abril de 1983.

A Finlândia perdeu os dois primeiros jogos em casa com a Polónia (2-3) e Portugal (0-2) e o seu treinador Marti Kuucela espera alterar o desfecho dos recentes resultados.

Valery Lobanovsky, técnico da URSS, seleccionou 13 elementos dos três principais clubes tentando transmitir à equipa um equilíbrio de forças.

Este jogo URSS-Finlândia é um dos cinco a contar para a jornada europeia de amanhã.

No Grupo um, a Escócia e a República Democrática Alemã farão a sua estreia no «europeu» em Glasgow, depois de na última quarta-feira a Bélgoca ter ganho à Suíça, por 3-0, no primeiro encontro do grupo.

A Escócia necessita de obter uma convincente vitória para aspirar a uma presença na fase final do «europeu». Uma das principais ausências é o avançado Kenny Dalglish, com 88 internacioanlizações, estando também em dúvida Steve Archibald com uma rotura muscular.

A RDA , pelos recentes resultados, não parece reunir muitas hipóteses de desfeitear a Escócia que jogará no Hampden Park.

Os encontros nos outros grupos

Noruega e Jugoslávia defrontam-se para o grupo 4 e este encontro é encarado com muito realismo pelos noruegueses que perderam com o País de Gales no jogo de estreia (1-0).

A Jugoslávia – que teve uma presença discreta no mundial» – procedeu a várias alterações na equipa base o seu treinador Todor Velelinovic afirmou: «a nossa meta é ganhar o «europeu».

«A derrota contra o País de Gales por 1-0 foi apenas um incidente» comentou o treinador noruguês Roste-Fossen, acreditando que a sua equipa poderá alcançar um bom resultado.

No grupo 6, a Aústria com um «sangue novo» na sua equipa recebe a Irlanda do Norte na tentativa de transmitir uma outra agressividade. Erich Hof apostou na convocação de Peter Pacult e de Leo Lainer, enquanto Andy Pichler e Johann Pregesbauer estarão ausentes, o primeiro por lesão e o segundo por se encontrar fora de forma.

Hof também não convocou a vedeta austríaca Hans Krankl.

A Irlanda do Norte disputará em Viena o seu primeiro encontro internacional depois do «mundial, onde bateu a Espanha, e o técnico Bily Bingham está consciente das dificuldades que o esperam depois da vitória da Áustria sobre a Albânia, por 5-0, a 22 de Setembro.

Mundial de Voleibol na Argentina

União Soviética, Brasil, Japão, e Argentina, vão disputar as meias-finais do décimo campeonato do Mundo de Voleibol masculino, que decorre na Argentina. Após a última jornada dos quartos-de-final, ontem, Japão e Argentina, ficaram apuradas num grupo e União Soviética e Brasil no outro.

A Argentina venceu por 3-0, a China e assim ganhou a qualificação. Os parciais foram 15-10, 15-11, 15-10.

No mesmo grupo, o Japão qualificou-se ao vencer a RDA por 3-0 (17-15, 15-11, 15-3).

A União Soviética, campeã mundial, «desforrou-se» da derrota frente ao Brasil no recente «Mundialito» do Rio de Janeiro e ganhou ontem por contundente 3-0 (15-7, 15-7, 15-6).

Apesar da derrota, o Brasil classificou-se no mesmo grupo para as meias-finais do torneio.

Outros resultados

A Argentina, fortemente apoiada pelo seu público, derrotou no domingo a República Federal da Alemanha por 3-2 em encontro do grupo um do Campeonato Mundial de Voleibol (masculinos) a decorrer em Buenos Aires.

Os argentinos bateram os germânicos com os parciais de 7-15, 15-7, 8-15, 16-4, 15-8.

Nos restantes encontros do mesmo grupo, a China venceu o Canadá, por 3-0 (15-1, 17-15, 15-13) e o Japão superou a Coreia do Sul por 3-0 (15-6, 13-11, 15-5).

A jornada forneceu ainda os seguintes resultados:

Grupo Dois:
Brasil - Bulgária, 3-1 (13-15, 15-6, 15-7, 15-10)
Cuba - Checoslováquia, 3-2 (14-16, 17-15, 7-15, 15-9, 15-12)

URSS - Polónia, 3-1 (15-9, 11-15, 15-9, 15-2)

Grupo Três:
Estados Unidos - Iraque, 3-0 (15-9, 15-6, 15-9)

Grupo Quatro:
Itália - França 3-1 (10-15, 15-13, 15-6, 15-6)
México - Finlândia, 3-2 (16--14, 8-15, 17-15, 11-15, 17-15)
Tunísia - Austrália, 3-0 (15-13, 15-13, 15-10)

Grupo Cinco:
Venezuela - Chile, 3-2 (15-8, 16-18, 15-8, 13-15, 15-10)
Roménia - Líbia, 3-0 (15-3, 15-4, 15-1).

Ferroviário de Maputo campeão de Moçambique

O Ferroviário de Maputo é o novo campeão nacional de futebol de Moçambique, apesar de ainda faltarem duas jornadas para o fim da prova.

Beneficiando da derrota do seu mais directo adversário, o Têxtil do Pungué, e da sua vitória sobre o Textáfrica do Chimoio na jornada de domingo, os locomotivas distanciaram-se já cinco pontos do segundo classificado e asseguraram a conquista do troféu

A jornada forneceu os seguintes resultados: Têxtil, 0 – Desportivo, 2; Ferroviário, 2 – Textáfrica, 0; Estrela Vermelha, 0 – O Maxaquene, 0 e Muahivire de Nampula, 1 – Palmeiras da Beira, 1.

O Ferroviário lídera com 20 pontos, seguido do Têxtil do Pungué com 15, Maxaquene com 13, Estrela Vermelha com 12, Palmeiras da Beira com 12, Desportivo com 11, Textáfrica com 10 e Muahivire com 3.

Os locomotivas, que são orientados por Mário Coluna, tinham já vencido o campeonato provincial de Maputo e conseguiram desta feita inscrever o seu nome pela primeira vez no historial do campeonato nacional de futebol.

Contudo, é a segunda vez que Mário Coluna leva uma equipa orientada por si a conquistar tão almejado troféu. Em 1975, altura em que se realizou pela primeira vez o nacional de futebol, o Textáfrica do Chimoio sagrou-se campeão orientado por aquele popular e consagrado técnico.

Os sete campeonatos até agora disputados foram ganhos pelo Textáfrica (1), Desportivo (2), Costa do Sol (2), Têxtil do Pungué (1), e finalmente este ano pelo Ferroviário.

Garrido vai apitar dois jogos internacionais

O árbitro português António Garrido foi nomeado pela UEFA para apitar o jogo Rapid de Viena – Lodz (Polónia) da Taça UEFA e a partida Bélgica – Escócia da fase preliminar do campeonato europeu de futebol.

Graça Oliva foi designado para arbitrar o jogo da Taça UEFA entre o Haarlem (Holanda) e o Spartak de Moscovo e ainda o encontro Espanha – Islândia da fase preliminar do europeu de futebol.

Os árbitros Bridges (País de Gales) e Kkeizer (Holanda) apitam os jogos da Taça dos Campeões Europeus CSKA de Sófia – Sporting na primeira e segunda mão, respectivamente.

O búlgaro Dimitrov será o árbitro da primeira mão (Taça UEFA) entre o Benfica e o Lokeren (Bélgica), cabendo ao seu colega checoslovaco Krchnak a missão de apitar a partida da segunda mão.

O encontro Anderlecht (Bélgica) – FC Porto, a contar para a Taça UEFA, terá como árbitro na primeira mão o galês Thomas. Na segunda mão o árbitro é o alemão-federal Redelfs.

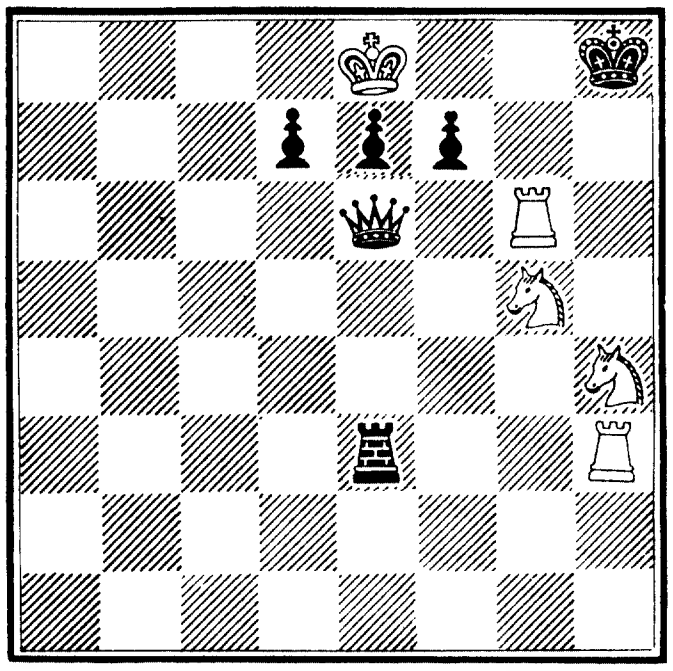
TOTOBOLA

O concurso do Totobola desta semana registou 55 apostadores com 13 resultados certos, cabendo a cada um o prémio de 229.562 escudos (valor provisório).

Com 12 resultados certos foram escrutinadas 1.203 apostas, correspondendo a cada uma o prémio de 10.495 escudos (valor provisório).

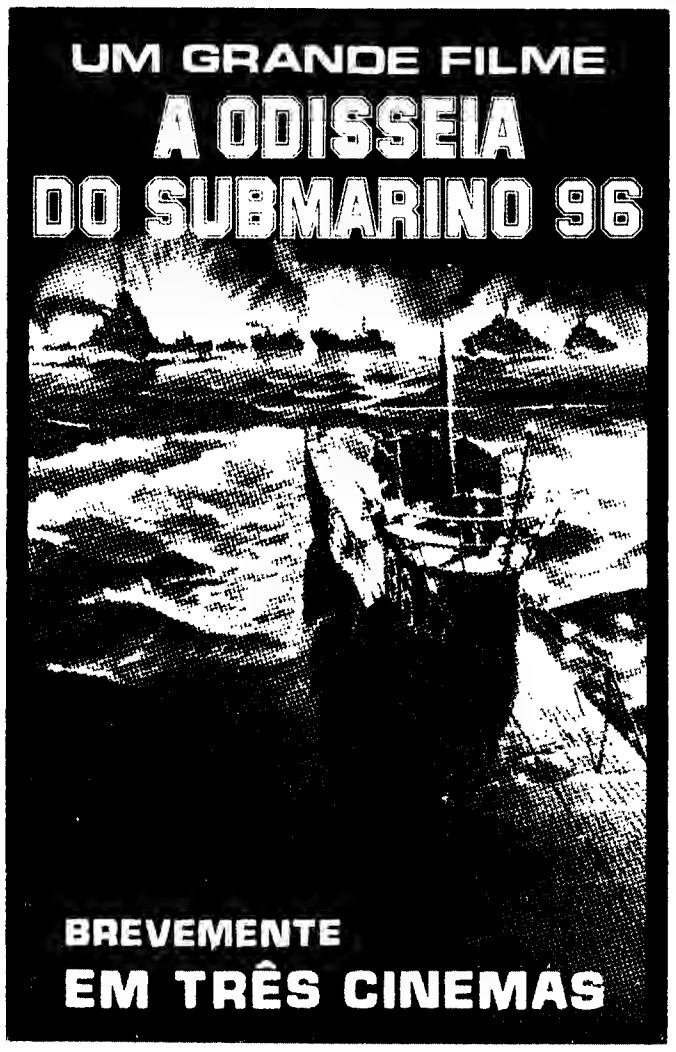
Problemas de Xadrez

Esquema muito simples: duas válvulas, isto é, efeito de abrir a linha de uma peça, fechando outra linha da mesma peça.



G. Hume
«Chess Amateur» 1927
(2 lances)

SOLUÇÃO
O movimento valvular será o cargo do PT. 1. Rb8 (em. 2. Tg6++) Rb1/b3 2. Tb6/Cb6 • f3++.



Alack Sinner

Banda Desenhada de Muñoz e Sampayo

72

C OPYRIGHT Muñoz e Sampayo/Quipos/ADS

continua

fp federação

FEDERAÇÃO NACIONAL
DOS SINDICATOS
DA FUNÇÃO PÚBLICA

Aos Técnicos e Técnicos Superiores

DISCUSSÃO DAS ALTERAÇÕES ÀS CARREIRAS
TÉCNICA E TÉCNICA SUPERIOR
13 OUT 18 H.

REUNIÃO
NO SINDICATO DOS RODOVIÁRIOS
AV. VISCONDE VALMOR, 34-1.º

CEM MIL
VOCÁBULOS TÉCNICOS
DICIONÁRIO
INGLÊS -PORTUGUÊS
Telefones: 57 99 91 (manhã)
54 58 55 (tarde)
243 59 12 (noite)
APARTADO 2938
1100 LISBOA CODEX
TAMBÉM ATENDEMOS
SÁBADOS E DOMINGOS

ENTRE A VIDA E A MORTE
O SANGUE PODE DECIDIR

A propósito da sua próxima exposição

José de Lemos: quarenta anos de desenhos no "Diário Popular"

José de Lemos, um jovem de 72 anos que, há quatro décadas tem feito das páginas do «Diário Popular» um painel vibrante e profundamente humanizado, vai inaugurar amanhã à noite, a partir das 22 horas, na Galeria Ana Isabel (Rua da Emenda, 111, 1.°, em Lisboa), uma exposição de desenhos e pinturas inspirado nas janelas do Bairro Alto, em que o sexo feminino aparece como tema inspirador. «São rostos, múltiplos rostos – disse ao «DL» José de Lemos – em que a fêmea é homenageada, seja através do semblante de uma mulher, de uma cadela ou de uma gata».

José de Lemos, um dos fundadores do «DP», antes de ter debutado nas páginas do «DL» e do «Sempre Fixe», tempos que recorda com saudades, afirmou-nos que, ao transpor a casa dos setenta, se sentiu revigorar, passando a desenhar e a pintar sem qualquer esforço, com uma alegria imensa, ao contrário do que lhe acontecia até então. Recorda o artista que, há anos, esse esforço de criação era de tal maneira visível que um dia o dr. Ary dos Santos, pai do poeta com o mesmo nome, lhe disse: «Ó Zé de Lemos, você a desenhar deve sofrer muito!».

Pois esse «sofrimento» desapareceu e nestes dois últimos anos com a entrada na década de oitenta, José de Lemos passou a preparar a

José de Lemos, na sua banca de trabalho: «Desenhar é para mim como que um elixir de eterna juventude»

exposição que amanhã virá à estampa. Exposição que, referiu, será igualmente uma homenagem à tinta-da-china, «essa maravilhosa tinta da china, minha companheira inseparável de tantos anos, umas vezes dócil outras vadia, mas sempre presente».

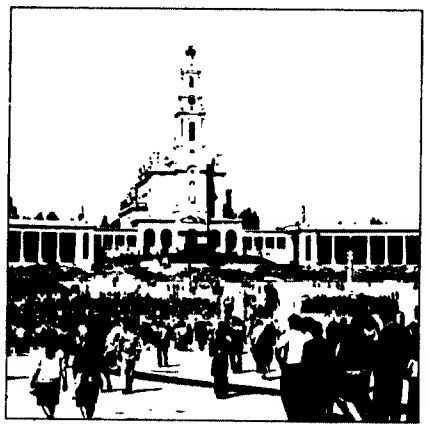
Quem não conhece os desenhos, entre o sério e o humorístico de José de Lemos, mais que não seja através de um folhear passageiro das páginas do «seu» jornal. Um José de Lemos que, conforme escreve António Alçada Baptista no catálogo da exposição, é esse novelinho de ternura que trazendo acoplados lápis, pincéis e tintas, em vez de sujar o mundo torna-o mais bonito».

Cultor apaixonado «desse universo simultamneamente lírico e infernal» que é a Redacção dum jornal, José de Lemos tem a noção de como essa «sofreguidão pela transmissão imediata do quotidiano» tem de certa maneira adiado a sua «génese» de artista. Mas não está arrependido por ter optado, confessa-nos com um sorriso traquina, ele que aos setenta anos descobriu que a pintura, o desenho podem representar um elixir de eterna juventude. Elixir que bem poderá dar-nos um novo José de Lemos profundamente marcado por dois pólos inspiradores: o Bairro Alto bem próximo e a Bretanha distante, «catedral de um Van Gogh sofredor», onde viveu algum tempo. «Não sei como foi, mas sempre que pinto ou desenho não consigo divorciar-me dessa influência de autêntico feitiche, consubstanciada no Bairro Alto e na Bretanha». confessou-nos. Que haja pois Bairro Alto, que haja Bretanha. Com aquele abraço, José de Lemos. **M.G.**

CP

Serviço Especial

Fátima
13 Outubro



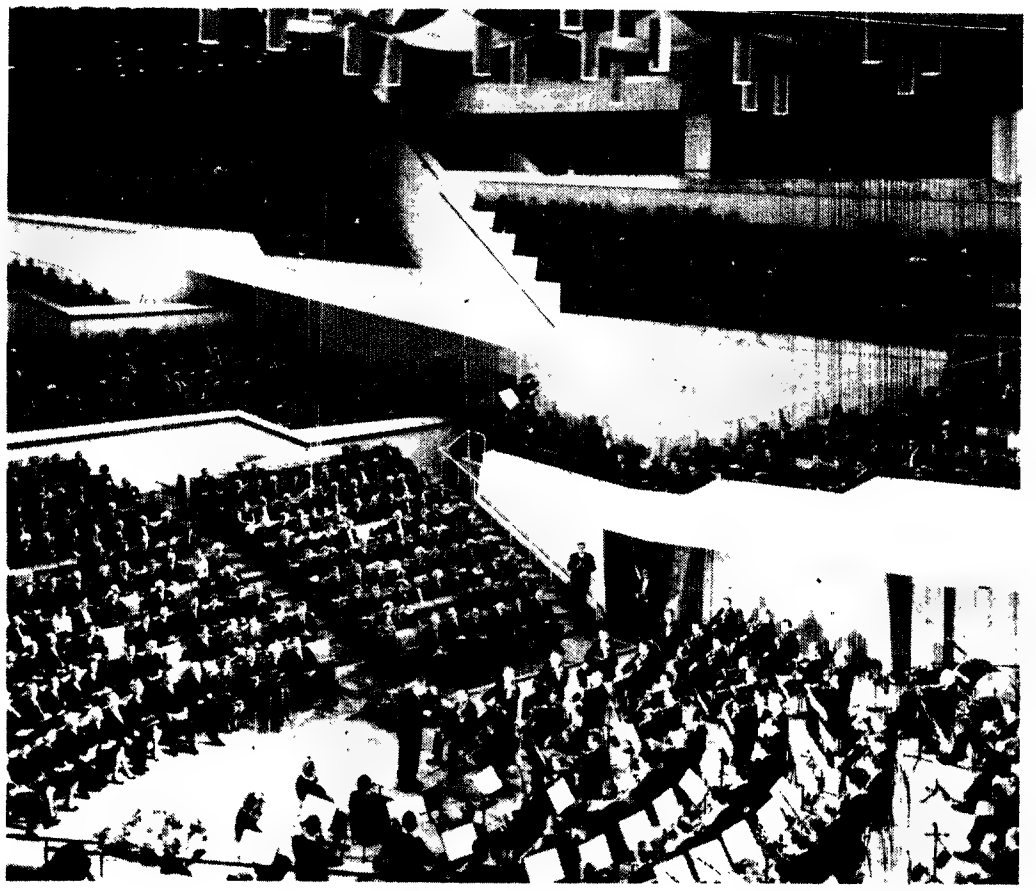
Informações: Serviço Comercial da Região Centro — Telefone 86 77 85
Secções de Informação

O Dia Internacional da Música de 1982

Para um país com tão poucas (e a maior parte das vezes fracas) execuções musicais, o Dia Internacional da Música trouxe este ano gratas surpresas.

A primeira foi, digamos, de ordem quantitativa, pois todos os organismos e instituições oficialmente encarregados de divulgar a arte musical o fizeram apresentando programs dignos de nota: O **Teatro Nacional de São Carlos,** que abriu a sua sala para os que quisessem ouvir Raymond Spasovski interpretar o «Concerto n.° 2 em dó menor» de Rachmaninov; a **R.T.P.,** que no seu Canal 2 apresentou um inesquecível «Concerto n.° 2» de Chopin, graças à genialidade da pianista Marta Argerich; a **R.D.P.,** que nas suas instalações do Quelhas proporcionou um vasto programa público ao vivo e finalmente a **Fundação Calouste Gulbenkian** que ofereceu duas oportunidades de no seu Grande Auditório se ouvir música, uma à tarde e outra à noite, a segunda das quais foi televisionada em directo.

A primeira foi, digamos, de ordem quantitativa, pois todos os organismos e instituições oficialmente encarregados de divulgar a arte musical o fizeram apresentando programs dignos de nota: O **Teatro Nacional de São Carlos,** que abriu a sua sala para os que quisessem ouvir Raymond Spasovski interpretar o «Concerto n.° 2 em dó menor» de Rachmaninov; a **R.T.P.,** que no seu Canal 2 apresentou um inesquecível «Concerto n.° 2» de Chopin, graças à genialidade da pianista Marta Argerich; a **R.D.P.,** que nas suas instalações do Quelhas proporcionou um vasto programa público ao vivo e finalmente a **Fundação Calouste Gulbenkian** que ofereceu duas oportunidades de no seu Grande Auditório se ouvir música, uma à tarde e outra à noite, a segunda das quais foi televisionada em directo.



Debruçar-nos-emos aqui sobre o recital de jovens intérpretes portugueses que ali se realizou pelas 18.00h., e entraremos assim nas surpresas de ordem qualitativa.

Os intérpretes

Para falar com franqueza, não esperávamos que os intérpretes que ali se reuniram dessem tamanhas provas de profissionalismo, sensibilidade e domínio técnico dos respectivos instrumentos. Embora alguns deles, ouvidos por nós há relativamente pouco tempo (como é o caso de Paulo Santiago e de Helena Vieira) já nos tivessem proporcionado grande admiração pelas suas capacidades, o facto é que naquela sala (com já tantas tradições) ultrapasaram o que seria de esperar.

Paulo Santiago, dedicando o seu programa a Chopin (3 estudos, op. 10; 3 estudos op. 25; o Nocturno op. 32, n.° 1 em si maior e a Polaca op. 40, n.° 2 em dó menor) soube reafirmar-se como um dos maiores pianistas portugueses da nova geração. A mudança de ambiente que sbube criar de estudo para estudo, a sonoridade grande, profunda e límpida, o ritmo, a musicalidade e o domínio do instrumento foram algumas das muitas características com que este pianista se apresentou – e diremos ainda que é já possuidor de uma personalidade própria (o que talvez seja uma das características mais difíceis de adquirir em música).

O flautista Jose Barrocas, interpretando a «Fantasia em ré maior para flauta solo» de F. Kuhlau e «Syrinx» de Debussy, proporcionou-nos momentos de grande criação de ambiente.

Soube brilhar na execução de duas das obras mais difíceis do repertório de flauta solo. O soprano Helena Vieira, cantando canções de Mozart, Schubert e Richard Strauss e – como extra – uma ária da ópera **Gianni Schichi,** dePuccini («O mio Babbino caro»), provou ser possuidor de uma voz não somente dotada por natureza (o timbre lindíssimo, quente e cheio), mas também belissimamente trabalhada. Para apontarmos algumas das qualidades evidenciadas por esta cantora, diremos que o ambiente criado em cada canção foi perfeito (e é esta uma das características mais difíceis da arte do «lied»), que a sua voz possui já uma extensão invejável (com graves cheios e agudos brilhantes, nunca perdendo intensidade na região média), que a afinação e o ritmo são-lhe inerentes e, para finalizar, que a musicalidade está sempre presente.

Nuno Vieira de Almeida mostrou possuir todas as qualidades de um bom acompanhador: saber criar um clima, conjugar-se com o cantor, não perdendo nunca o contacto com o instrumento e possuindo dele uma técnica segura. Esperemos que este pianista, que nos últimos tempos tem frequentemente acompanhado Marina Ferreira, se apresente rapidamente como solista, pois eles não abundam no nosso país.

«Last but not the least», José João Gomes dos Santos apresentou-se com uma obra ambiciosa: «Quadros de Uma Exposição» de Mussorgsky. Não fez senão bem, pois assim provou de modo irrefutável as suas qualidades. Era para nós completamente desconhecido, este intérprete. Ficámos perplenos e perguntamo-nos porque razão não lhe são oferecidas mais oportunidades de se apresentar em público – já que o talento, o trabalho demonstrado e uma apresentação a todos os níveis profissional marcaram a sua actuação. Demonstrou um domínio invejável do instrumento (por exemplo, o controlo dos «pianissimi» e dos «fortissimi», respectivamente em «O Velho Castelo» e «A Grande Porta de Kiev»), um ouvido polifónico deslumbrante e uma musicalidade correcta. José João Gomes dos Santos, não uma esperança, mas um talento já confirmado.

«Algo vai mal no reinò de Portugal».

Depois de um concerto em que todos os participantes demonstraram altíssimas qualidades, algumas questões se nos impõem. Porque razão, num país em que uma execução musical capaz é **um acontecimento,** se permite que instrumentistas como José João Gomes dos Santos (tomamos este como exemplo) só apareçam em público num grau e preparação avançadíssimo, quando outros há que ao fazê-lo (muito mais frequentemente) são uma vergonha?

Os três pianistas de que falámos foram todos alunos de Tania Achot e Paulo Santiago foi-o ainda de Sequeira Costa. Quando sabemos que estes dois famosos e ilustres músicos nunca tiveram facilidades em Portugal de se afirmar oficialmente como professores e que se afastam do nosso país e partem para o estrangeiro porque aí lhe fornecem condições minimamente dignas para a realização do seu trabalho, pensamos que «algo vai mal» no nosso meio artístico. Seremos tão **ricos** neste campo que deixemos assim escapar, indiferentemente, a oportunidade de criar uma verdadeira escola pianística (como parece pelo concerto a que assistimos se estava a fazer?). Precisaremos de mais provas, quando há pouco tempo também ouvimos o espantoso recital e o concerto fabuloso que Artur Subtil, aluno «em exlusivo» de Sequeira Costa desde os 5 anos, realizou em Lisboa?

Que realidade musical queremos, afinal?

Perguntas que ficam sem resposta e que os organismos competentes parecem esquecer.

Manuel Jorge Correia

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Marmeladas

«O Veterinário de Província» está a transformar-se num «caso». Um caso de simpatia. Prova-se que a popularidade pode atingir-se sem recurso ao «doping» da violência.

A sua popularidade seria maior colocada noutro horário. Dir-se-á que a RTP tem conveniência em trazer audiência à hora do almoço. Mas não se consente alternativa, neste caso. Quem não vê, não é porque prefira não ver: é porque não tem condições. Pode vir a ser um desarrincanço se a RTP, um dia, reeditar «o Veterinário» à noite, em ritmo de telenovela.

Vejam só as voltas do destino: para dar bom aspecto à RTP, só mesmo um veterinário.

Em «Loisas e coisas» ensinaram a fazer marmelada. A apresentadora dirigia-se às mulheres das cidades especialmente, porque, esclarecia, as da província já fazem marmelada na perfeição. Ora essa, em matéria de marmelada, estou em crer que não se faz melhor do que em Lisboa, Porto, Coimbra, etc. Aliás, todas as portuguesas e portugueses fazem marmelada com abundância. É a nossa especialidade. Por esse país fora, particularmente no Verão, vê-se como os turistas apreciam a marmelada lusitana. Claro que nessa matéria, há sempre que aprender. A marmelada evolui, até porque os marmelos são, cada vez, de melhor qualidade e com melhor apresentação. Por isso estes programas são sempre de aplaudir.

Na programação da noite era imperioso assistir ao debate Álvaro Cunhal – Mário Soares. Lá fomos de longada até ao segundo canal.

Quase no fim, Álvaro Cunhal avançaria uma crítica pertinente à organização de semelhante debate. Muitas pessoas poderiam ser levadas a concluir que o problema fulcral do nosso país é uma confrontação PCP-PS – quando, na realidade, os elementos do confronto são bem outros e os perigos que nos cercam derivam doutra área.

Posto isto, é inegável que clarificar algumas situações traz sempre vantagem. Daqui, que o debate de ontem valesse a pena. Não se deve, porém, excluir a possibilidade de um debate a quatro – e não apenas entre Soares e Balsemão, como foi aliás sugerido pelo próprio... Mário Soares.

Em casos de tamanho melindre, importaria cuidar de rodeá-los da maior isenção. O corpo de entrevistadores e moderador era de uma banda só. Onde está o tão apregoado pluralismo?

Claro que, para além das opções ideológicas, há uma coisa muito simples chamada deontologia profissional. Isso levou, por exemplo, os jornalistas Bettencourt Resendes e Dinis de Abreu a manterem-se numa posição de equilíbrio, perguntando mas não esfaqueando. O mesmo já não se poderá dizer de um matacão chamado Vítor Direito que parou há muito tempo de crescer (se é que alguma vez cresceu) e que, mesmo quando joga ao berlinde, o faz tão penosamente que parece usar grandes esferas de chumbo.

Quanto ao debate propriamente dito, tivemos a imagem de um Álvaro Cunhal descontraído e altamente organizado (a ironia é, nas suas mãos uma arma terrível) e de Mário Soares nitidamente em baixo de forma, rosto permanentemente vincado, sem estruturas para o discurso, e sempre a criar armadilhas a si próprio para depois se entreter a ver como safar-se delas. Assim aconteceu, por exemplo, com o caso de Barrancos, com a história dos deputados do PS, com a referência ao 1.º de Maio no Porto, com a democraticidade dos sindicatos da UGT. Os documentos apresentados por Álvaro Cunhal «aleijaram» muito, e aquela de Mário Soares de não ter «serviços de informação» é muito feia e pesa muito em seu desfavor. Até porque Álvaro Cunhal utilizara notícias... do domínio público.

Evidentemente, Mário Soares move-se nas águas turvas com desenvoltura adquirida na longa prática. À sua aliança com a direita, ele responde: «pois sim, mas a Polónia...» Aos casos da Setenave e da CIMPOR, ele objecta: «O Afeganistão...» Aos dinheiros recebidos da Alemanha Federal, ele contrapõe: «... e o modelo soviético...» Não discute factos, impõe lugares-comuns de marmelada anticomunista, esta desgraça de marmelada. Não há absolutamente nenhuma diferença entre a linguagem de Mário Soares e a de Freitas do Amaral.

Curiosamente, Soares mostrou-se muito mais preocupado em apresentar uma imagem de direita do que um rosto de esquerda. Com um discurso de dois pólos: a «concertação» e o «diálogo». Mas diálogo com quem? Com o PCP? Isso não. Logo, é fácil adivinhar com quem.

«Concertação?» Mas quem tem beneficiado com esta «concertação»? A Reforma Agrária? Os trabalhadores? As empresas nacionalizadas? Claro que não. Logo, não se tratará de uma concertação... sem conserto?

Bom. Fiquemos à espera do tal debate entre a oposição e o Governo. Já basta de monólogo. Quer dizer: Já basta **de Telejornal.**

Hoje

Inicia-se esta noite na RTP-1 uma nova série intitulada «Lar Doce Lar»

18.32 **Tempo dos Mais Novos**
19.00 **País, País**
19.25 **Desenhos Animados**
19.45 **O Homem e a Terra**
20.25 **O Tempo**
20.30 **Telejornal**
21.05 **Vamos Jogar no Totobola**
21.15 **«Lar Doce Lar»** – 1.º episódio. Intérpretes: John Bluthal, Arianthe Galanti, Christopher Bell, Carmen Eanti Mils Buchanan e Maria Rosa Cerizza. Produção e realização: Michael Mille.
21.50 **Liberdade para Escolher**
22.55 **Fátima** – transmissão das cerimónias realizadas na Cova da Iria.
23.25 **Último Jornal**

O actor Rock Hudson, um dos intérpretes do filme «O Meu Maior Pecado»

19.00 **País, País**
19.30 **Programa Musical** – Musicaqui.
19.50 **«Sítio do Picapau Amarelo»**
20.30 **Informação/2**
21.00 **Cine-Clube/2** – «O Meu Maior Pecado». Intérpretes: Dorothy Malone, Rock Hudson, Robert Stack, Jack Carson e Robert Middleton. Realização: Douglas Sirk. Ano de estreia: 1957.

Amanhã

10.00: Transmissão Directa das Cerimónias de Fátima; **13.30**: Primeiro Jornal; **14.00**: «Veterinário de Província»; **18.30**: Tempo dos Mais Novos; **19.00**: País, País; **19.30**: Desenhos Animados; **20.00**: Coleccionando; **20.25**: O Tempo; **20.30**: Telejornal; **21.05**: Noite de Cinema; **23.00**: Último Jornal.

19.00: País, País; **19.30**: Desporto Plural; **19.50**: O Homem-Aranha; **20.30**: Informação/2; **21.00**: Variedades; **22.15**: Viagem para a Felicidade; **23.00**: Concerto.

TOBOM

— Companhia de Criação e Comércio de Gados, SARL

COMUNICADO

O Grupo de Trabalho, eleito em plenário de trabalhadores realizado na Fábrica do Montijo, no passado dia 7 do corrente e posteriormente reunido em 8 do corrente, vem esclarecer a opinião pública de que tendo tomado conhecimento da grave situação em que se encontra a Empresa, decidiu exigir ao secretário de Estado do Comércio, dr. Escaja Gonçalves, a solução do problema, no sentido de poder ser garantida a manutenção dos postos de trabalho dos 258 trabalhadores da Empresa, suspensos desde o passado dia 1 do corrente, responsabilizando-o, desde já, pela respectiva suspensão.

Mais alertam a opinião pública que a sua luta se insere num problema de estruturas de preços e não em quaisquer lutas político/partidárias, pois estão em equação os seus postos de trabalho.

Lisboa, 11 de Outubro de 1982

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA – Dep. de Confecções

Av. João XXI, 5-D – 1100 – Rua Infantaria, 16-55-C – 1300 LISBOA

JOSÉ AIRES SANTA CLARA GOMES

Maria Matilde Dória Monteiro Santa Clara Gomes, Henrique José Monteiro Santa Clara Gomes, mulher e filhos, Maria Antonieta Santa Clara Gomes, Maria Tomázia Santa Clara Gomes, Maria Teresa Dória Santa Clara Gomes, Romano Santa Clara Gomes, mulher e filhos, Gonçalo Aires Santa Clara Gomes, mulher e filhos, Maria Inês Santa Clara Gomes Carvalho Neto, marido e filhos, Maria de Jesus Santa Clara Gomes, participam a morte do seu marido, pai, sogro e avô, e que por sua Alma será celebrada missa na Igreja de S. Mamede, 4.ª-feira, dia 13, pelas 19.15 horas desde já agradecendo a todos os que nestes momentos os têm acompanhado com as suas orações e amizade.

AGÊNCIA MAGNO – Tel. 534167

NÃO FUMÉ EM RECINTOS FECHADOS

NÃO FAÇA LUME PROTEJA AS FLORESTAS

FORÇA AÉREA

PESSOAL CIVIL — CONCURSO DE ADMISSÃO N.º 18/82

PSICOLOGIA

Está aberto concurso de admissão de Técnico Superior de 2.ª Classe (Letra G) para o Quadro Geral de Pessoal Civil da Força Aérea.

Prazo de abertura: 30 dias a contar da data de publicação do aviso no «Diário da República».

Informações detalhadas: Direcção do Serviço de Pessoal na Rua Rodrigues Sampaio, 99 — 1100 LISBOA (Tel.: 554102/7) das 09 às 12 horas.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...

«Lar Doce Lar» (21.15)

«O Meu Maior Pecado» (21.00)

...e sugere para hoje...

21.00 CINE CLUBE/2
«O MEU MAIOR PECADO»

(Tarnished Angel)

A história de uma companhia de artistas ambulantes, sobrevivendo, durante a Depressão, como os próprios problemas internos.
Intérpretes: Dorothy Malone, Rock Hudson, Robert Stack, Jack Carson e Robert Middleton.
Realização: Douglas Sirk
Ano de estreia: 1957

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Cinema

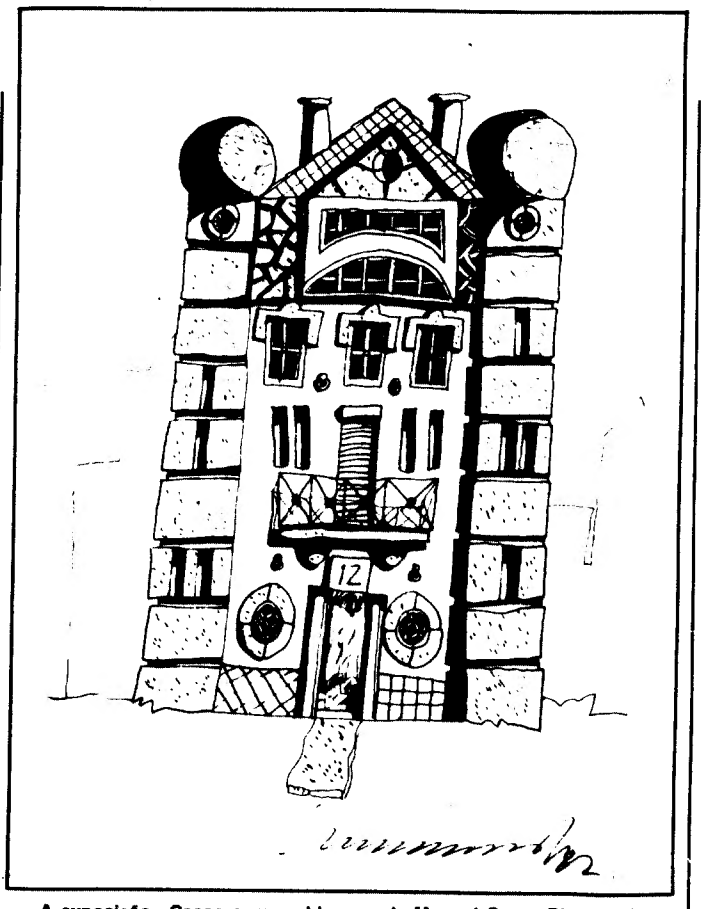
Prossegue, hoje, no Estúdio 444, às 18,30, o ciclo que o ABC Cine-Clube de Lisboa está a dedicar aos «cineastas americanos nascidos da guerra», sendo exibido o filme de Elia Kazan, «Viva Zapata» (1952), com Marlon Brando no protagonista.

Viana do Alentejo

De hoje até sábado vai decorrer na Casa do Alentejo, em Lisboa, a 1.ª Semana do Concelho de Viana do Alentejo. Programa: hoje, às 21 horas, abertura ao público de uma exposição fotográfica e documental, que se manterá aberta até dia 16, das 11 às 24 horas; dia 14, Dia do Barro – trabalho na roda, durante a tarde e a noite, pela Tia Filipa, oleira vianense de 84 anos de idade, e venda de peças de barro; 15, Dia do Chocalho – durante o dia e a noite um chocalheiro da vila de Alcáçovas fará várias demonstrações sobre a feitura dos chocalhos (venda de chocalhos); às 21 horas, debate sobre os problemas económicos, culturais e sociais do concelho, com a presença do presidente da Câmara Municipal, vereadores e técnicos; dia 16, às 11 horas, chegada, junto ao Teatro Nacional D. Maria II (Rossio) da caravana vinda de Viana do Alentejo, seguindo-se um desfile até à Casa do Alentejo; às 13 horas, almoço de confraternização e convívio, durante o qual actuarão os grupos corais de Viana do Alentejo e Alcáçovas, Banda da Sociedade União Alcaçovense, poetas populares, grupo de música popular e ainda um grupo coral alentejano radicado na zona de Lisboa.

Rádio

Destaques do Programa 2 da RDP: às 21 horas, «Escrever hoje» – Olga Gonçalves leva-nos com o seu último livro «Ora Esguardae» à memória do 25 de Abril, aos que para trás ficaram e aos anos que depois vivemos (realização de José Manuel Nunes); às 22,30 «O Gosto pela Música», um programa de João de Freitas Branco sobre os Sextos Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea.



A exposição «Casas com molduras», de Manuel Graça Dias, está patente na Árvore, do Porto

Teatro

«Oiçam como eu respiro», cuja 100.ª representação há dias se assinalou, continua a patentear uma afluência de público que não oscila, tratando-se de um grande êxito. A peça, de Dario Fo-/Franca Rame, é apresentada de 3.ª a sábado no Teatro Aberto, às 21,30, numa encenação de João Lourenço, com cenários de António Casimiro, música de Pedro Osório, canções por Dina, dramaturgia de Vera San-Payo e interpretação de Irene Cruz, Cármen Santos e Melim Teixeira. O espectáculo foca o tema da condição feminina em geral, desdobrando-se em quatro sequências que desenham mais em detalhe três situações da vida da mulher no tempo quotidiano, e ainda uma final dedicada à figura mítica de Medeia, dada agora como defensora do direito da mulher à maioridade social.

No Roller-Bar (R. Ricardo Espírito Santo, 6-A) inaugura-se hoje uma exposição subordinada ao tema «O Cabaret como espaço de crítica na Alemanha entre 2 guerras», na sequência do espectáculo «Meu nome é som e fumo», com Zita Duarte, ainda em representação no local.

Exposições

Na Cooperativa Árvore, do Porto, está patente uma exposição do arquitecto Manuel Graça Dias, denominada «Casas com Molduras». Na Árvore, ainda, está também patente uma exposição da canadiana Renée Gagnon denominada «Musseques». Esta mostra engloba pinturas e gravuras e encerra no próximo domingo. Entretanto, no Auditório da Árvore, decorre uma mostra de cinema checoslovaco, com filmes inéditos no nosso país.

«A Arte no concelho do Seixal» é o tema de uma exposição patente na sede do Independente Futebol Clube Torreense, integrada nas actividades do 2.º Espaço Cultural promovido por aquela colectividade, em colaboração com o município.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

1º JUÍZO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2ª e última publicação do respectivo anúncio Execução Ordinária n.º 282 2ª Secção Exequentes — ANTÓNIO HIPÓLITO, casado, comerciante, de Lisboa, — Executado — «CORTIÇAS GONÇALVES, LDª», com sede no lugar do SEIXALINHO, no Montijo.

Lisboa, 6 de Outubro de 1982

O Juiz de Direito,
Dr. Francisco Rosa da Costa Raposo

O Escrivão Adjunto,
José de Oliveira Leite

ANÚNCIO

2.ª Publicação

O doutor Fernando Amâncio Ferreira, Mm.º Juiz de Direito da 3.ª Secção do 9.º Juízo Cível de Lisboa.

Faço saber que pelo Juízo de Direito desta comarca e terceira secção correm éditos de vinte dias, contados da publicação do respectivo anúncio, citando os credores desconhecidos do(s) executado(s) Sociedade de construções A.L. Simões Lda, com sede na Vinha do Jardim Caxias, para no prazo de dez dias, posterior aquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na Execução de Sentença movida por Sopecate Sociedade de Pesquisas Captações de Águas e Transportes, Ld.ª, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados. Proc.º 171/B.

Para constar se passou o presente que vai ser legalmente afixado.

Lisboa, 6 de Outubro de 1982

O Juiz

a) Fernando Amâncio Ferreira

O Escrivão Adjunto

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864
BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DAS NOTAS (Por unidade)

	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	70$05	75$05
ALEMANHA FED. (marco)	34$95	36$05
ÁUSTRIA (xelim)	4$85	5$05
BÉLGICA (franco)	1$638	1$838
BRASIL (cruzeiro)	$112	$362
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	71$05	73$05
(notas de 5 a 1000)	71$55	73$55
DINAMARCA (coroa)	9$90	10$30
ESPANHA (peseta)	$736	$836
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	87$40	89$40
(notas de 5 a 1000)	87$90	89$90
FINLÂNDIA (marka)	16$10	16$70
FRANÇA (franco)	12$35	13$05
HOLANDA (florim)	32$00	33$00
INGLATERRA (libra)	150$90	154$90
IRLANDA (libra)	119$45	123$45
ITÁLIA (lira)	$056	$066
JAPÃO (iene)	$301	$336
NORUEGA (coroa)	12$15	12$65
SUÉCIA (coroa)	11$95	12$55
SUIÇA (franco)	40$95	42$05
VENEZUELA (bolivar)	18$05	19$05

Observações:
1 – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Ovo de Colombo; **17.30**: A figura, o figurante; **18.15**: Quatro rodas + uma; **19.00**: Música; **20.00**: Programa da noite; **20.15**: «Os Emigrados», de Judith Navarro; **21.00**: A voz da solidariedade; **22.00**: Transmissão directa da Cova da Iria das cerimónias religiosas da Peregrinação Internacional de Outubro. Noticiários intercalares às **16.00** **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

16.10: Música para tecla; **17.00**: Música jazz; **17.45**: Árias de ópera; **18.05**: Tempo de bailado; **18.35**: «Tasso. Lamento e Triunfo», de Liszt; **19.00**: Música em diálogo; **19.30**: Sinfonia n.º 8, em ré menor, de Vaughan Williams; **20.10**: Trechos de óperas; **20.30**: O homem sem tempo; **21.00**: Escrever hoje; **21.40**: Música de câmara; **22.30**: O gosto pela música; **23.00**: Intercâmbio musical; **23.45**: Música sinfónica; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.45: Teatro trágico; **17.03**: Ora hora; **20.03**: Tempo de espectáculos; **20.30**: Quando o telefone toca; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto: **23.08**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.03: Rock em stock; **18.03**: Círculo em FM; **19.03**: Musical; **21.03**: Abandajazz; **22.03**: Café concerto; **00.03**: Rolls rock. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Om e FM de Lisboa

15.00: Três vezes seis; **16.00**: Aqui e agora; **17.00**: Jornal da mulher; **18.15**: Igreja em notícia; **18.20**: Palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.03**: Programa da LAR; **20.00**: Dé no vinte; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Pentagrama; **22.00**: Transmissão das cerimónias religiosas do Santuário de Fátima; **23.55**: Meditando.

Noticiários intercalares às 16.oo, 17.00, 21.00 e 22.00 horas

Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao de OM e FM de Lisboa; excepto nos seguintes casos: **16.00**: Todos à uma; **21.00**: Programas culturais; **21.30**: Via Láctea.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 550

HORIZONTAIS:

1 Aquele que. Separar.
2 Dá urros. Avarenta.
3 Época. Peregrino ou romeiro de Meca. Arara.
4 Batráquio. Grande desordem. Chefe etíope (inv.).
5 Serra de Portugal. O mesmo que uma (ant. e pop.). Apelido.
6 Donzela de Orleães. Sadias.
7 Embarcações parecidas com o bote, usadas no rio Tejo. Tripa de sardinha que serve para isca.
8 Fedor. Devastai (fig.).
9 Afrouxara. Nome de homem.
10 Rio da Rússia. A Tailândia. Fileira.
11 Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh! Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Ruído.

VERTICAIS:

1 Tenciono. Proferiu.
2 Dás urros. Termina.
3 Época. Divisões de uma casa.
4 Miriare. Ministro do caimio, no antigo regime do Japão. Abreviatura de Santíssimo.
5 Autores. Pesquisais.
6 Remunerou. Curas.
7 Prevines. Reino da Federação Indochinesa.
8 Rádio (s.q.). Estima.
9 Após. Foras para fora.
10 Palmeiras do Japão. Grito.
11 Guarneceriam de arames.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

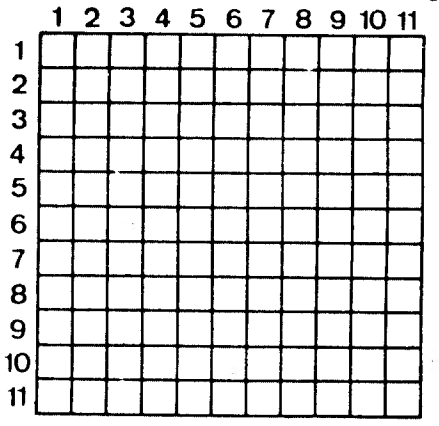
NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9410

HORIZONTAIS:

1 Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. Asas do nariz.
2 Aleia. Estreito.
3 Fora para fora. Entusiasmo (fig.).
4 Língua do grupo coltaico (do Sudão e da Guiné) espalhada entre Sansanné-Mango e Sokodé. Pequeno símio do Brasil. Género de palmeiras do Brasil.
5 Guarneceu de asas. Minara.
6 Senhor. Separar de.
7 Trituravas.
8 Nome de letra. Trataras por tu.
9 Espírito. Chega.
10 Menina (Bras.). Batráquio. Era cristã.
11 Senhoras. Ordem.

VERTICAIS:

1 Bordão. Progenitores.
2 Içais. Dar a cor do mel a.
3 Que tem reima. Dá mios.
4 Rio da Suiça. Cantão da Suíça. Duna na Suécia.
5 Carta de jogar. Autores.
6 Antes de Cristo. Vira.
7 Atais. Empregar.
8 Eia! Costumavas.
9 Bigorna de ourives. Alumínio (s.q.). Letra grega.
10 Torna loiro. Estimem.
11 Sair frequentemente à rua. Fole.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 549

HORIZONTAIS:

1 O. TRABALHO.
2 Caras. Ria.
3 Amassara. Be.
4 Sovou. Sal.
5 Ira. Má. Ba.
6 Reina. Cai.
7 Ela. Omar.
8 Sa. Casa. Dr.ª.
9 Viam. Ru. Ea.
10 Dá. Mora. Mad.
11 Arrás. Mês.

VERTICAIS:

1 Ocasiões. DA.
2 Amor. Lavar.
3 Travara.
4 Raso. Cama.
5 Assumi. Amos.
6 A. Anos.
7 Arre! Amaram.
8 Lia.
9 Há. Saira. Ms.
10 Ba. Rea.
11 FELICIDADE.

Provérbio: **O TRABALHO DÁ A FELECIDADE**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9409

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Copa. Salgar.	1 Calas. Moças.
2 Aba. Casaras.	2 Óbolos. Oro.
3 Lo. Cor. AR.	3 Pá. Amaras.
4 Alar. Apitar.	4 Cromar. Ta!
5 Somos. Irou.	5 Co. Soltar.
6 Samora.	6 Sara. Raivar.
7 Rala. Au.	7 As. Pia. Gema.
8 Artigos.	8 La. Ir. Solas.
9 Cós. Avelãs.	9 Gratos. Sara.
10 Ar. Tramaram.	10 Aarau. Sai.
11 Sora. Rasais.	11 Rs. Sul. Ms.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45
– Int. men. 13 a.
OS AMIGOS DA ONÇA

SALA B

Às 14.45, 17.30, 21 e 23.30
– Int. men. 13 a.
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

ALVALADE 897480
Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

FESTIVAL DISNEY DE VERÃO
10.ª Semana
– Para Todos

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– Int. men. 13 a.
MISSING (DESAPARECIDO)
c/ Jack Lemmon, Sissy Spacek e Melanie Mayron
7.ª Semana

AVIS 547163
Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
RAIVA SILENCIOSA
2.ª Semana

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A GUERRA DO FOGO
2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
JERRY, PRIMEIRO TURISTA NO ESPAÇO
2.ª Semana

CASTIL 530194
Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
UM PENDURA DOS DIABOS
– N. ac. men. 13 a.
2.ª Semana

CINE 222 579460
Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
ESPLENDOR NA RELVA
– Int. men. 13 a.
11.ª Semana
Às 24 – N. ac. men. 18 a.
OS 7 MAGNÍFICOS

CINEBOLSO 573407
R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
SEXO CONTRA-RELÓGIO
Às 24
– Int. men. 13 a.
AS HERDEIRAS

CINE BLOCO 556824
Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
AS CONFISSÕES DE WANDA MASOCH
– Int. men. 18 a.
2.ª Semana
Às 24 – N. ac. men. 13 a.
A FILHA DO MINEIRO

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
OS CÃES DO ÓDIO

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
CONAN E OS BÁRBAROS

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
A GUERRA DO FOGO
– N. ac. men. 13 a.
2.ª Semana

ESTÚDIO 555134
Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
A ESPADA E O FEITICEIRO
– N. ac. men. 18 a.
6.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UM PENDURA DOS DIABOS
c/ Michele Blanc e Thérese Giotard

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
CONAN E OS BARBAROS
– Int. men. 13 a.
2.ª Semana

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A CASA DO LAGO
13.ª Semana

LUMIAR 79 52 96
Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1/6/82

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Alvares Cabral, 37

Às 15.30 e 21.30 – Para Todos
OS DOIS MISSIONÁRIOS
3.ª Semana

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O DRAGÃO DO LAGO DE FOGO
2.ª Semana

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OS ANOS DE CHUMBO
Um filme de Margarethe Von Trotta

ODEON 328283/4
R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS 3 INDOMÁVEIS, MALUCOS
3.ª Semana

PATHE 821933
R. Francisco Sanches, 122

Às 15.15 e 21.30 – Int. men. 13 a.
CÃES DE PALHA

ANNEMARIE DURINGER numa cena do filme «A SAUDADE DE VERONIKA V[illegible] realizado por FASSBINDER, a exibir brevemente no QUARTETO.

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 15, 17, 19 e 21.15
YOL
– Int. men. 13 a.

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15.
– Int. men. 13 a.
TRAGÉDIA DE UM HOMEM RIDÍCULO
de Bernardo Bertolucci

SALA 3
Às 15, 17, 19, 21.30
– Int. men. 13 a.
ATLANTIC CITY, USA
de Louis Malle

SALA 4
Às 14, 16.30, 19 e 21.15
– N. ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES

ROMA 887778
Av. de Roma, 14 M-N

às 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
CAMPEÃO DE LOTARIA
2.ª Semana

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

– Int. men. 13 a.
A TURMA DOS MALANDROS
6.ª Semana

S. JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
ROCKY III
c/ Sylvester Stallone e Talia Shire
6.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
– N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
c/ Meryl Steer e Jeremy Irons
42.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 13.45, 17.30 e 21.15
REDS
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
– N. ac. men. 13 a.
28.ª Semana

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
NIJINSKY
– Int. men. 13 a.
3.ª Semana

7.ª ARTE 730715
Av. República, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 23.30
– N. ac. men. 13 a.
ROCKY III
2.ª Semana

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às [illegible] 5 e 21.30
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
– N. ac. men. 13 a.
5.ª Semana

TERMINAL 371573
Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES
4.ª Semana

TIVOLI 570[illegible]
Av. da Liberdade, 188

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
PORKY'S
Int. men. 13 anos
11.ª Semana

VOX 880[illegible]
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.30, 18 e 21.30
UNS E... OS OUTROS
– N. ac. men. 13 a.
51.ª Semana

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.45, 19 e 21.30
NIJINSKY
– Int. men. 13 a.
3.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «Porky's», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 – «Missing», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «A Boa Aventureira», sessões permanentes (18 anos)
POLITEAMA – «Raiva Silenciosa» às 21.30 (18 anos)
CITY CINE – «Táxi Driver», às 21.30 (18 anos)
MUNDIAL – «A Guerra do Fogo», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «Os Bandoleiros da 12.ª Hora», às 21.30 (18 anos)
2000 – «A Vingança de Shaolin», às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «Uns e... os Outros», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «Viúvas Ardentes». às 21.00 e 23.00 (18 anos)
PÁTRIA – «Delícias no Liceu», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «Os Conquistadores do Oeste», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Em Busca da Verdade», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Os Heróis», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Lulu», às 21.15 (13 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «Inferno», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «Blue Jeans» (Parte II), às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Palácio – «Foi-se o Tesouro Ficou o Amigo», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «A Sobrinha é de Gritos», às 21.30

Outra banda

COSTA DE CAPARICA – Silcine – «Afinal Eles São Elas», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «Dueto da Corda», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Incrível – «A Ilha dos Ursos», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «A Guerra dos Abismos», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim – «A Bomba Com Todos», às 21.15 (13 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «A Turma dos Malditos», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

CACÉM – Estúdio Flores – «Rali Infernal», às 21.30 (13 anos)
DAMAIA – D. João V – «Marco Polo», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cine-Plaza – «007, os Diamantes São Eternos», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «007, o Homem das Pistolas douradas», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «A Noite Fez-se Para Amar», às 21.15 (18 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «O Homem das Pistolas de Ouro», às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Borrachos e Borrachinhos», às 21.30 (13 anos)

Porto

TRINDADE – «A Escolha das Armas», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO – «O Dragão do Lago de Fogo», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «A Espada e o Feiticeiro», às 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIZ – «O Terror do Far-West», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.45 (13 anos)
ESTÚDIO – «A Morte de um Deputado», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «O Conan e os Bárbaros», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «A Homenagem», às 21.30 (13 anos)
TERÇO – «Serpico», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «Conan e os Bárbaros», às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Caixinha de Prazeres», às 21.30 (18 anos)
RAIONE – «Par ou Impar» as 21.30 (13 anos)
BEBE – «As Portas do Céu», às 21.30
COLISEU – «A Guerra do Fogo» às 21.30 (13 anos)
FOCO – «Missing», às 21.30 (18 anos)
OLIMPIA – «Carreira na Cama», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO – «Festival Disney de Verão», às 21.30 (6 anos)
LUMIÈRE-A – «A Mulher do Lado», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «Os Repetentes em Férias», às 21.45 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

AREEIRO - APEADEIRO: Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); **CALVÁRIO - ALCÂNTARA: Lupi Nogueira**, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); **CAMPO PEQUENO - ROMA: Galeno**, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); **CARNIDE: Leal de Matos**, R. Neves Costa, 33-35 (T. 780181); **CONDE BARÃO: Moz Teixeira**, R. Poço dos Negros, 117 (T. 601961); **ESTEFÂNIA: Universal**, R. Actor Taborda, 5-7 (T. 44158); **LUMIAR: Patuleia**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **MARQUÊS DE POMBAL: Liberal**, Av. da Liberdade, 219 (T. 543641); **MARTIM MONIZ: Tavares**, R. da Palma, 194 (T. 863350); **SAPADORES: Branquinho**, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); **ALGÉS: Combatentes**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953); **BRANDOA: Tavares de Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 911139).

REFORÇO

ALTO DO PINA: Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 841912); **ALVALADE: Roma**, Av. de Roma, 85–B (T. 772466); **BAIXA: Valadas**, R. da Madalena, 235 (T. 872060); **BENFICA - CEMITÉRIO: Lisboa**, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393); **CAMPO D'OURIQUE: Castro Fonseca**, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857); **CHELAS: Banha**, E. de Chelas, 173-175 (T. 382241); **JERÓNIMOS: Remísio**, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699); **LAPA: Mota Capitão**, R. São Félix, 45-B-C (T. 660720); **OLIVAIS SUL: Higiene**, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); **SÃO SEBASTIÃO: Sá da Bandeira**, R. Marquês de Sá da Bandeira 36-42 (T. 554672); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912); **BURACA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T. 2519939).

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A-r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Saboia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; CASCAIS: Misericórdia R. Regimento 19- 41 (T. 280141) Permanente

Linha de Sintra

AMADORA: Carmele, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 933303). Permanente; **Dias & Brito**, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 934589). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ: André**, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043). Até às 22 horas; **CACÉM: Garcia**, Av. dos Missionários, 2 (T. 2942181). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Vila (T. 2930391). Permanente; **COLARES: Abreja** (T 299088).

Outra banda

ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira (T. 270504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 274356). Até às 22 horas; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta Gomes Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas (T. 2490305). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República (T. 2400020). Até às 19 horas.
SESIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **AMORA: Nova Amorense**, E. Nacional, 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824); **SEIXAL: Lusitiana**, P. Cândido dos Reis, 10, Arrentela (T. 221007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Montepio**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035); **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE: Gameiro** L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100).

LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 2531240). Até às 22 horas; **MOSCAVIDE: Santa Bárbara**, R. Francisco M. Beato (T. 2518918). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Permanente; **CAMARATE: Batalha** (T. 2518669). Até às 19 horas.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

LUSO-FRANCESA, R. Sá da Bandeira, 140; **SÃO JERÓNIMO**, R de Santos Pousada, 622; **SAÚDE**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 689; **CAMEIRA**, R. do Heroísmo, 90; **ALVES**, P. do Exército Libertador, 62.

DE DIA E TODA A NOITE

VILARINHA, R. da Vilarinha, 161; **LAPA**, R. Antero de Quental, 211; **BONFIM**, R. do Bonfim, 73; **GOMES CARNEIRO**, R. de Cedofeita, 348; **FERREIRA DE CARVALHO**, R. do Bonjardim, 354.

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

PAIVA, P. do Comércio (T. 23231).

teatros

Lisboa

ABC – «Chá e Porradas», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

MONUMENTAL – «Pai Precisa-se», às 21.30 (13 anos)

MARIA VITÓRIA – «Sem Rei Nem Rock!», às 20.30 e 22.45 (18 anos)

DL

PORTE PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.º – 1000 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

O TEMPO
MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

11.20	3,7 m	4.45	1,7 m
		17.34	1,4 m
Dia 13			
0.04	3,6 m	5.51	1,5 m
12.23	3,9 m	18.28	1,2 m

TEMPERATURA DO AR ÀS 9 HORAS

V. DO CASTELO	16°
BRAGANÇA	11°
VILA REAL	14°
PORTO	16°
P. DOURADAS	10°
COIMBRA	14°
C CARVOEIRO	16°
PORTALEGRE	12°
LISBOA	16°
ÉVORA	14°
BEJA	14°
SAGRES	17°
FARO	19°
P. DELGADA	21°
FUNCHAL	20°

últimas

DOIS MORTOS E TRÊS FERIDOS constituem o balanço provisório do acidente de viação ocorrido esta manhã na recta do Cabo, próximo de Vila Franca de Xira, envolvendo onze veículos que embateram em cadeia. As causas do desastre, que originou a morte de Leal Martins e Gracinda Rosa Pinheiro, são até ao momento desconhecidas.

UM TAXISTA MATOU O FILHO com três tiros de pistola, disparados à queima-roupa no Café «Sporting» no centro de Braga. discussões frequentes entre ambos, teriam estado na origem da tragédia. O agressor, Liberto Fernandes, de 48 anos, foi detido no local, enquanto a vítima, José Maria Correia Fernandes, de 23 anos, a prestar serviço na Marinha, foi conduzido ao Hospital de S. Marcos naquela cidade, onde os médicos se limitaram a confirmar o óbito.

RESPONSÁVEL POR 26 ASSALTOS nos arredores do Porto, acaba de ser desmantelada pela PJ uma quadrilha constituída por seis «operacionais» e quatro receptadores. As autoridades conseguiram recuperar vários dos objectos roubados e ainda seis caçadeiras de canos serrados.

FUGA DE RECLUSOS da Cadeia de Monsanto onde cumpriam penas de prisão, foi agora comunicada ao Piquete da Polícia Judiciária, embora a evasão já tenha ocorrido há dias. Ignora-se as condições em que José Guerreiro Soares e Manuel Francisco Revez, obtiveram esta liberdade que tanto pode ser precária como duradoira, dependendo, naturalmente, de vários factores.

MATOU A MULHER e anda a monte perseguido pela GNR de Guimarães, o trolha Manuel Martins Gonçalves, de 29 anos, que no lugar da Ponte, desfechou um tiro à queima-roupa na cabeça da companheira, Rosalina de Oliveira Pereira de 25 anos, provocando-lhe morte imediata. O casal dava-se mal e as agressões na mulher eram constantes.

Preparava-se um banho de sangue para o dia 27

Civis e militares golpistas tentam outra aventura com armas enviadas de Portugal

● *O correspondente do "DL"*

na lista dos "homens a abater"

MADRID (do correspondente do «DL» Fernando Jauregui) – A vigilância nas passagens de fronteira entre Espanha e Portugal será fortemente incrementada nos próximos dias, a fim de evitar que se intensifique uma possível entrada de armas em Espanha, disseram ontem fontes bem informadas. Tais armas, serviriam, segundo as fontes em causa, para organizar um exército ultra direitista civil que cooperaria com os militares extremistas na realização de golpe de Estado.

Embora, a «trama civil» do golpe que se preparava para 27 de Outubro, véspera das eleições gerais, não tenha sido descoberto, e só através de rumores se conheçam alguns dos nomes que teriam intervido na mesma, as autoridades dos Ministérios da Defesa e do Interior, que estão a investigar os factos, estão convencidas de que grupos civis organizados colaborariam com o exército na «neutralização» de numerosas pessoas, através de buscas feitas às suas casas.

Parece fora de dúvida, que o golpe de 27 de Outubro estava preparado, sem o menor escrúpulo, para ser um banho de sangue, e que há listas de numerosas pessoas «a neutralizar», isto e, a eliminar fisicamente. O golpe dos coronéis Munõz e Crespo (e não só) estava concebido com cânones estritamente terceiro-mundistas: bombardeamento se necessário dos palácios da Zarzuela (residência do rei) e da Moncloa (residência do primeiro-ministro), bombardeamento de outros centros militares e institucionais que opusessem resistência e seguidamente, buscas nas casas dos elementos democráticos, que pudessem opor-se à suspensão do processo democrático. A crueldade dos instigadores do golpe era, ao que parece, ilimitada, isto de acordo com as impressões policiais. Aparentemente as listas de gente a executar seriam muito semelhantes, segundo a revista «Câmbio 16», às conhecidas há alguns meses através de outra publicação, a revista socialista «Actual»: entre as pessoas que os golpistas pensavam eliminar encontram-se centenas de intelectuais, jornalistas (entre eles, este vosso correspondente) e vários milhares de democratas, publicamente conhecidos ou não, e classificados por províncias.

De acordo com o que foi contado pelos ministros da Defesa e do Interior, na sessão parlamentar durante a qual, na passada segunda feira, foram relatados alguns aspectos relacionados com o caso, as investigações policiais dirigem-se, em primeiro lugar para a recém-criada formação política «Solidariedad espanõla», o partido que pretendia apresentar como candidato à Assembleia dos Deputados, o tenente-coronel Tejero, o homem que a 23 de Fevereiro de 1981 se apoderou à pistola, dessa mesma assembleia. Por várias vezes estranhámos, nestas mesmas crónicas a decisão governamental de permitir a legalização de «Solidaridad espanõla», embora não fosse admissível que Tejero se apresentasse às eleições da cadeia onde se encontra. «Solidaridad espanõla», tal como alguns elementos de «Fuerza nueva», o partido de Blas Pinãr, podiam estar envolvidos na tentativa de golpe, no tráfico de armas com Portugal e na confecção de listas de elementos «a eliminar».

A mulher do agora detido coronel Munõz Gonzalez é uma militante activa de «Fuerza nueva», tal como as mulheres dos outros implicados na primeira intentona, de 23 de Fevereiro. Por outro lado, há numerosas fotografias do citado coronel, ao lado de Blas Pinãr, o líder de «Fuerza Nueva». Para mais, circulam com profusão os nomes de alguns ministros de Franco e de destacados banqueiros e homens de negócios como «inspiradores financeiros» do golpe, embora não existam provas. Ontem, o presidente do importante Banco de Santander, Emílio Botin, um dos homens mais poderosos de Espanha, negou num artigo enviado a **El Pais,** insinuações do líder comunista Santiago Carrillo que, indirectamente, o relacionava com o golpismo.

A sessão parlamentar de segunda-feira, durante a qual os ministros deram explicações muito escassas, deixou insatisfeitos quase todos os grupos políticos – excepto, naturalmente, o do Governo e o de Manuel Fraga, líder da direitista Aliança Popular. Mas a brutalidade do golpe, que se preparava com cumplicidade ainda mal especificadas (mas que, claro está, não se limitam aos três oficiais detidos), conhecida pela opinião pública através das escassas informações oficiais e jornalísticas, espanta e atemoriza os espanhóis. O que parece certo é também estar a dividir as Forças Armadas, uma parte importante das quais discorda abertamente de um **complot** tão sangrento, incivilizado, brutal e «terceiro-mundista», como o que estava ser preparado pelos seus companheiros de armas. Não parece arriscado afirmar que uma tal tentativa de golpe ia resultar numa nova guerra civil de Espanha.

Mas de momento, os preparativos eleitorais prosseguem, e nada parece poder evitar o triunfo do Partido Socialista de Felipe Gonzalez, no próximo dia 28. O que não quer dizer que «a central golpista» oculta em qualquer ponto do país vá descansar. Antes pelo contrário.

Bacilo de tuberculose em dez milhões de norte-americanos

Dez milhões de norte-americanos estão contaminados pelo bacilo da tuberculose, uma doença geralmente associada a más condições de higiene e alimentação.

A [illegible]nativa é fornecida por Laurence Farer, director do Serviço de Luta Anti-Tuberculose (SLAT), que sublinha ter este número tendência para se tornar estacionário, depois de tervindo a diminuir rapidamente desde os anos 50.

Referindo-se à tuberculose como «a doença dos pobres», por alastrar entre as pessoas mal alimentadas que vivem empilhadas os bairros degradados, Farrer acrescentou: «ainda temos muita miséria neste país e vastas camadas da população infactadas pelo bacilo. Parece termos atingido o nível para além do qual não é possível reduzir mais o número de tuberculosos».

o director do SLAT norte-americano baseia a sua estimativa no facto de o número de tuberculosos nos Estados Unidos ter conhecido uma queda vertical desde a descoberta dos novos medicamentos eficazes até 1968 e uma redução média de 5,6 por cento ao ano na década de 1968 a 1978. A partir desse ano o decréscimo tornou-se insignificante, mal passando de 1 por cento ao ano.

«Temos à nossa frente uma longa e difícil batalha até conseguirmos erradicar completamente a turberculose nos Estados Unidos» – afirma o médico. «Mesmo que o contágio desaparecesse por completo hoje, – acrescenta Farer os bacilos que infectam o organismo de milhões de pessoas continuariam a produzir casos de tuberculose declarada durante as prdoximas décadas».

Nos Estados Unidos

Ácido em gotas para os olhos provoca queimaduras

Dois habitantes de Grand Junction, nos Estados Unidos, ficaram com queimaduras nas córnea após terem aplicado gotas de «Visine» ao qual tinha sido adicionado ácido. No estabelecimento que vendeu o colorídio contaminado foi também descoberto um outro frasco de «Visine» nas mesmas condições.

Nos últimos meses tinham ocorrido casos idênticos nos Estados Unidos: em Agosto, três pessoas sofreram queimaduras depois de terem utilizado gotas para os olhos e o nariz às quais tinha sido adicionado ácido sulfúrico. Em Dezembro do ano passado diversas pessoas foram vítimas de idêntico percalço. A recente descoberta do «Visine» adulterado teve particular repercussão nos Estados Unidos, por ter occorrido menos de duas semanas após ter sido divulgado o caso do Tylenol envenenado com cianeto.

Durante seis meses

Pratos confeccionados com arsénico

Durante seis meses uma cidadã da Alemanha Federal ingeriu semanalmente pequenas doses de arsénico, que lhe eram servidas pelo seu marido, um químico de Detmold. O insólito caso, que a prolongar-se um mês teria levado Anette, de 29 anos, à morte, foi detectado a tempo pelo médico desta, que descobriu o sintoma de envenenamento por arsénico: estrias brancas sob as unhas. O marido de Anette, Gehard S., de 37 anos, que no passado domingo confessou querer envenenar a mulher, injectou pequenas doses de arsénico nos pratos que semanalmente confeccionava para ela. Ao que parece o seu objectivo seria o de alcançar liberdade total para estar com a sua amante.

Com a presença de Angelo Correia

"Segurança" privada internacional reunida em assembleia no Estoril

As controversas companhias privadas de segurança (Securitas, Ronda, etc.) já «cobrem» entre 25 e 30 por cento das empresas que os seus «cérebros» pensam necessitar dos seus serviços, segundo foi ontem afirmado durante uma conferência de Imprensa promovida pela Associação Internacional das Companhias de Segurança, cuja assembleia geral decorre hoje e amanhã no Estoril. A reunião, a cuja sessão de encerramento presidirá o titular do MAI, Ângelo Correia, tem lugar numa altura em que as empresas portuguesas do ramo aguardam a publicação de um decreto-lei que irá regulamentar as actividades de segurança em Portugal. De acordo com o projecto de decreto-lei existente, as actividades de segurança privada poderão ser exercidas em Portugal por empresas especialmente constituídas para o efeito, por agentes individuais de segurança e pelos serviços internos das instituições de crédito em regime de auto-segurança.

MINI-CRUZEIRO A GIBRALTAR E CEUTA
A bordo do moderno paquete "FUNCHAL"
Classe única • Serviço de 1ª cl.

31/Out. a 3/Nov./82
(De LISBOA a LISBOA)
Preços excepcionais desde 15.900$
Vantajosas compras em Portos Francos
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu fundada em 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 803609
PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
PORTO - R. Eug. Castro, 256 - Tel. 691686
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

COMEMORAÇÕES DO 7 DE NOVEMBRO
Moscovo, Kiev, Minsk, Leninegrado, Moscovo
Partida 26/10 57 500$00
Hotéis de 1ª clas. em regime de pensão completa
TUDO INCLUIDO
GITUS
GRUPO INTERSINDICAL DE TURISMO SOCIAL
Av da Liberdade 7 3 1 Dt 1200 Lisboa
Tel 32 00 70-32 05 66 36 43 03